Companhia Usinas Nacionais

FÁBRICAS :

RIO DE JANEIRO

SÃO PAULO

SANTOS

TAUBATE'

JUIZ DE FORA

BELO HORIZONTE

NITEROI

CAXIAS - EST. DO RIO

SEDE:

RUA PEDRO ALVES, 319
TELEGRAMAS "USINAS"
TELEFONE 43-4830
RIO DE JANEIRO

Esta Revista foi composta e impressa na Gráfica Rio-Arte — S/A J. Lucena — Rua Mayrink Veiga, 22 — Rio de Janeiro

BRASIL AÇUCAREIRO

ANO VIII — VOL. XVI — DEZEMBRO 1940 — N.º 6

INSTITUTO DO AÇUCAR E DO ALCOOL

Criado pelos decretos ns. 22.789 e 22.981, respectivamente, de 1 de junho e 25 de julho de 1933

Expediente : nos dias uteis, de 9 horas às 11 e meia e de 13 e meia às 17 horas. Aos sábados, de 9 às 12 horas

COMISSÃO EXECUTIVA

Delegado do Banco do Brasil — A. J. Barbosa Lima Sobrinho, presidente.
Delegado do Ministerio da Fazenda — Alberto de Andrade Queiroz, vice-presidente.
Delegado do Ministerio do Trabalho — Otavio Milanez.
Delegado do Ministerio da Agricultura — Alvaro Simões Lopes.
Delegado dos usineiros de Pernambuco — Alde Sampaio.
Delegado dos usineiros de São Paulo — José Inacio Monteiro de Barros.
Delegado dos usineiros do Estado do Rio — Tarcisio de Almeida Miranda.
Delegado dos usineiros de Alagoas — Alfredo de Maia.
Delegado dos banguezeiros e plantadores de cana — Moacir Soares Pereira.

CONSELHO CONSULTIVO

Delegado dos usineiros da Baía — Arnaldo Pereira de Oliveira, presidente.
Delegado dos plantadores de São Paulo — Romeu Cuocolo, vice-presidente.
Delegado dos usineiros da Paraíba — Luiz Veloso.
Delegado dos plantadores da Paraíba — Osvaldo Trigueiro.
Delegado dos plantadores de Pernambuco — Aderbal Novais.
Delegado dos plantadores de Alagoas — João Soares Palmeira.
Delegado dos plantadores de Sergipe.
Delegado dos usineiros de Sergipe — João Dantas Prado.
Delegado dos plantadores da Baía — José Augusto Lima Teixeira.
Delegado dos plantadores do Estado do Rio — Dermeval Lusitano de Albuquerque.
Delegado dos usineiros de Minas Gerais — Joaquim Azarias de Brito.
Delegado dos plantadores de Minas Gerais — José Pinheiro Brandão.

Sede: RUA GENERAL CAMARA, 19-4°, 6° e 7° ands.

Endereço telegráfico — COMDECAR — RIO DE JANEIRO — Caixa Postal, 420.

Fones: Presidencia, 23-6249; Vice-presidencia, 23-2935; Gerencia, 23-5189; Contabilidade, 23-6250; Secretaria, 23-0796; Almoxarifado, 23-6253; Alcool-motor, 23-2999; Estatística, 43-6343; Fiscalização, 23-6251; Publicidade, 23-6252; Secção Jurídica, 23-6161; Funcionalismo, 43-6109; Portaria, 43-7526, Gabinete Médico, 43-7208; Estudos Econômicos, 43-9717.

Secção Técnica — Avenida Venezuela, 82 — Tel. 43-5297.
Depósito de alcool-motor — Avenida Venezuela, 98 — Tel. 43-4099.

DELEGACIAS REGIONAIS NOS ESTADOS

PARAIBA — Rua Barão do Triunfo, 306 — João Pessoa.
PERNAMBUCO — Av. Marquês de Olinda, 58 — 1.° — Recife.
ALAGOAS — Edificio da Associação Comercial — Maceió.
SERGIPE — Avenida Rio Branco, n.° 92, 1.° and — Aracajú.
BAÍA — Rua Miguel Calmon, 18-2.° and. — São Salvador.
RIO DE JANEIRO — Edificio Lizandro — Praça São Salvador — Campos.
SÃO PAULO — Rua da Quitanda, 96 — 4.° — São Paulo.
MINAS GERAIS — Palacete Brasil — Av. Afonso Pena — Belo Horizonte.

DISTILARIA CENTRAL DE PERNAMBUCO: Cabo — E.F. Great Western — Pernambuco.
Endereços :
Postal — Caixa Postal, 97 — Recife
Telegráfico — DICENPER — Recife

DISTILARIA CENTRAL DO ESTADO DO RIO: Estação de Martins Lage — E. F. Leopoldina.
Endereços :
Postal — Caixa Postal, 102 — Campos
Telegráfico — DICENRIO — Campos
Telefônico — Martins Lage 5.

SUMARIO

DEZEMBRO DE 1940

POLITICA AÇUCAREIRA 3
ANUARIO AÇUCAREIRO 4
PREPARAÇÃO DA CANA PARA MOAGEM 4
DIVERSAS NOTAS — Mercados internacionais — Excessos da produção do Estado do Rio — Açucar para Portugal — Alcool motor — A defesa do açucar banguê em Pernambuco — Financiamento do banguê de Alagoas — Distribuição de açucar das usinas de Pernambuco e Alagoas — Cooperativa dos Usineiros de Pernambuco — Uma retificação 5
PODE-SE EXTRAIR O ACUCAR DA TAMARA? 10
MEMORIA SOBRE O PREÇO DO ASSUCAR — D. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho 11
EXPORTAÇÃO 18
TENDENCIAS DO DESENVOLVIMENTO E TRANSFORMAÇÕES DA INDUSTRIA ACUCAREIRA MUNDIAL NOS ULTIMOS 25 ANOS — Dr. Hugo Ahlfeld 19
DESPACHOS DO PRESIDENTE DO I.A.A. 33
O DRAMA DOS CARBURANTES 40
CRONICA ACUCAREIRA INTERNACIONAL 46
BALANCETE E ORÇAMENTO DO I.A.A. 50
PLANO DE PREVISÃO DAS SAFRAS DE ACUCAR — Gileno Dé Carli .. 53
AUTARQUIAS 61
ACUCAR ENGARRAFADO 61
ATAS DA COMISSÃO EXECUTIVA DO I.A.A. 62
PODE A INDUSTRIA DIRIGIR-SE A SI MESMA? — (Continuação) — O. W. Willcox 64
CARGA E DESCARGA MECANICA DE ACUCAR EM PERNAMBUCO .. 66
QUADROS DA SECÇÃO DE ESTATISTICA DO I.A.A. 67
ALCOOL MOTOR — Agamenon Magalhães 71
CANAVIAIS A IRRIGAR — Apolonio Sales 72
RENDIMENTOS DE VARIEDADES DE CANA EM PORTO RICO 72
PUBLICAÇÕES 73
COMENTARIOS DA IMPRENSA 74
INDICE ALFABETICO E REMISSIVO 76
EXPERIENCIA NA LUISIANA 98

ANUNCIOS

NOTICIAS DE PETREE & DORR 2
USINA SERRA GRANDE S/A. 10
SOCIEDADE CONSTRUCTORA DE DISTILARIA E INDUSTRIA CHIMICA LTDA. 13
LES USINES DE MELLE 44-45
E. G. FONTES & CIA. 49
CERA CRISTAL 55
GONÇALVES FONSECA & CIA. 60
LUIK & KLEINER LTDA. 66
COMPANHIA ANILINAS E PRODUTOS QUIMICOS DO BRASIL 71
TINTA SARDINHA 98
COMPANHIA USINAS NACIONAIS ..... Capa

Redação e Administração - RUA GENERAL CAMARA N.º 19 - 7.º Andar - Sala 12
Telefone - 23-6252 — Caixa Postal, 420
Diretor: MIGUEL COSTA FILHO
Redator principal: Joaquim de Melo
Redatores: Gileno Dé Carli, Teodoro Cabral, José Leite e Renato Vieira de Melo.

Noticias de Petree & Dorr

Apesar da guerra e das dificuldades de comunicação com o escritorio central em Paris, a Société de Sucréries Brésiliennes continua realizando seu programa de modernização e melhoramento dos processos nas Usinas, com a terceira encomenda para a instalação completa de Clarificação COMPOSTA DORR no Engenho Central de Piracicaba.

Em 1938 encomendou o equipamento de 2 clarificadores DORRS com turbomixers e distribuidor de cal para o Engenho de Vila Rafard.
" 1939 encomendou equipamento idêntico para a instalação da CLARIFICAÇÃO COMPOSTA DORR no Engenho de Porto Feliz, e agora
" 1940 uma instalação completa para o Engenho Central de Piracicaba.

Assim demonstra a Société de Sucréries Brésiliennes sua satisfação com a eficiencia e economia da Clarificação Composta DORR. Pela eliminação dos filtros Philippes e outros processos intermediarios antigos tem ganho mais de mil quilogramos de açucar diarios em cada engenho.

Tambem encomendaram um filtro Oliver 8 x 16, para o Engenho Central de Porto Feliz, do mesmo tamanho do filtro Oliver montado na Usina Amalia.

EQUIPAMENTO DE COBRE

A Casa Acme Coppersmithing & Machine Co. de Philadelphia, América do Norte, tem enviado técnicos de desenho e fabricação de distilarias a visitar a América do Sul, ficando varias semanas no Brasil. As pessoas interessadas em distilarias novas para alcool anidro ou superfino e alterações no equipamento existente devem escrever dando detalhes e especificações dos aparelhos de que precisam orçamento.

A Casa Acme instalou varias distilarias em Cuba, em Porto Rico, na Venezuela e na Russia, alem das instalações maiores da América do Norte.

A Companhia Chimica Rhodia Brasileira encomendou varios aparelhos de cobre, aço inoxidavel, prata, etc., da Casa Acme Coppersmithing & Machine Co., achando vantajosos seus preços e desenhos.

A Casa Petree & Dorr Engineers Inc. — a mesma de antes.

PETREE & DORR ENGINEERS INC.

120 WALL STREET, NEW YORK CITY

Caixa Postal 3623 — Telefone 26-6084

RIO DE JANEIRO

BRASIL AÇUCAREIRO

Orgão Oficial do
INSTITUTO DO AÇUCAR E DO ALCOOL

ANO VIII — VOL. XVI DEZEMBRO DE 1940 N.º 6

POLÍTICA AÇUCAREIRA

A exportação de açucar pelo Brasil é um dos temas debatidos frequentemente na imprensa pelos que não conhecem ou, o que é peor, não querem conhecer as verdadeiras condições da nossa industria açucareira que, por produzir caro, não pode competir nos mercados externos com o similar de outros paises, onde a mão de obra é mais barata e o aparelhamento agrícola-industrial mais rendoso.

Entretanto, é hoje facil obter-se qualquer informação a tal respeito, porque o Instituto do Açucar e do Alcool controla inteiramente esse ramo do comercio, mantendo publicações que podem ser consultadas pelos interessados.

Ainda agora a Secção de Estatística do I.A.A. está distribuindo uma dessas publicações, referentes à exportação pelo Instituto de açucar, para o exterior, da safra de de 1939-40. Alem do retrospecto das exportações de 1931-32 a 1939-40, o trabalho contem diversos quadros sobre a exportação propriamente de 1939-40, compreendendo totais por procedencia e destino, relação dos compradores, quotas do equilibrio e de extra limites e Estados exportadores.

O cotejo das vendas de açucar para o estrangeiro das safras de 1931-32 e seguintes com a 1939-40 demonstra que os resultados dessa última superaram os de todas, embora estejam longe de seduzir como negocio, não só porque ainda deixaram sensivel prejuizo, como porque foram favorecidos pela guerra européia com o fechamento de outros mercados fornecedores. Em volume, essas vendas só foram excedidas pelas de 1935-36 — 1.722.501 sacos para essa e .... 1.007.322 para aquela. Ainda assim, em açucar cristal, ultrapassaram a maior safra anterior, que foi a de 1932-33, pois atingiram 569.357 sacos contra 296.262.

Mas em valor a exportação de 1939-40 bateu o "record". O valor do açucar exportado, inclusive preço de aquisição e mais despesas até o destino, montou a ..... 35.685:057$900. E o valor recebido das operações efetuadas alcançou 33.927:102$600, de onde o "deficit" de 1.757:955$300.

Para que melhor se perceba a significação desse "deficit", convem compará-lo com os das safras em apreço, a partir da de 1931-32, excluidas as de 1936-37 e de 1937-38, em que não houve exportação: em 1931-33, 6.573:189$755; em 1933-34, 9.117:641$090; em 1934-35, 21.555:963$550; em 1935-36, ... 18.972:368$250; em 1938-39, 7.783:155$800 e em 1939-40, 1.757:955$300.

Por outro lado, as diferenças do valor medio por unidade exportada acentuam mais os "deficits" verificados: em 1931-33, 8$275; em 1933-34, 22$520; em 1934-35, 21$584; em 1935-36, 10$983; em 1938-39, 8$898 e em 1939-40, 1$745. A media desses "deficits" é de 11$324.

Os paises importadores do açucar brasileiro, na safra de 1939-40, foram Inglaterra, Bélgica, Suiça, França, Portugal e Uruguai. Desses os maiores compradores foram a Bélgica e a França, respectivamente, com 386.424 e 292.873 sacos, mas ambos se acham hoje afastados do comercio exterior pela ocupação alemã e o bloqueio inglês.

Os únicos Estados exportadores, na mesma safra, foram Pernambuco e Alagoas. O primeiro concorreu para a quota do equilibrio com 315.942 sacos de cristal e 33.868 de demerara e para a de extra-limites com 233.415 de cristal; o segundo, com 150.000 para a quota do equilibrio, 20.000 de cristal e 254.077 de demerara para a de extra-limites.

Cumpre esclarecer que as quantidades de extra-limites exportadas por Pernambu-

ANUARIO AÇUCAREIRO

O número do "Anuario Açucareiro", que sairá por estes dias, é o sexto desta publicação do Instituto do Açucar e do Alcool. Divide-se esse orgão, que é por assim dizer um complemento de "Brasil Açucareiro", em duas partes: a parte estatística constituida por mais de duzentos quadros elaborados, com a proficiencia habitual, pela Secção de Estatística do I.A.A., e abrangendo todos os aspectos da lavoura da cana e industrias e comercio do açucar e do alcool; e a parte de colaborações, na qual figuram os srs. Adrião Caminha Filho e Gileno Dé Carli, com os trabalhos intitulados, respectivamente, "O açucar na economia humana" e "Estrutura dos custos de produção do açucar". Alguns dos quadros estatísticos são ilustrados com gráficos a cores.

Aparecem ainda no "Anuario Açucareiro", de 1940, anuncios, grande número a cores, de empresas e fábricas nacionais e estrangeiras.

O consagrado pintor brasileiro Paulo Werneck, que é o autor da atual capa de "Brasil Açucareiro", fez igualmente para o "Anuario Açucareiro" uma bela capa.

PREPARAÇÃO DA CANA PARA MOAGEM

A desintegração da cana antes da moagem tornou-se, ultimamente, uma prática generalizada em toda a industria açucareira. Esse fato indica que as vantagens da conveniente preparação da materia prima são hoje em dia bem compreendidas pelos industriais do açucar. Nem sempre, porem, existe a exata compreensão dessas vantagens. Daí as variações que se observam de um país para outro — e mesmo dentro de um país, de uma fábrica para outra — na extensão em que a prática da desintegração é adotada. E' o que acontece em Queensland, segundo nota G. H. Jenkins em artigo escrito para uma revista especializada da Australia. Nesse artigo o autor frisa a importancia da boa preparação da cana e procura indicar os meios de melhorar a prática corrente naquela area produtora.

Nas usinas de Queensland — diz ele — a media do padrão de preparação da cana é medíocre e há evidentemente margem para melhorar os trabalhos de moagem de muitas fábricas mediante uma mais adequada preparação. O tipo de máquina a adotar deve ser escolhido de modo a dar a desejada melhoria por um custo anual mínimo. Isso envolve considerações a respeito do custo de aquisição — inclusivè o de energia — e das despesas de manutenção.

Para o caso de um desfibrador National, precedido por dois jogos de navalhas usados como niveladores, sugere o autor que a desejada melhoria poderá ser obtida mais economicamente pelo abandono do desfibrador, acrescentando-se um jogo de navalhas de maior capacidade — mais lâminas, maior velocidade, maior força e um mínimo de espaço livre entre a máquina e a esteira. Experiencias recentes indicam que essas modificações bastam para trabalhar canas moles, usando-se nos rolos da primeira moenda ranhuras de profundidade normal (quase uma polegada). No caso de moer canas mais duras é necessario melhorar o trabalho de desintegração. Sugere o autor que, alem de levar ao máximo praticavel a preparação pelas navalhas, convem usar ranhuras de 1 1/4" na primeira moenda, adotando-se a prática de Hawaii de usar essa moenda como um esmagador de três rolos. Se ainda for necessario melhor preparação, o desfibrador Maxwell, agindo no bagaço que deixa a primeira moenda, prestará bons serviços.

Obtido o desejado gráu de preparação na primeira moenda, aconselha-se o emprego de ranhuras mais rasas nas moendas seguintes para evitar uma desintegração excessivamente fina nos estagios posteriores do trem da moenda.

---

co o foram por conta de excessos da produção dos Estados de São Paulo e do Rio de Janeiro, sendo os preços reajustados com os recursos provenientes da sobretaxa do açucar extra-limite. Tal solução exemplifica o acerto da política açucareira adotada pelo Brasil, porque permite a exportação dos excessos produzidos mediante combinação de interesses entre os maiores Estados produtores, mantendo a estabilidade de preços do mercado interno e o abastecimento de todos os centros do consumo nacional.

Mas convem insistir em que isso só foi possivel diante da situação convulsionada do mundo, impedindo o fornecimento da Europa por outros paises açucareiros, mais aparelhados do que o nosso para explorar a exportação. Em tempos normais, as operações desse gênero nos acarretam tamanhos sacrificios que os produtores devem ser os primeiros a evitar os extra-limites, embora os seus onus recaiam sobre o Instituto do Açucar e do Alcool, que afinal é a organização das proprias fontes dessa riqueza.

DIVERSAS NOTAS

MERCADOS INTERNACIONAIS

Na sessão efetuada pela C.E. do Instituto do Açucar e do Alcool a 6 de novembro último, o sr. Barbosa Lima Sobrinho declarou que, segundo informações, dadas pelo sr. Gileno Dé Carli, ao voltar de sua viagem a diversos paises e regiões do Centro e do Norte do continente, as perspectivas dos mercados externos de açucar são cada vez mais desoladoras.

Em Cuba existem estoques elevados, aguardando ordem de embarque da Inglaterra.

Os preços, nos paises da América Central apresentam nivel ínfimo, sem esperanças de uma próxima reação.

A Inglaterra, no intuito de proteger os seus dominios, aconselha-os a desenvolver as culturas de cana, para delas tirar o máximo de produção de açucar, livrando-se cada vez mais dos fornecedores estranhos.

Os mercados estrangeiros, para o Brasil, se limitarão aos da América do Sul, sujeitos estes mesmos à concorrencia não só de outros paises sul americanos, como ainda de Cuba, Java, etc.

Esses fatos evidentes, observou o sr. Barbosa Lima Sobrinho esclarecem a nossa situação açucareira e demonstram não só o acerto das medidas que vem tomando o Instituto na repressão à produção extra-limite, como exigem ainda outras medidas e providencias mais enérgicas, no sentido de evitar-se o desenvolvimento da super-produção, uma vez que os produtores, apesar dos oportunos avisos dados pelo I.A.A., não se resolvem a por um paradeiro nos excessos de produção que, cada vez mais se avolumam em todos os setores açucareiros nacionais.

As estatísticas indicam apreciaveis excessos de estoques deste relativamente ao ao ano anterior, evidenciando tambem que e produção, nesta safra, avulta mais do que na anterior, em igual data.

Por outro lado, nada indica, nem mesmo leva a crer que o consumo nacional possa aumentar, sendo, ao contrario, de se por em dúvida, em face da situação econômica geral, que possa o consumo interno se manter no mesmo nivel do ano de 1939.

Essas considerações não deixam ilusões quanto à situação que se deparará à industria açucareira nacional, dentro do período ainda desta safra, se medidas rigorosas não forem adotadas, para sanar o mal que advem da produção sempre crescente dos extra-limites.

O desaparecimento das possibilidades de exportação para o exterior e a impossibilidade de derivação de novos contingentes de materia prima para alcool anidro, nas distilarias do Instituto e nas particulares, afastam qualquer perspectiva de escoamento dos excessos da produção brasileira, alem de um coeficiente razoavel, sobre o consumo nacional.

O presidente do I.A.A. sugeriu então a adoção de medidas radicais para livrar os mercados internos do perigo dos estoques provenientes de excessos, permanecendo nos depósitos das usinas. Propôs s.s. tome o Instituto, de pronto, a seguinte deliberação.

1.º — "O Instituto do Açucar e do Alcool recolherá aos armazens que escolher, toda a produção de açucar, que exceda da margem de produção bonificada (10 %);

2.º — Não caberá aos produtores do açucar armazenado nenhum pagamento ou indenização pelo mesmo açucar, mesmo que venha o Instituto a dele dispôr."

A Comissão Executiva, considerando os fatos e os elementos expostos pelo sr. Barbosa Lima Sobrinho, e não vendo outra solução que possa ser dada ao caso de superprodução de açucar no país, resolveu, por unanimidade, aprovar a proposta apresentada por s.s., autorizando a sua execução imediata.

No Estado do Rio, a medida será adotada para todos os excessos que se verificarem acima das quotas estabelecidas para a conversão em alcool, na Distilaria de Martins Lage, ou das que, excedendo os 10% de tolerancia prevista, na resolução desta data, não forem convertidas em alcool nas distilarias das proprias usinas em super produção.

EXCESSOS DE PRODUÇÃO NO ESTADO DO RIO

De acordo com as informações que o I.A.A. vem recebendo do Estado do Rio, relativamente às estimativas da produção das suas usinas, o volume da safra em curso su-

perará de muito o total da quota do Estado, acrescido das quotas provenientes de excessos de materia prima, destinadas à conversão em alcool na Distilaria Central do mesmo Estado e nas distilarias de alcool anidro particulares, anexas às usinas fluminenses.

Tratando do assunto, em sessão da C.E., o sr. Barbosa Lima Sobrinho salientou que o Instituto, com as providencias tomadas relativamente à utilização de excessos de materia prima do Estado, em sua propria Distilaria e em distilarias particulares, vai proporcionar o escoamento de um volume de canas correspondente a 520.000 sacos de açucar ou seja de um extra-limite que atinge 25% do total da limitação do Estado.

Tendo sido, inicialmente, declarado pelos interessados que o volume de excesso de materia prima não ultrapassaria, de forma alguma, quantidade correspondente a 400/500 mil sacos de açucar, cálculo que serviu de base às medidas tomadas pelo Instituto, capazes de solver o problema do excesso de canas do Estado, não se justificaria, diante da situação de fato, a manutenção dos favores instituidos para a solução do caso, dentro das normas adotadas.

Era, pois, declarou s.s., de opinião que a todas as Usinas que tiverem excesso de produção, alem das quotas que lhes foram fixadas para a utilização em alcool anidro, na Distilaria do Instituto, ou nas proprias distilarias, não só deverá ser retirado o direito à bonificação de Rs. 3$000 por saco de açucar demerara dessa quotas, como lhes deverá ser, ainda, reduzido, pelo menos de 1$000 por saco, o preço básico de Rs. 17$000, estabelecido pelo Instituto, para pagamento do açucar em causa.

Por fim, sugeriu o presidente do Instituto fosse estudada pela Gerencia uma fórmula adequada ao estabelecimento, para aquelas usinas, que tenham excessos superiores aos destinados às quotas de alcool, do preço de Rs. 16$000 por saco de açucar demerara, base 90°, em vez de preço prefixado de Rs. 17$000, e ainda a perda integral da bonificação de Rs. 3$000 e 1$000, a conceder pelo Instituto, por saco de açucar, respectivamente, na Distilaria de Martins Lage e nas distilarias particulares.

Essas bases foram aprovadas por maioria.

*
* *

Na sessão seguinte realizada a 30 de outubro, a Gerencia apresentou o seu trabalho, cuja conclusão é a seguinte:

"Assim, propõe a Gerencia do Instituto que as bonificações de 3$000 e 1$000 por saco, instituidas, respectivamente, para as quotas de açucar demerara destinadas à conversão em alcool, no Distilaria Central do Estado do Rio de Janeiro, e nas distilarias particulares do Estado, somente serão pagas aquelas Usinas, que não excederem os respectivos limites de produção, alem das quotas instituidas pelo Instituto, para conversão em alcool.

O açucar entregue à Distilaria do Instituto, em Martins Lage, nas condições da presente resolução, alem da perda da bonificação de 3$000, terá reduzido o seu preço de Rs. 17$000 para Rs. 10$000 por saco de 60 quilos, na base de 90.° de polarização."

Essa proposta foi aprovada, contra o voto do sr. Tarcisio Miranda.

AÇUCAR PARA PORTUGAL

A Comissão de Defesa da Economia Nacional tomou as necessarias providencias junto à Embaixada Britânica para a concessão do "navicert" destinado a partidas de açucar de produção brasileira destinadas ao mercado português, já negociadas.

Os embarques estavam dependendo apenas do preenchimento daquela formalidade, que regula, no momento, a navegação da zona bloqueada.

Nesse sentido as autoridades diplomáticas têm oferecido todas as facilidades possiveis às solicitações da Comissão de Defesa da Economia Nacional.

Uma única exigencia permanece de pé, qual seja a declaração dos importadores às autoridades britânicas em Lisboa de que o produto não será, em caso algum, reexportado.

ALCOOL - MOTOR

Quando da sua última visita a Pernambuco, o sr. Barbosa Lima Sobrinho verificou que está muito aquem das reais possibilidades o consumo do alcool, como carburante, em Pernambuco.

Fora da influencia direta das distilarias, o consumo desse produto só se faz através do alcool-motor distribuido pelas Companhias de petroleo, na proporção de 20% de alcool para 80% de gasolina.

Uma distribuição mais intensa, pelo interior do Estado, de instalações de bombas e postos para a venda de carburante, no qual predomine, na proporção de, pelo menos, 80% o alcool, sobre 20% de gasolina, propiciaria um aumento apreciavel no consumo do alcool produzido em Pernambuco, com vantagens reais para os seus produtores, em face da economia realizada na sua distribuição.

Teve s.s. entendimentos com os interessados prometendo os mesmos estudar o assunto, para o fim de se instalarem bombas, para a venda do alcool carburante, nos pontos do Estado, onde mais intenso for o movimento de trânsito de veículos motorizados.

O assunto, oportunamente, será trazido à consideração do Instituto pelos interessados.

A DEFESA DO AÇUCAR BANGUÊ EM PERNAMBUCO

A convite dos dirigentes da Cooperativa Central dos Banguezeiros de Pernambuco, o sr. Barbosa Lima Sobrinho visitou no interior daquele Estado os entrepostos instalados por aquele orgão de classe, — em Páu d'Alho, Nazaré, Timbauba e Vitoria, destinados a armazenar o açucar do tipo banguê, a ser movimentado, por intermedio da Cooperativa.

Teve o sr. Barbosa Lima Sobrinho oportunidade de examinar o trabalho apreciavel que representa a organização da Cooperativa, capaz de levar a bom termo a atribuição que tomou a seu cargo.

A influencia da ação da Cooperativa já se vem fazendo sentir, através da melhoria dos tipos de açucar banguê, cujas fábricas, na sua maioria, já instalaram secadores, indispensaveis a atender às exigencias da classificação do açucar, ao entrar nos entrepostos.

Para realizar o máximo de economia, a Cooperativa, dentre outras providencias, adotou a do armazenamento do açucar "a granel", somente procedendo ao ensacamento na ocasião da sua saída para o consumo.

No transporte do açucar, dos engenhos para os entrepostos, utiliza a Cooperativa sacos velhos, de capacidade de 80 quilos, os quais, depois de esvasiados nos depósitos dos entrepostos, e convenientemente lavados, voltam aos engenhos, para conduzir outras cargas de açucar.

A economia decorrente dessa medida é evidente e apreciavel, representando o valor de um saco vasio, pelo menos, por unidade de volume de açucar vendido.

As medidas aqui expostas e as demais, que, apesar de aqui não indicadas, representam, não obstante, outras providencias eficientes, tomadas pela Cooperativa dos Banguezeiros, inspiram integral confiança no êxito das operações que tomou a mesma a seu cargo, e consequentemente na garantia das operações de financiamento que com ela realizára o Instituto.

Apesar disso, declarou o presidente, em sessão da C.E. do I.A.A., que, em face do grande vulto que atingirá a presente safra de açucar de engenho, a par da elevada estimativa da de açucar de usinas, no Estado de Pernambuco, recomendou fosse evitada, a todo o transe, a retenção excessiva de açúcares nos entrepostos, a qualquer título ou sob qualquer motivo.

As vendas do produto se deverão realizar na maior escala possivel, para ser conseguido o escoamento dos seus estoques, dentro de seu período normal.

A Cooperativa dos Banguezeiros realizará reuniões semanais da sua Diretoria e a elas comparecerá, de acordo com sugestões feitas pelo presidente do Instituto, e bem acolhida pelos interessados, o sr. Francisco Vera, gerente da Delegacia Regional do I.A.A., no Recife, tomando parte nas suas deliberações, sem, entretanto, ter direito a voto.

Para orientação constante sobre os mercados de açucar banguê, em todos os centros produtores do país ao sr. Francisco Vera se atribuirá a faculdade de se dirigir diretamente às demais Delegacias do Instituto, a elas fonecendo e delas colhendo todas as informações que possam interessar o problema da defesa da produção do açucar de engenho, no país.

O sr. Presidente declarou que, conforme autorização já oportunamente concedida pela Comissão Executiva, vai tomar as medidas necessarias ao pronto inicio das operações de financiamento de açucar banguê, em Pernambuco.

FINANCIAMENTO DO BANGUÊ DE ALAGOAS

Na sessão efetuada a 9 de outubro último pela C.E. do I.A.A., o sr. Moacir Pereira leu um requerimento em que a Coopera-

tiva Agrícola dos Banguezeiros e Fornecedores de Cana de Alagoas pede seja dado imediato cumprimento à resolução da Comissão, relativa à abertura do crédito destinado às operações de retrovenda do açucar banguê, naquele Estado, na safra recem iniciada, e para ser autorizada a receber, por intermedio da sua Comissão de Vendas, as taxas de defesa que recaem sobre o açucar banguê e a rapadura, produzida em Alagoas, na forma da lei vigente, e nas mesmas condições já assentadas com a Cooperativa de Pernambuco.

Declarou o sr. Moacir Soares Pereira que, conforme aliás consta do requerimento lido, dentro da Cooperativa Agrícola dos Banguezeiros e Fornecedores de Cana de Alagoas foi criada a Comissão de Vendas dos Banguezeiros, como orgão técnico para controle e distribuição do açucar banguê do Estado, ao qual, por decreto-lei n.º 2619, de 10-9-40, foi confiada a expedição de certificados de classificação e qualidade, indispensaveis à exportação do açucar banguê pelas repartições fiscais do Estado, atribuição que garante a plena eficiencia das operações que se realizem entre o Instituto e a Cooperativa.

O representante dos banguezeiros observou ainda que, segundo constatou a Secção Jurídica do Instituto, as fórmulas de contrato para as operações de retrovenda do açucar de usina, entre o Instituto e os orgãos competentes, em Pernambuco e Alagoas, satisfazem os fins das mesmas operações, relativas ao açucar banguê, podendo, pois, sem maiores delongas, serem iniciadas as operações questionadas; pedia pois, a aprovação da Casa para o requerimento em apreço, da Cooperativa Agrícola dos Banguezeiros e Fornecedores de Cana de Alagoas.

Os açúcares a serem financiados serão depositados em armazens pertencentes a firmas idoneas, em Maceió, à ordem do Instituto.

Por proposta do sr. Barbosa Lima Sobirnho, resolveu a Comissão Executiva deferir o requerimento, fazendo-se prévia apuração da idoneidade das firmas depositarias do açucar e, em relação à arrecadação das taxas de defesa do açucar banguê e da rapadura, depois de estabelecida, a respeito, a competente regulamentação.

Satisfeitas as exigencias mencionadas, entrarão em execução as medidas requeridas pela Cooperativa Agrícola dos Banguezeiros e Fornecedores de Cana de Alagoas.

DISTRIBUIÇÃO DE AÇUCAR DAS USINAS DE PERNAMBUCO E ALAGOAS

Durante a permanencia do presidente do I.A.A. em Pernambuco, voltaram os produtores de açucar de usina de Pernambuco e Alagoas, representados pelos respectivos orgãos de classe — a Cooperativa dos Usineiros de Pernambuco e a Comissão de Vendas dos Usineiros de Alagoas — a tratar da distribuição regular da produção, com a fixação de quotas mensais para a exportação de cada um dos Estados, destinada aos mercados nacionais.

A intervenção do sr. Barbosa Lima Sobrinho contribuiu para desfazer, de vez, as dúvidas ainda existentes entre as duas partes interessadas, tendo sido assinado entre os representantes das duas mencionadas organizações de classe o acordo seguinte:

"A Cooperativa dos Usineiros de Pernambuco, representada pelos seus Membros do Conselho de Administração e a Comissão de Vendas dos Usineiros de Alagoas, representada pelos srs. drs. Alfredo de Maia e Salvador Lira, em reunião realizada a 17 do corrente mês de outubro, na sede social da Cooperativa, à rua Alfândega n.º 35, nesta cidade de Recife, contrataram as seguintes normas reguladoras da distribuição do açucar dos dois Estados na presente safra, que vigorarão de 1.º de outubro do corrente ano a 30 de junho do proximo ano de 1941:

1.º — Fica atribuida aos Estados de Alagoas e Pernambuco uma quota mensal de exportação para os mercados do país, respectivamente, de 143.000 e 420.000 sacos de açucar de todos os tipos de usina e refinado.

2.º — Fica excluido da quota mensal de exportação fixada no item 1.º o açucar do lote de equilibrio determinado pelo I.A.A. para defesa da safra de 1940-1941.

3.º — Para regular a exportação do açucar para os mercados internos, a Cooperativa dos Usineiros de Pernambuco e a Comissão de Vendas dos Usineiros de Alagoas tomarão as providencias que se tornarem necessarias para completo conhecimento e execução do presente acordo. Cada organização dará aviso à sua congênere nos dias 20 e último de cada mês, da posição estatistica da exportação do mês, da posição estatística da exportação do mês até aquelas datas.

4.º — Cada parte contratante, uma vez atingida sua quota mensal de exportação,

estabelecida no item 1.º, suspenderá sua exportação até o término do mês.

5.º — Quando ambos os Estados completarem suas respectivas exportações mensais antes do último dia de cada mês, poderão, mediante avisos recíprocos e comunicação às delegacias do I.A.A., iniciar embarques por conta das quotas do mês seguinte.

6.º — O açucar de usinas empregado na manipulação do somenos fica computado nas quotas de exportação mensal de cada parte.

7.º — Serão considerados açucar de usinas para efeito do presente acordo, os tipos seguintes: cristal, demerara, granfina, refinado e 3.º jato.

8.º — As partes acordantes resolvem entregar aos serviços regionais do Instituto do Açucar e do Alcool o controle das exportações dos Estados de Alagoas e de Pernambuco para qualquer dos mercados nacionais fora desses Estados pelas vias marítima, fluvial, ferroviaria e rodoviaria, observadas as seguintes normas:

a) — O Instituto do Açucar e do Alcool, por intermedio de suas Delegacias Regionais de Recife e de Maceió, visará e registrará os documentos de exportação de açucar desses Estados, até o completivo das quotas mensais de exportação, fixadas por acordo recíproco da Cooperativa dos Usineiros de Pernambuco e da Comissão de Vendas dos Usineiros de Alagoas.

b) — Uma vez atingida, em cada mês, a quota de exportação de um dos Estados contratantes, será suspenso o "visto" para novos embarques na respectiva Delegacia, até o inicio do mês seguinte.

c) — Ocorrendo que ambos os Estados atinjam suas quotas mensais de exportação antes do término do mês, deverão, mediante autorização das duas entidades, as Delegacias Regionais do Instituto iniciar o "visto" para embarques por conta da quota do mês seguinte.

d) — Os governos de Pernambuco e de Alagoas, mediante solicitação das duas entidades contratantes, tomarão as necessarias providencias, no sentido de evitar que se realizem exportações de açucar dos respectivos Estados por qualquer via, sem o visto e registro dos despachos nas Delegacias Regionais do Instituto do Açucar e do Alcool, em Recife e Maceió.

e) — Esse controle terá aplicação às exportações dos tipos de açucar constantes deste acordo.

9.º — O açucar cristal vendido pelas duas entidades terá um preço base uniforme, a partir de 17 até 31 de outubro corrente, de 51$800 fob, vista, liquido, pago na praça vendedora, ficando fixado o preço de 52$300 a partir de 1.º de novembro próximo vindouro, preço autorizado pelo Instituto do Açucar e do Alcool, obtido na safra passada e que poderá ser elevado de acordo com o mesmo Instituto.

10.º — Será convocada uma reunião entre as partes contratantes sempre que se torne necessaria a solução de casos que porventura ocorram no desenvolvimento dos negocios.

*
* *

Feito o acordo, dirigiram-se as duas partes contratantes ao presidente do Instituto, em oficio datado de 18 de outubro e a Comissão Executiva do I.A.A., na sessão ordinaria que realizou a 23 do referido mês, após ouvir a exposição do sr. Barbosa Lima Sobrinho, resolveu "homologar o acordo, ficando autorizadas as Delegacias de Pernambuco e Alagoas a aporem o "visto a que se referem as cláusulas do acordo firmado por aqueles orgãos, representativos dos produtores de açucar de usina de Pernambuco e Alagoas.

COOPERATIVA DOS USINEIROS DE PERNAMBUCO

Na sessão efetuada pela C.E. do Instituto do Açucar e do Alcool, o sr. Barbosa Lima Sobrinho declarou haver verificado, com viva satisfação, que a Cooperativa dos Usineiros de Pernambuco, criada para dirigir os negocios de açucar de usina do Esta-

do, em substituição ao Sindicato dos Usineiros de Pernambuco, vai preenchendo integralmente as suas finalidades, promovendo a normalização das irregularidades, falhas e inconvenientes deixados pelo Sindicato.

Tais irregularidades não virão a se repetir e a função do Sindicato dos Usineiros de Pernambuco, exclusivamente como orgão de classe, entrará nos seus devidos trâmites.

UMA RETIFICAÇÃO

No resumo da 43.ª sessão ordinaria da Comissão Executiva do I.A.A., publicado no número de novembro desta Revista, saiu, com o título "Extra-limite da Paraíba", como se fora uma nota independente, a conclusão da nota intitulada "Financiamento de safra", da ata da 42.ª sessão.

PODE-SE EXTRAIR O AÇUCAR DA TAMARA ?

Num dos seus últimos números, o jornal "Sémaphore", de Marselha, publicou uma carta do sr. Paul Cassoutte, presidente do Sindicato do Comercio de Tâmaras, opondo-se à idéia do aproveitamento desse produto para a extração de açucar. A seguir reproduzimos essa carta como sintoma da procura crescente, na Europa, de sucedaneos do açucar de cana ou de beterraba, ante as devastações das culturas e as dificuldades das importações decorrentes da guerra :

"Li com o maior interesse o judicioso artigo inserto no "Paris-Soir" sobre o teor em açucar da tâmara, e da qual, diz, "despresamos injustamente essa preciosa qualidade".

E' exato que a proporção tão elevada de açucar que contem a tâmara faz desse fruto um alimento dos mais uteis para estes tempos de restrições. Mas é indispensavel para isso extrair o açucar da tâmara ? Faz-se isso com a cana ou a beterraba, porque esses produtos são inconsumiveis tal como a natureza no-los fornece. Não se dá o mesmo com a tâmara, que é um fruto perfeito no momento de ser colhido da palmeira, que não passa por qualquer preparação e que pode assim substituir bolos, bonbons e doces em geral.

Alem disso, a tâmara tem o defeito de suas qualidades: o preço é muito elevado, não pode ser considerada uma vulgar materia prima, cuja metade aproximadamente teria um consumo inutilizavel, e o açucar assim obtido atingiria um preço proibitivo.

Seria util, portanto, extrair açucar de um fruto para incorporá-lo a outra fruta que não o contem bastante ?

Em vez de se tentar essa custosa operação, é bem mais simples, em algumas semanas, consumir a tâmara, tal qual é, fruto confeitado pelo sol, deliciosa sobremesa do deserto."

O açucar constitue uma das melhores fontes de energia fisiológica de efeitos quase imediatos. A sua utilização pelo homem se faz desde a primeira idade e a criança exige e pede substancias açucaradas, pois que o açucar tem grande importância na formação do tecido muscular e no metabolismo geral. — Dr. Adrião Caminha Filho.

RECIFE • SERRA GRANDE ALAGOAS • MACEIÓ

USINA SERRA GRANDE S/A

ASSUCAR
TODOS OS TIPOS

"U S G A"
O COMBUSTIVEL NACIONAL

MEMORIA SOBRE O PREÇO DO ASSUCAR

D. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho

A pequena memoria (*) que se vai ler (referimo-nos ao aspecto dimensão) já de há muito devia ter aparecido na Revista do Instituto do Açucar e do Alcool. Um acaso de conversa com o seu diretor, seguido de oferecimento meu, deu lugar a que o velho desejo se tornasse realidade.

Não nos cabe aqui tratar da personalidade do notavel filho de Campos, nem seria possivel fazê-lo sem amplo desenvolvimento, tanto mais quanto teriamos, necessariamente, que abordar o problema de sua localização na historia do pensamento econômico português (e brasileiro), o que implicaria em uma análise de filiação doutrinaria, tarefa só exequivel pelo processo monográfico.

Todos os estudiosos de nossa historia sabem que curioso escritor e decidido homem de ação foi o bispo de Pernambuco (e posteriormente de Elvas). Se a "Análise sobre a justiça do comercio do resgate dos escravos da costa d'Africa", o "Ensaio Econômico sobre o comercio de Portugal e suas colonias" e o "Discurso sobre o estado atual das minas do Brasil", dada a raridade com que hoje se apresentam no comercio dos livros, não foram manuseados senão por poucos, não são desconhecidos de muitos, seja por referencia, seja por citação dos especializados. A mesma afirmação pode aplicar-se à "Memoria sobre os preços do açucar". Eu mesmo, durante muito tempo, andei à sua procura, até que me chegaram às mãos as duas edições de que tenho noticia.

A primeira delas é encontrada nas Memorias da Academia das Ciencias de Lisboa, tomo 3.º (1791), da p. 381 à 391. A segunda apareceu como anexo à 3.ª edição do Ensaio Econômico (da p. 183 à 201), feita por determinação da referida Academia, em 1828. O texto que se vai ler é o da segunda edição, "novamente corrigida, e accrescentada pelo mesmo autor". Observamos que pouco se corrigiu e acrescentou. Em substancia, a segunda edição contem mais notas, dispensaveis umas ou sem importancia atual quanto à tese da Memoria as outras. As primeiras dessas notas dizem respeito ao problema da fornalha, então carente de solução imediata (assunto técnico hoje completamente ultrapassado), parte em português da nota a, à p. 189 (que se continua nas páginas 189-190), e à importancia econômica das socas, nota b (da p. 185 à 186). Das outras duas, uma, nota b (p. 193), cita Lery, que o levou a acreditar no indigenato da cana no Brasil (ele tambem se refere ao caso do brigadeiro Lara, em Cuiabá, tão conhecido e citado como pretensa prova do mesmo indigenato); a outra, nota a (p. 194), ainda dedicada a Lery, aparece tal como na edição primitiva. A memoria é magnificamente escrita (ela aparece aqui fielmente copiada). O autor pronuncia-se sobre um assunto prático: querem taxar o preço do açucar, valorizado por uma conjuntura favoravel. O capital comercial parece o grande interessado na medida. A argumentação de A. Coutinho é convincente: é preciso aproveitar a conjuntura, vender pelo preço que o mercado mundial permitir. Mercado livre, concorrencia, luta, conquista do mercado. A Câmara de Lisboa era o antigo espirito corporativo, talvez estimulado pelos grandes homens de negocio, que sabiam o que queriam; A. Coutinho anunciava os tempos novos, a época do individualismo econômico, do capitalismo industrial, do liberalismo, que era então o progresso.

Todos sabem do alto preço (a) a que tem subido o assucar em toda a Europa (1), pela desgraçada revolução das Colonias Francezas, nossas maiores rivaes neste genero de

(*) Esta explicação foi escrita pelo professor Rodolfo Coutinho, a cuja gentileza devemos o prazer de poder publicar a memoria de Azeredo Coutinho.

(a) — N. da R. — Por conveniencia da paginação, colocamos as notas da memoria de Azeredo Coutinho no fim do texto propriamente dito, numerando-as de 1 a 24.

Agricultura; e pelas grandes inundações, que tem havido nas Colonias Hespanholas; e nas Inglezas pelos furacões de vento muito fortes.

Portugal, como huma das primeiras Nações Agricultoras e Commerciantes deste genero, tem tirado, e irá tirando grandes interesses, em quanto as circunstancias não mudarem. He agora hum problema, ?se se deve, ou não taixar o assucar?

Dizem alguns que sim, porque a experiencia tem feito vêr, que hum genero de Commercio levado a excesso, excita logo contra si a rivalidade das outras Nações; e faz que os compradores desse genero ou se dispensem delle, se podem; ou trabalhem com todas as suas forças, para o haverem por hum preço mais commodo, e mais barato.

Que este esforço geral fará descobrir meios de augmentar a abundancia desse genero, até reduzi-lo a hum preço tão baixo, que faça, se for possivel, arruinar esse ramo do Commercio da Nação ambiciosa, que levou o seu genero a hum preço excessivo.

Isto são verdades elementares, que se não podem negar; pois todos sabem, que o principal objecto do Commercio he trazer a abundancia ao Paiz da carestia, e fazer que em hum Paiz não haja superfluo, e que no outro não haja falta.

Mas como a taixa do assucar possa nas circunstancias presentes evitar o mal que se suppõe, he o que eu não posso entender; pois que quanto mais baixa fosse a taixa em Portugal, tanto mais depressa os Negociantes Nacionaes, e Estrangeiros o levarião para fóra do Reino, para tirarem hum maior interesse do subido preço, em que elle se acha hoje em toda a Europa, e ainda na Africa (2): e desta sorte se verião em bem pouco tempo os consumidores da Nação sem assucar, e os Agricultores sem dinheiro, ou ao menos sem o excesso da taixa, ou sem aquelle maior interesse, que podião tirar do seu genero. Logo a taixa do assucar seria huma ruina para os senhores dos Engenhos do Brasil, e hum mal para os consumidores da Metropole.

Dizem alguns; que entre tanto virá vindo mais assucar: ?mas de donde? A cana, de cujo extracto se faz o assucar, não produz em toda a parte; ella he só propria dos Paizes quentes; e não he huma cultura tão facil, que se faça dentro de tres ou de quatro mezes.

Nas Colonias Estrangeiras, desde a sua plantação até á sua colheita se passão mais de desoito, e de vinte mezes (3), e outro tanto tempo para se reduzir a assucar, fazello branco, encaixar e conduzillo para a Europa; alêm das fabricas, que he necessario ter logo prontas para a sua manufactura; o que tudo se não faz em menos de tres annos.

Neste anno não sobejou assucar nas Colonias agricultoras, antes pelas desordens sabidas, e grandes inundações, que nellas houverão, faltou de repente muita parte do que era necessario para o consumo annual da Europa .O corte, ou a colheita da cana não se faz todos os dias, só se faz em hum certo tempo do anno; a perda de huma colheita, ou de huma safra não se repara em dous, nem em tres annos (4). Logo em quanto não chega a outra safra, ou em quanto se não reparão estas perdas, ?onde se hade hir buscar mais assucar? Dizem huns que da India; outros que das plantações, que se hão de fazer na nova Colonia da Serra Leoa na Costa de Africa.

Isto só serve de provar a grande falta, que ha de assucar na Europa, e na America: mas não que estes meios sejão capazes de arruinar o nosso Commercio neste genero, nem que os assucares da Asia, ou de Africa possão entrar com os nossos em concorrencia, ao menos nestes dez, ou doze annos: oxalá só Portugal fora senhor deste ramo de Commercio.

O assucar das Indias Orientaes he muito inferior ao nosso em bondade, e qualidade (5): as despezas, e riscos desde o Brasil até á Europa são nada em comparação das desde o Ganges até o Téjo. O assucar da Costa de Africa ainda se não sabe que tal será; ainda se hão de estabelecer as Colonias; ainda se hão de amansar as terras para as fazer proprias para a cultura do assucar (6); ainda se hão de fazer as fabricas, ainda se hão de procurar os Mestres para ellas,etc.: he necessario ser muito pusillanime, para ter medo destes fantasmas.

Dizem outros que he necessario prohibir a exportação do assucar para fóra do Reino, ou ao menos até hum certo numero de caixas. ?Como, ou com que justa razão, se poderia nas circunstancias presentes obrigar o Negociante a vender o seu genero sem lucro, e talvez por menos do que comprou no Brasil, com attenção ao subido preço da Europa, confiado na boa fé, e na liberdade concedida ao Commercio ?

?Como em tal caso se poderia evitar o contrabando ? ?como acautelar que os Nego-

ciantes ainda Estrangeiros o não fossem fazer até mesmo nas Costas do Brasil? Que vigias, que guardas não serião necessarias, para evitar que o Agricultor o não. vendesse a quem melhor lhe pagasse o seu genero? O contrabando do tabaco he huma prova desta verdade: o tabaquista não poupa dinheiro, o contrabandista não teme castigos; **Quisquis habet nummos, felici navigat aura**, disse Petronio Arbitro.

Mas supponha-se que nada disto aconteceria: ?Que utilidade sería para a Nação tirar da boca do Agricultor carregado das muitas ,e grandes despesas, que comsigo traz a fabrica do assucar, para meter na boca do rico, e do farto, que vive no meio do luxo?

Dizem alguns, que o assucar se tem feito hum genero da primeira necessidade, e que por isso he necessario taixallo. Desta sorte seria preciso taixar o baetão no tempo do Inverno; e a seda no tempo do Verão. Mas chamem-lhe como quizerem; as palavras não mudão a essencia das cousas: a verdade he que o assucar he de huma necessidade real para o Agricultor; e de huma necessidade facticia, e de mero gosto para o consumidor: ?e nestes dois extremos não deverão prevalecer os direitos da propriedade? ?dever-se-hão atropelar direitos tão sagrados?

A fabrica do assucar he por sua natureza muito dispendiosa; ella pede muitos braços, muitas forças, e grandes fundos; e com tudo os seus lucros não correspondem ás suas grandes despesas (7). Não ha hum trabalho mais rude, nem mais violento; os trabalhos das forjas do ferro, e das fabricas de vidro não tem comparação com as do assucar (8).

A esperança de hum dia feliz he a que mais anima ao homem nos seus trabalhos (9): cortar ao Agricultor esta esperança, pela taixa do seu genero, he cortar ao consumidor desse genero aqueles mesmos braços, que mais trabalhavão para o seu regalo.

Dizem alguns que o alto preço do assucar he só util para os nossos Negociantes, mas não para os nossos Agricultores do assucar; por estar este genero taixado por huma Lei no Brasil. Supponha se por hum pouco que assim he: ?por ventura os nossos Negociantes não trabalhão tambem em beneficio

Sociedade Constructora de Distilarias e Industrias Chimicas Limitada

Filiada à

Société des Etablissements Barbet S. A. - Paris - Brioude (França)

Oficina e Escritorio:
Rua Carlos Vicari, 61
Telefone 5-0617

SÃO PAULO

Telegrama "CODIC"
CAIXA POSTAL 3161

Construimos nas nossas oficinas aparelhos e instalações completas de
DISTILARIAS
de alcool anidro processos "Usines de Melle",
de alcool retificado e de aguardente fina' fermentação processo "Melle - Boinot"

Peçam orçamentos, referencias

Representante Geral:
ERNESTO SILAGY

Rua General Câmara, 19 — 9º and. — Caixa Postal 3354 — Tel. 23-6209 — RIO DE JANEIRO

Representantes para os Estados do Norte do Brasil:
COSTA & COIMBRA

Avenida Marquês de Olinda, 85 — 2º andar — RECIFE

da Nação? ?elles só devem estar sujeitos a perder, e não a ganhar ? Prohiba-se o monopolio, prohiba-se a fraude, mas não os lucros de hum Commercio licito, que a todos he livre.

Mas tornando á dita Lei: ella só poz huma taixa, para que os Negociantes, que muitas vezes maliciosamente adiantavão dinheiros aos agricultores do assucar, não abusassem da necessidade delles, nem lho tomassem em pagamento por menos da dita taixa.

Mas esta com tudo só tem lugar, quando o assucar he comprado dentro do mesmo Engenho, ou fabrica; mas não depois que o senhor do Engenho, ou o Agricultor do assucar faz com elle as despesas dos caixões, conducções por terra, e por mar; alêm dos muitos riscos, que corre por sua conta até o pôr no Trapixe, ou no armazem publico da venda: porque já então cada hum vende pelo mais que pode acima da taixa, ou pelo preço que corre; como todos os dias se está praticando naquelas Praças.

Do expendido fica manifesto o quanto seria prejudicialissimo a Portugal, e quasi mesmo impraticavel nas circunstancias presentes, por-se huma taixa no assucar, pois que sendo como he hum genero de Commercio de quasi todas as Nações (10), só a convenção geral de todas as Nações he que o pode regular; principalmente quando huma Nação não he a só agricultora, ou a unica senhora desse genero: de outra sorte a Nação, que se quizer oppor á torrente das outras, ou ha de ser pisada pela multidão das concorrentes, ou hade seguir o impulso, que ellas lhe derem.

Eis-aqui a razão porque os generos alfandegados não podem ser reduzidos a huma taixa certa. Eu passo a mostrar o quanto será util a Portugal que o assucar suba ao mais alto preço possivel.

Os Portuguezes, e os Hespanhoes, que primeiro descobrirão a India, forão tambem os primeiros, que aprenderão dos Indios o modo de cultivar, e fabricar o assucar, e o vierão ensinar á Europa, e estabelecerão fabricas nas Ilhas da Madeira, e das Canarias.

Depois passando á America, onde acharão canas de assucar nascidas naturalmente (11), estabelecerão novas fabricas pelos annos de 1557 (12), e aperfeiçoarão tanto os seus assucares, que excederão infinitamente em belleza, e bondade aos das Indias Orientaes (13).

Esta bondade com tudo provêm mais da qualidade do terreno, do que da mão do Agricultor, ou do Fabricante: porque a cana de que se extrahe o assucar, segue a natureza dos fructos, que ainda que sejão da mesma especie, são com tudo mais ou menos doces, conforme a qualidade dos terrenos.

Hum arratel de assucar, por exemplo, muitas vezes adoça mais do que dois arrateis do de outro terreno, como a experiencia faz ver todos os dias nas confeitorias. Esta preferencia, que indubitavelmente tem os assucares do nosso terreno a respeito dos outros (14), he hum dom da natureza, de que a industria estrangeira nos não pode privar.

Os Hollandezes tendo aprendido dos Portuguezes em Pernambuco a fabricar o assucar, depois de expulsos desta Capitania pelos Pernambucanos em 1654 (15), forão ensinar aos Francezes da Ilha de Guadalupe, e da Martinica, e aos povoadores das outras Ilhas daquelle Archipelago; e pelo mesmo tempo estabelecerão tambem os Inglezes fabricas de assucar nas Ilhas de S. Christovão, e de Barbada (16).

Mas a tempo em que as nossas fabricas de assucar se achavão já muito melhoradas, com mais de noventa e sete annos de adiantamento, do que as de todos os Estrangeiros, e nós quasi senhores unicos deste Commercio, se descobrirão, para nós desgraçadamente, as Minas do Oiro, que nos fizerão desprezar as verdadeiras riquezas da Agricultura, para trabalharmos nas de mera representação (17).

A riqueza rapida daquellas Minas, que tanto tem augmentado a industria dos Estrangeiros, chamou a si quasi todos os braços das nossas fabricas de assucar: este cego abandono fez que ellas fossem logo em decadencia (18).

Desde esta epoca fatal para a nossa Agricultura, os Estrangeiros, sempre habeis em se aproveitar do nosso descuido, trabalharão com todas as suas forças por nos arrancarem das mãos os nossos grandes ramos de Commercio. A isto accresceo mais em favor delles a paz de **Ryswick** feita em 1697 entre a França, Hespanha, Hollanda, Alemanha, e Inglaterra, que lhes deo mais tempo para melhor se estabelecerem.

Os Francezes fizerão logo tantos progressos, que elles mesmos dizião, que se aquella paz tivesse durado mais tempo, as fabricas de assucar terião sido para elles

hum segundo Peru (19). Mas se nós hoje bem calcularmos os nossos interesses, este Peru passará para Portugal.

Nas Antilhas desde que se planta a cana até que se corta, se passão mais de dezoito, e vinte mezes (20); no Brasil não passa de doze até quatorze mezes (ou como lá se diz de dois Março); no que já se vê que a natureza trabalha mais em nosso favor, ao menos quasi huma terça parte; e por consequencia aquillo que elles fazem em tres annos, nós fazemos em dois.

Portugal, que primeiro descobrio a Costa de Africa, ainda hoje conserva as melhores Colonias dos resgates dos Escravos, que lhe produzem braços com menos despezas, do que ás outras Nações. O Brasil está defronte de Africa, communicando-se por huma navegação mais breve, e em todos os tempos do anno: o que tudo, dadas as mesmas proporções, produzirá mais em nosso favor outra terça parte.

O nosso continente do Brasil he muito dilatado, e por isso nos podemos alargar, e escolher terrenos proprios para as canas á nossa vontade: e pelo contrario a maior parte dos Agricultores nossos rivaes, por isso que vivem insulados, viverão sempre limitados, e cercados de mar.

Contra elles accresce mais que os furacões de vento, muito frequentes naquellas Colonias desde o meio de Julho até o de Outubro (21), lhes arrancão as searas, e muitas vezes os edificios, e lhes causão todos os annos irreparaveis perdas: estes mesmos furacões são perigosissimos para a navegação daquelle Archipelago (22), e por isso são maiores as despezas dos seguros, que carregão sobre as suas mercadorias.

Havendo qualquer guerra entre aquellas Colonias, alêm das perdas que ella comsigo traz, as suas plantações e searas são muitas vezes queimadas e destruidas, pela facilidade com que são atacadas por todas as partes pelas Náos inimigas; prejuizos estes, que as nossas não sentem facilmente, por serem as nossas Costas por natureza defendidas ou pelos grandes rochedos, ou pelos dilatados baixos; e as nossas plantações são pela maior parte pelo interior do Paiz.

O meio de promover, e adiantar a industria da Nação he deixar a cada hum a liberdade de tirar hum maior interesse do seu trabalho: os Inglezes, e os Hollandezes, primeiros mestres da arte do Commercio, tem dado a todos estas lições.

Os Inglezes tem levado o seu ferro polido a hum preço excessivo; elles já o fazem valer mais do que o oiro: da mesma sorte os Hollandezes a respeito das suas especiarias, que até muitas vezes queimão, e deitão ao mar o excesso dellas, para que a sua mesma abundancia os não obrigue a abaixar de preço (23): elles não temem a concorrencia imaginaria, esperão que ella seja effectiva, para então governarem a balança a seu favor.

Elles sabem que huma Nação, depois que chega a ser unica senhora de hum certo ramo de Commercio, pode então dar a lei como quizer, sem temer os esforços, que contra ella fizerem as outras Nações.

He necessario com tudo que ella, na occasião da concorrencia, saiba abaixar gradualmente o preço do seu genero favorito, até fazer que a Nação rival ou não ache lucro, ou succumba debaixo do pezo dos seus mesmos esforços: o Commercio segue a natureza de todas as coizas, que depois de tomarem huma certa carreira, não he facil de as fazer tornar.

A larga experiencia das Nações commerciantes tem feito ver, que huma Nação não faz á outra hum espolio desta natureza, sem que haja ou algum descuido, e má politica da parte da espoliada, ou alguma revolução imprevista, a qual não podem acautelar forças humanas.

Portugal perdeo a superioridade da sua Agricultura, e do seu Commercio, pela cegueira com que correo atraz de huma representação e de huma sombra de riqueza, sem ver que deixava atraz de si o precioso corpo que ella representava: sem duvida porque a sombra parece muitas vezes maior do que o corpo.

Perdeo Portugal em consequencia a superioridade da sua Marinha, porque hum Navio carregado de oiro não occupa tantas Náos, nem tantos mil homens, como huma Frota de igual valor carregada de assucar, cacáo, café, trigo, arroz, carnes, peixes salgados & c (24).

A revolução inesperada, acontecida nas Colonias Francezas, he hum daquelles impulsos extraordinarios, com que a Providencia faz parar a carreira ordinaria das coizas; agora pois que aquelles Colonos estão com as mãos atadas para a Agricultura, antes que elles principiem nova carreira, he necessario que apressemos a nossa.

O interesse he a alma do Commercio; e como elle tanto anima ao Francez como ao

Portuguez, he necessario deixar-lhe toda a liberdade ao subido preço do assucar; quanto elle mais subir, mais se augmentarão as nossas fabricas, e o nosso Commercio.

Em quanto os Estrangeiros reformão, ou fazem de novo as suas fabricas, e plantações, já nós lhes levamos a vantagem do melhor estado das nossas: e se nós trabalharmos com industria, e forças iguaes ás dos nossos rivaes, por isso que temos a natureza em nosso favor, ou sempre os havemos de exceder em dobro, ou elles nos hão de ceder o campo.

Para maior adiantamento do Commercio do assucar, se deve tambem promover a cultura do cacáo, canella, baunilha, e café, todos estes generos dão as mãos entre si; quanto se augmentar o gosto destes, tanto mais necessaria se fará huma maior abundancia daquelle.

Todos elles nascem e produzem muito no Brasil: o café principalmente vindo do Rio de Janeiro he superior ao melhor vindo dé Móca: repetidas experiencias feitas por bons conhecedores lhe tem dado toda a preferencia.

A canella do Brasil precisa de soccorro superior; seria necessario rebaixar-lhe os direitos das Alfandegas, e prohibir-se a que vem dos Estrangeiros: e se he verdade, como se diz, que os naturaes das Molucas não estão contentes com os Hollandezes, bem pode ser que esta desordem entregue mais depressa a Portugal a superioridade deste Commercio, pela muita abundancia com que a natureza, sem industria nem trabalho, produz a canella no Brasil.

Em summa, a occasião agora nos desafia: ella he ligeira, e voluvel; se se não lança mão della, foge, vôa, e desapparece.

---

(1) Em Pariz se está vendendo a 400 reis o arratel, e nesta Corte a 140, e a 160 reis.

(2) Em Salé está a 400 réis o arratel.

(3) Labat, Voyage aux Isles de l'Ameriq. tom. 3. chap. 5. du Sucre pag. 140.

(4) Os que tem conhecimento das plantações das canas de assucar sabem, que hum dos maiores lucros dellas são as socas, ou as canas que rebentão dos olhos ou pimpolhos, que ficão nos pés, ou nos pequenos troncos das canas que se cortão; não só por serem as socas huma producção espontanea da Natureza independente de huma nova plantação; mas tambem por ser huma producção tanto maior, quanto he maior o numero dos olhos, ou pimpolhos, que vingarão em cada pé ou tronco, que ficou da cana cortada; e se a terra he boa, ainda he maior a producção da 2.ª e da 3.ª soca: a cana soca he sempre mais doce, e por consequencia contêm em si mais particulas de assucar, do que a da primeira plantação; e por isso o rendimento daquella he sempre á porporção maior do que o desta: perdida pois, ou destruida toda a cana de huma safra, ou colheita de hum anno, não só se perdem para logo todos os lucros dessa safra, ou colheita; mas tambem se deixarão de lucrar para o futuro todos os multiplicados lucros das socas, que aliás rebentarião dos troncos dessas canas, se ellas não fossem arrancadas ou destruidas pela intemperie dos tempos, ou por qualquer outra causa.

(5) Labat. tom. 3. pag. 127.

(6) Labat. d. tom. 3. pag. 127, 135.

(7) Labat. d. tom. 6. chap. I. pag. 45. Qu'on compare la dépense d'une Sucrerie, et celle d'une Cacaotiere qui auroient donné le méme revenu, et l'on verra par la difference qui se trouvera entre l'une, et l'autre, qu'une Cacaotiere est une riche mine d'or, pendant qu'une Sucrerie ne sera qu'une mine de fer.

Além das despesas necessarias, ainda se fazem muitas por falta de methodo na construcção das fornalhas das caldeiras, em que se purificão os caldos para o assucar. E supposto já em alguns Engenhos, como vi no Rio de Janeiro, se fazem as fornalhas com algum methodo, formando huma abobada, sobre a qual estão assentadas as taixas, dividida em duas partes por hum crivo de tijolos (que serve não só para ter sobre si a lenha, que conserva a chamma, mas tambem para dar passagem ás cinzas, que cahem para a parte inferior da abobada chamada vulgarmente cinzeiro): com tudo ainda tem muitas imperfeições, que he necessario remedear, para se evitarem os muitos disperdicios de lenhas, dos serviços dos escravos que as cortão; e dos bois, que as conduzem. O I.º erro consiste em deixar aberta a boca da fornalha depois de se lhe ter metida a lenha necessaria; pois que devendo aproveitar-se toda a força, e actividade das chammas em fazer ferver os caldos das taixas; se perde muita parte das chammas, que retrocedem pela boca da mesma fornalha. Este erro he facil de remediar-se, fazendo a boca da fornalha a mais pequena possivel; para com mais commodidade se poder tapar com huma chapa de ferro, depois que se tiver metido a lenha necessaria para conservar a chamma: deve se porêm ter aberta, e desembaraçada a porta debaixo do chamado cinzeiro, para por ella entrar o ar para conduzir a chamma e o fumo, até sahir este pelo alto da fuminé, ou boeiro, como alli vulgarmente se chama. O II.º erro consiste em se meter nas fornalhas muita lenha desnecessaria; e, o que he peior, grandes toros de madeira verde, que alêm do grande trabalho de os cortar, de os conduzir, e de os meter nas fornalhas, dão hum fumo tão grosso, e tão espesso, que mais serve de apagar do que de augmentar a chamma : este erro tem o seu principio na supposição em que alguns estão, de que quanto mais lenha mais chamma, e quanto mais chamma mais fervem os caldos : porêm logo que se souber, que todo e qualquer liquido quando chega a ferver, não augmenta mais de calor; por exemplo, a agua depois de estar fervendo em borbotões, por mais que se lhe augmente o fogo, não recebe mais gráos de calor; se conhecerá que basta conservar os caldos no seu maior gráo de fervura, sem que seja necessario meter mais, e mais lenha; porque toda he perdida, principalmente os grandes toros verdes.

O III.º erro consiste em se fazer a fornalha, ou o canal por onde passa a chamma, todo igual desde a sua boca até a sua fuminé ou boeiro; o que faz que a chamma, correndo como inclinada para a parte da fuminé, passa com huma grande rapidez, sem aquentar bastantemente as taixas, que he o fim principal: este erro se remedeia facilmente formando-se debaixo de cada taixa huma abobada, ou hum forno com aberturas proporcionadas de humas para as outras, para dar passagem ás chammas desde a primeira até á ultima, mas sempre de sorte que a abertura por onde entra a chamma, seja algum tanto maior, do que a outra por onde ella sahe; porque a corrente da chamma, á maneira da de hum rio, achando-se hum pouco embaraçada em cada abobada, necessariamente ha de refluir, e subir por huma, e outra parte da abobada, até formar hum fogo de reverberio fortissimo no fundo de cada taixa, que he o fim que se quer: o mesmo succederá na segunda, na terceira, e na quarta taixa; e desta sorte com pouco fogo se fará hum grande effeito. He necessario porêm advertir-se, que a abobada da primeira taixa junto á boca da fornalha seja sempre maior do que a das outras, e com a grandeza necessaria para nella se accommodar toda a lenha, que for precisa para conservar os caldos sempre fervendo, ou no gráo de calor que se quizer. E supposto cada taixa deve ter o seu gráo de calor particular, conforme o ponto mais ou menos alto, que se quer dar aos caldos de cada taixa; com tudo este gráo de calor em huma mesma fornalha se póde muito bem proporcionar, dispondo-as de sorte que as taixas, ás quaes se quizer dar hum maior gráo de calor, deverão ficar mais perto da boca da fornalha, e com huma maior parte dos fundos descobertos á acção do fogo; e pelo contrario aquellas, ás quaes se quizer dar hum menor gráo de calor, deverão ficar mais perto da fuminé, e com huma menor parte dos seus fundos descobertos. Veja-se Baumé **Mem. sur la meill. maniere de constr. les alamb. et fourneaux:** Demachy **l'Art du distill. d'eaux-fortes:** e **Encyclopedie** art. Sucrerie.

E como ordinariamente nas casas das caldeiras ha muito fumo, que incommoda aos mesmos que trabalhão, para se evitar isto, será muito util que a fuminé passe acima dos telhados; não só para lançar longe o fumo, mas tambem para conduzir as chammas mais acima. Esta fuminé porêm não he necessario que seja huma grande massa informe, basta que tenha o seu diametro hum pouco menor do que o da boca do cinzeiro, por onde entra a grande columna de ar que conduz as chammas; e pode ser quadrada, ou cylindrica, e cingida com huma cimalha na altura de hum homem, para sobre ella se porem as luzes necessarias para de noite se alumiar a casa das caldeiras.

(8) Em qualquer genero de Agricultura hum Escravo não trabalha mais de doze horas por dia; na fabrica de assucar trabalha dezoito horas seguidas: este trabalho por sua natureza excessivo abbrevia a vida dos Escravos, extingue nos Pais, e nas Mãis o germen da propagação, a qual aliás he hum dos maiores soccorros para o serviço das mesmas fabricas. V. Labat. d. tom. 3. chap. 5. du sucre pag. 209.

(9) A falta de pastos que muitas vezes ha nos annos de grandes seccas, causa tambem gravissimos prejuizos aos proprietarios dos Engenhos, principalmente aos que os fazem trabalhar com bois ou com bestas.

(10) Os Portuguezes, Francezes, Hespanhoes, Hollandezes, Inglezes, Dinamarquezes, todos metem na Europa assucares das suas Colonias d'America, e alguns os trazem da Alexandria.

(11) No Rio de Janeiro ainda antes de lá entrarem os Portuguezes, ou alguns outros Europeos, havião já canas de assucar, como attesta Lery, hum dos companheiros de Villagagnon, que primeiro entrou naquella bahia em 5 de Novembro de 1555. Vej. a sua **Hist. Navigat. in Brasil,** cap. 8. **Sacchari cannis, quarum copia nobis suppetebat,** etc. e no cap. 12. **Sacchari quoque cannae optime in illis terris crescunt et maxima copia.** O Brigadeiro Antonio de Almeida Lara, o primeiro que cultivou as canas de assucar no Cuyabá, não achando canas algumas de assucar, nem sendo conhecidas em todas aquellas terras já então habitadas pelos Portuguezes, foi tirar as primeiras plantas das terras então habitadas pelo Gentio **Paresi.**

He já reconhecido por todos os Navegantes das Ilhas do Mar do Sul, que a cana de assucar he huma produção espontanea das terras situadas debaixo da Zona Torrida, assim como outras muitas, que lhe são proprias (*).

(12) Lery esteve no Rio de Janeiro pelos annos de 1557, como elle diz no fim do Cap. 5, da sua Historia; já por aquelle tempo fazia menção dos Engenhos de assucar, que os Portuguezes tinhão em algumas partes do Brasil. Veja-se o d. no Cap. 12. **Nos Galli et hominibus et machinis ad eliciendum saccharum idoneis nondum essemus instructi. ut sunt Lusitani in iis, quos occupant apud Barbaros, locis.**

(13) Labat d. t. 3. pag. 127, 129.

(14) **Dictionn. Univers. du Commerce** t. 3. pag. 870. col. 2. **Le plus bel (sucre) vient du Brésil.**

(15) **Castrioto Lusit.** part. I liv. 10. art. Militares pag. 689.

(16) Labat d. t. 3. pag. 180.

(17) Montesq. **Esprit des Loix** liv. 21, art. 18. **Labat** d. t. 3. pag. 323.

(18) Pitta **Histor. da America Portug.** liv. 8. num III., e seguintes.

(19) Labat d. tom. 3. pag. 324.

(20) Labat. d. tom. 3. pag. 120.

(24) Labat. d. tom. 2 chap. 12 pag. 223.

(22) Labat d. pag. 230.

(23) Bougainville **Voyage autour du Monde.** part. 2. chap. 8, pag. 197.

(24) Veja-se a Carta que escrevi aos Redactores do Investigador Portuguez.

(*) Mr. de-la Harpe **Hist. des Voyag. tom. 19, pag.** 376: L'ile d'Otahiti produit des fruits à-pain, des noix de cocos; des bananes de treize sortes et les meilleures que nous ayons jamais mangées; des planes, un fruit assez ressemblant à la pomme, et qui est très agréable lorsqu'il est mur; des patates douces, des ignames, du cacao, une espèce d'arum, un fruit connu dans l'ile sous le nom de jambu, et que les Insulaires regardent comme le plus délicieux; des cannes de sucre que les habitants mangent crues. **E mais adiante, pag.** 377: Tous ces fruits qui composent la nourriture des Otahitiens, sont des productions spontanées de la nature; ou bien la culture se réduit à si peu de chose, qu'ils semblent exempts de l'anathême général, qui porte que l'homme mangera son pain à la sueur de son front. On trouve aussi dans l'ile le murier dont on fait le papier chinois, **morus papyrifera.**

EXPORTAÇÃO DE AÇUCAR

Na sessão ordinaria realizada pela Comissão Executiva do I.A.A. a 23 de outubro último, a Gerencia do Instituto prestou informações detalhadas relativamente aos mercados externos de açucar e às nossas possibilidades de colocação das quotas de equilibrio, antes de tomadas as providencias para a exportação dos excessos da safra corrente.

Por conta dos excessos, estava então apenas contratada a venda de um lote de 15.000 sacos de açucar cristal de Alagoas, a ser embarcado para Portugal, em começos de novembro, por vapor do Lloyd Brasileiro, e ao preço de 27$000, por saco, Fob, porto de Maceió.

A venda desse lote se operou diretamente entre o representante da Comissão de Vendas dos Usineiros de Alagoas, nesta Capital, e a firma E. G. Fontes & Cia., desta praça, interferindo o Instituto, apenas, em cumprimento do art. 82 do Decreto-Lei n. 1.831, de 4-12-1939.

Todas as providencias foram tomadas pelos compradores do açucar, para a ultimação do negocio, ficando, entretanto, a definitiva ordem de embarque da mercadoria dependendo da obtenção do "navicert", a ser fornecido pelas autoridades consulares inglesas, no Brasil.

Quanto à exportação das quotas de equilibrio da presente safra, respectivamente, ra em Alagoas e Pernambuco, aprovou a Co- de 70.000 e 130.000 sacos de açucar demera- missão Executiva as seguintes medidas, que então sendo realizadas pela Gerencia do Instituto:

1.º — Venda da quota de equilibrio, de 70.000 sacos de demerara, de Alagoas, ao preço de 21$000 — Fob, porto de Maceió — para embarque em novembro, com destino à Suiça, sendo intermediaria, na operação, a firma S. A. Leão & Irmãos, de Maceió. A definitiva realização do negocio depende da obtenção da licença das autoridades consulares inglesas;

2.º — Oferta firme da quota de equilibrio de Pernambuco — 170.000 sacos demerara, ao preço Fob, porto do Recife, de 18$500 por saco, na base de 96.º de polarização, embarque em dezembro, para a Inglaterra, por intermedio da firma E. G. Fontes & Cia.;

3.º — Entendimentos com importadores do Uruguai para a venda de açucar, por intermedio do sr. Iberê Goulart, do Departamento de Comercio Exterior do Brasil, o qual se acha, no momento, em missão oficial, nas Repúblicas da Argentina e do Uruguai.

Segundo as informações prestadas ao Instituto por esse funcionario, o comercio de açucar do Uruguai está sendo controlado pelo Banco de La Republica Oriental del Uruguay, através da abertura dos necessarios créditos cambiais, de acordo com as quotas de importação fixadas pelo governo.

O Banco não permite negocios em bases mais desvantajosas do que as das ofertas do Perú, cujo preço Fob orça entre Rs. 17$000 e 18$000, por saco de 60 quilos.

Considerando, entretanto, as vantagens resultantes de menor frete, a Remolacheras y Azucarera del Uruguay S. A. (R.A.U.S.A.) se propõe a adquirir açucar brasileiro — demerara, polarização 96º, ao preço de 18$700, Fob, Recife ou Maceió, ao preço Cif correspondente, computando despesas à razão de U/S $4,00 por tonelada.

O preço Cif seria, assim, o de cerca de Rs. 23$700.

Dada a circunstancia de que as despesas de frete e outras decorrentes das condições de venda Cif atingem cerca de Rs. 7$000 por saco, os negocios para o Uruguai deverão, de preferencia, ser feitos nas condições Fob, a não ser que o Lloyd Brasileiro, ou outra companhia nacional de navegação, forneça praça em seus navios, para transporte do açucar, mediante despesas totais de Rs. 5$000, por saco, entre o preço Fob e Cif.

Vai dispor o Instituto de 100.000 sacos de açucar demerara, em Pernambuco, para exportação, por conta dos produtores, e em substituição de igual quantidade de açucar cristal da safra passada, já entregue à Distilaria Central Presidente Vargas.

Os embarques das qoutas de açucar, para o Uruguai, somente se poderão iniciar em fevereiro do ano vindouro, em volume não superior a 3.000 toneladas mensais.

Os 100.000 sacos de açucar demerara mencionados estarão disponiveis em Pernambuco, a partir de janeiro próximo, podendo, portanto, ser realizada a sua venda para Montevidéu, ao preço Fob de Rs. 18$700, ou eventualmente de Rs. 23$700, Cif, se o

TENDENCIAS DO DESENVOLVIMENTO E TRANSFORMAÇÕES DA INDUSTRIA AÇUCAREIRA MUNDIAL NOS ULTIMOS 25 ANOS

DR. HUGO AHLFELD

O estudo, cuja publicação iniciamos em seguida, da autoria do economista e estatistico alemão dr. Hugo Ahlfeld, que goza de uma reputação universal, foi traduzido para o português, da revista "Weltwirtschaftliches Archiv (número de janeiro deste ano), editada pelo Instituto de Economia Mundial, de Kiel, pelo dr. João Jochmann, assistente da Secção Técnica da Secretaria Geral do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatistica.

SUMARIO: I — Cana e beterraba. II — Concorrencia entre o açucar de cana e o de beterraba. III — Competição agravada entre os mercados de açucar depois da guerra mundial. IV — Primeira tentativa de uma industria açucareira mundial dirigida. V — Transformações da estrutura da industria açucareira mundial depois da Grande Guerra. VI — Continuação da cooperação internacional no Convenio Internacional de Açucar de maio de 1937. VII — Primeiras consequencias da irrupção da guerra de 1939. VIII — Perspectivas.

I CANA E BETERRABA

A industria açucareira basêa-se em duas culturas: cana e beterraba. Aquela prospera somente nas regiões tropical e subtropical, esta nas zonas de clima temperado. Apenas em alguns paises subtropicais encontramos ambas as culturas simultaneamente. Pode-se dizer, portanto, que, via de regra, não existe o cultivo da beterraba onde a cana é plantada e vice-versa.

1.º — Histórico, tecnologia e rendimento

Desde muitas dezenas de séculos, o açucar de cana é conhecido como gênero alimenticio e condimento, enquanto que a descoberta do açucar, como parte essencial da seiva da beterraba, foi obra de Andreas Sigismund Marggraf (1709 a 1782), professor de química e diretor da então Academia Prussiana de Ciencias de Berlim. A utilização prática da descoberta do grande mestre ficou reservada a seu aluno Franz Karl Achard (1753-1821) que, tambem, era diretor do curso de física da referida academia e sucessor imediato de Marggraf.

Na Europa, a industria de açucar de beterraba atingiu o primeiro apogeu durante o bloqueio continental, isso principalmente na França, chegando, porem, a desempenhar um papel preponderante no conjunto da industria açucareira mundial, apenas desde o segundo terço do século XIX. As tecnologias da cana e da beterraba distinguem-se, fundamentalmente, uma da outra, já em função das condições diferentes do clima reclamado por cada uma das duas plantas. Quanto à cana, uma vez plantada sua muda, permanece muitas vezes, durante 6 a 7 anos consecutivos brotando, depois da colheita, novos rebentos que por sua vez proporcionam bons rendimentos por muitos anos.

O plantio da cana faz-se no solo tropical e sub-tropical, sob o dominio de condições de trabalho coloniais, fato esse que tem muita influencia no rendimento e no custo da produção. Há muito poucos paises produtores de cana onde, como por exemplo Java, anualmente se plantam mudas novas. Entretanto, a beterraba é semeada por ano, cons-

---

Lloyd Brasileiro, ou outra Companhia, que, a respeito, consultar o Instituto, concordar em assumir a responsabilidade do transporte, dentro da margem de Rs. 5$000 entre os dois preços indicados.

Ficou, pois, autorizada a Gerencia a realizar os entendimentos necessarios com o sr. Iberê Goulart, para a efetivação da venda do referido lote de açucar, nas condições em apreço.

tituindo principalmente uma cultura dos paises europeus de agricultura bem desenvolvida.

Nos últimos 50 anos foram empenhados muitos esforços no sentido de se obterem especies de cana e beterraba com rendimento cada vez maior na fabricação do açucar. Tais esforços foram coroados de sucessos tais que ultrapassaram todas as espectativas, pois podiam ser aumentados enormemente o rendimento por hectare bem como o açucar contido na beterraba e na cana. Quanto à beterraba, eram os cultivadores alemães que, nesse particular, mantinham lugar de maior destaque enquanto que os melhoramentos da cana se devem, antes de tudo, aos estudos científicos da industria açucareira de Java. As especies deste país, de nome POJ. (Proef-Station Oost Java), principalmente durante os últimos 15 anos, exerceram uma influencia verdadeiramente revolucionaria sobre toda a industria açucareira da cana.

Examinando os rendimentos em açucar, por hectare, alcançados durante os últimos anos nos principais paises produtores de cana e beterraba, verificamos que, nos dominios das industrias mais bem dirigidas e aparelhadas, a cana oferece rendimentos múltiplos dos que podem ser obtidos nas regiões da cultura européia mais adiantada. Contudo, existem ainda hoje paises produtores de cana, cujos rendimentos não equivalem, nem de longe, aos de produtores europeus da beterraba. Tal estado, porem, não é senão questão de tempo, visto provirem os baixos rendimentos em açucar verificados em muitos paises produtores de cana, apenas de certos defeitos de organização, cultura e elaboração, bem como do fato de plantarem eles especies menos rendosas.

QUADRO 1 — RENDIMENTO EM AÇUCAR POR HECTARE — 1934/35 — 1937/38

PAISES	AÇUCAR RENDIDO POR 1 HECTARE			
	1934/35	1935/36	1936/37	1937/38
	Quintais métricos			
Produtores de beterraba				
Alemanha	49,9	46,5	52,3	56,6
Dinamarca	21,1	56,3	57,5	62,1
França	45,8	40,7	39,6	41,5
Grã Bretanha	40.7	34,9	41,0	33,6
Holanda	67,1	58,2	60,8	60,1
Italia	41,3	38,1	31,9	32,6
Russia (U.R.S.S.)	12,6	21,3	16,4	21,0
Suecia	53,9	58,2	58,1	62,5
Tchecoslovaquia	43,7	38,1	47,9	44,4
Produtores de cana				
Argentina	26,2	29,2	32,4	—
Australia	71,4	68,0	76,8	—
Brasil	21,0	24,6	19,6	25,7
Cuba	42,6	42,8	52,6	52,7
Havaí	171,2	174,1	162,9	—
Japão e Formosa	93,1	80,0	91,8	86,6
Java	173,4	161,5	161,7	—
Mauricio	36,7	56,8	59,5	60,9
Perú	125,2	119,4	127,4	126,7

Fonte: "Estatística açucareira mundial 1937/38, 1936/37 e estimativa, para 1938/39", págs. 6 e 8. ("Weltzuckerstatistik"). Daqui em diante citado de "Estatística açucareira mundial".

Todos os dados volumétricos desta tabela e das seguintes referem-se ao açucar crú, para a conversão de açucar bruto em açucar branco usa-se a taxa de 10:9; para anos anteriores, 9:8.

2.º — A posição da beterraba dentro das diversas economias nacionais

Como é natural, a indústria da cana tentou combater, por todos os meios, o desenvolvimento da beterraba. Esta sofreu, então, as mesmas experiencias, pelas quais passam todos os produtos novos, capazes de conquistar certos mercados que anteriormente eram dominados por determinadas mercadorias. Houve uma época, em que o açucar de beterraba era tambem "ersatz" (1) provando, porem, logo a sua equivalencia incondicional. Apezar disso, semelhante industria européia não poderia ter progredido, se não tivesse sido protegida pelos governos, pois já naquele tempo, a superioridade econômica da cana era muito grande. O rendimento em açucar, consignado no quadro n.º 1, ainda hoje, "in principio" não se alterou. Levando-se em conta a produção de açucar, a cana, igualmente em nossos dias, leva vantagem sobre a beterraba, isso sob o ponto de vista da produtividade e do rendimento, o que é ocasionado pela maior fertilidade das terras e pelo menor custo do braço, nas zonas tropicais.

Que é que fez, então, com que os governos dos Estados europeus tenham dedicado sua atenção especial à industria açucareira da beterraba desde os seus primeiros dias?

Em primeiro lugar, é obvio, eram considerações políticas de ordem econômica. Criar uma nova industria agrícola, capaz de tornar independentes da importação do açucar de cana, tão caro, as diversas economias nacionais, eis a idéia sedutora a ponto de suscitar logo aos governos a disposição de dedicar à nova industria todo o auxilio, até mesmo com sacrificios. O caminho comum era o do direito de alfândega. Este, porem, devia servir, essencialmente, apenas para o fim de proporcionar às industrias em inicio, condições de desenvolvimento melhores, de forma que elas, mais tarde, pudessem competir com o açucar de cana sem o auxilio da comunidade nacional. Com pequenas exceções, tal principio foi respeitado até hoje, verificando-se, entretanto, no decorrer do tempo, que a industria do açucar de beterraba, pelas causas mencionadas, sempre há de precisar de certo protecionismo aduaneiro.

O crescimento da produção do açucar de beterraba foi acompanhado pela diminuição correspondente das importações do produto tropical. Sendo assim, as receitas das alfândegas sofreram baixas muito sensiveis, dificultando-se, bastante, por isso, a situação das finanças públicas. Para remediar tal situação, chegou-se muito breve à conclusão de que o recurso seria tributar a industria açucareira de beterraba com um imposto especial, sendo adotado, em alguns paises, o tipo de imposto da produção. Na maior parte dos paises produtores, porem, foi preferido o imposto de consumo. Como era limitado o número dos estabelecimentos a tributar, tornou-se facil a fiscalização bem como a execução completa da arrecadação. Alem disso, tal imposto, sob o ponto de vista da política financeira, parecia bem motivado por isso que passara por luxo o consumo do açucar que, até o advento do produto da beterraba, custava muito caro.

Embora, no decorrer do tempo, o açucar, em todos os paises de alta civilização, se tornasse valiosíssimo gênero alimenticio popular, o imposto sobre o seu consumo foi conservado, apezar de todos os esforços empenhados pela industria atingida, no sentido de eliminá-lo, porque o mesmo constitue, para todos os Estados, uma fonte de tributação cômoda e abundante. Tal peculiaridade da industria em questão, bem como o fato de necessitar ela de proteção, tinha por consequencia que talvez nenhuma mercadoria tenha experimentado tantas providencias governamentais e, não raras vezes, até certos favores, como o açucar, e isto, mesmo na época do liberalismo econômico.

Assim, a industria açucareira e a cultura da beterraba sempre mantinham, dentro das diversas economias nacionais, uma posição algo singular. Deve-se isso, ainda, a outras circunstancias, ou sejam razões da ordem agronômica e da defesa nacional. Espalhando-se a dita cultura, observou-se logo que o tratamento intensivo da terra, reclamado pela beterraba, melhorou bastante o solo ocupado, favorecendo, desta maneira, os plantios seguintes. Conseguiu-se sempre aumentar bastante o rendimento dos cereais plantados, sob a orientação da técnica agronômica, em seguida à beterraba. Alem disso, o cultivo desta apresenta outra vantagem especial: justamente naqueles meses em que é diminuida, nas zonas rurais, a procura do braço humano, exige ele o maior número de

(1) — (N. da R.) sucedaneo.

horas de trabalho por unidade de area e realiza-se sua colheita.

Finalmente a guerra mundial ensinou como é valioso dispor-se de industria açucareira propria principalmente para os Estados suscetiveis dos efeitos de qualquer bloqueio. Nos últimos anos surgiu mais um argumento que fortaleceu, imensamente, a posição da cultura da beterraba, isto principalmente na Alemanha. Enquanto essa cultura, ainda durante o primeiro decenio depois da guerra mundial, gravitou, incontestavelmente em torno da produção de açucar, adquiriu, nos últimos anos, uma importancia cada vez maior a sua aplicação como forragem. Sob a direção nacional-socialista da economia alemã, percebeu-se cedo que a beterraba proporciona duas safras, uma em baixo, outra em cima do solo, sendo logo aproveitado, praticamente, tal conhecimento.

Consequentemente, as fábricas transformadoras da beterraba tornaram-se, numa medida até então desconhecida, usinas de açucar e de forragens, simultaneamente. Como se presta a beterraba para tais fins consta das análises feitas pelo professor Roemer, de Halle, pelas quais se verifica o seguinte: calculando-se as unidades de forragem por hectare cultivado, proporciona a beterraba 58,76 quintais métricos, a batata 26,74, o trigo, 20,93, o centeio 17,85 e a aveia 17,83.

Levando-se em conta o grande valor da beterraba para a obtenção da independencia, em materia de gêneros alimenticios e forragens, e, ainda, as suas vantagens relevantes sob o ponto de vista da agronomia e da defesa nacional, não é de admirar que quase todos os Estados europeus tenham criado a sua industria açucareira de beterraba, se bem que o produto nacional fosse muito mais caro do que o açucar de cana oferecido pelas zonas tropicais. E' preciso conhecer-se esses pormenores pàra se poder formar um juizo acertado sobre as forças propulsoras da industria açucareira mundial.

II — CONCORRENCIA ENTRE O AÇUCAR DE CANA E O DE BETERRABA

Antes de estudarmos o desenvolvimento da industria açucareira mundial, ocorrido depois da guerra passada, bem como as transformações fundamentais da sua estrutura, desejamos dar um breve resumo dos principios que dominaram, antes de 1914, e durante a grande conflagração, a política açucareira, esboçando rapida e estatisticamente, a situação dessa industria universal para obtermos uma medida avaliadora do desenvolvimento processado até esta parte, e, ao mesmo tempo, um fundamento seguro para julgarmos das tendencias do futuro.

1.º — A situação antes da guerra mundial

A época anterior à guerra caracteriza-se, antes de tudo, pela concorrencia entre o açucar da cana e o da beterraba. Este, no decorrer dos decenios, não só conquistara os mercados nacionais, mas se tinha apresentado, tambem, no mercado livre mundial, removendo o açucar de cana dos seus antigos dominios. Tal política de exportação não podia ser realizada senão por meio de subvenções por parte dos governos, porque o produto da beterraba, conforme explicamos acima, não era capaz de competir, por si só, com o da cana. Muitos Estados europeus, entre os quais, em primeiro lugar, a Alemanha, a Austria, Hungria e a Russia, concederam às suas industrias açucareiras premios de exportação, visiveis ou não, proporcionando-lhes, destarte, a possibilidade de concorrer vantajosamente com o seu competidor.

Tais medidas causaram grandes dificuldades, particularmente, à industria açucareira da cana, das Indias Ocidentais Britânicas, de forma que a Grã Bretanha se viu forçada a tomar providencias para conservar a sua industria colonial de açucar; pois, como maior compradora do açucar de beterraba europeu, estava perfeitamente em condições de forçar as industrias continentais a reconhecerem os seus interesses. Ameaçou, caso essas a isso se recusassem, de tributar por direitos de alfândega, exatamente compensatorios, o açucar de beterraba premiado. Finalmente, essas questões encontraram sua solução no Convenio de Bruxelas, celebrado em 5 de março de 1902.

Foi indicada, como fim principal dessa convenção, a igualdade das condições de concorrencia para o açucar de beterraba e o de cana, bem como o aumento do consumo, devendo servir de meios para alcançar tal finalidade a revogação dos premios e a limitação do direito de alfândega adicional.

Quando da referida convenção, nos meios europeus da industria açucareira, foram externados serios receios a respeito das consequencias que semelhante arranjo provoca-

ria para a exportação do açucar. Entretanto, o desenvolvimento real não deu razão a essas apreensões, pois a quota que coube ao açucar de beterraba sobre a produção mundial, até o irrompimento da guerra de 1914, baixou numa medida insignificante, conforme se depreende dos seguintes algarismos:

QUADRO 2 — PRODUÇÃO AÇUCAREIRA MUNDIAL — 1900/01 a 1913/14

ANOS DE COLHEITA	PRODUÇÃO DE AÇUCAR				
	Números absolutos			Números relativos	
	Total	De beterraba	De cana	De beterraba	De cana
	Milhões de toneladas			Total = 100	
1900/01	11,3	6,0	5,3	53,3	46,7
1901/02	12,6	6,9	5,8	54,4	45,6
1902/03	11,5	5,7	5,8	49,4	50,6
1903/04	12,1	6,1	6,0	50,1	49,9
1904/05	11,2	4,9	6,3	44,0	56,0
1905/06	14,0	7,3	6,7	51,9	48,1
1906/07	14,3	7,2	7,1	50,4	49,6
1907/08	13,7	7,1	6,6	51,5	48,5
1908/09	14,4	7,0	7,4	48,7	51,3
1909/10	14,7	6,6	8,0	45,3	54,7
1910/11	16,8	8,7	8,2	51,5	48,5
1911/12	15,5	6,9	8,6	44,8	55,2
1912/13	18,0	9,0	9,0	50,2	49,8
1913/14	18,7	9,1	9,7	48,4	51,6

Fonte: "Estatística açucareira mundial", pág. 9.

Segundo observamos nesses números, até a guerra mundial, a convenção de Bruxelas não fizera, de nenhum modo, com que o açucar de beterraba fosse removido, sensivelmente, do mercado mundial. Estamos convencidos, nos entanto, de que os melhoramentos introduzidos na cultura da cana e nos processos de fabricação colonial, mais cedo ou mais tarde, teriam operado nesse sentido, se não tivesse irrompido a grande guerra.

Pode-se emitir tal opinião justamente hoje, pois verificados os enormes progressos da industria do açucar de cana, ninguem poderá afirmar que o açucar de beterraba seja capaz de competir, por si só, com o produto tropical, questão essa sobre a qual se podia discutir antes de 1914, porque então mal se conheciam as possibilidades do desenvolvimento inerentes à industria açucareira de cana.

2.º — O declinio da industria açucareira de beterraba e a ascensão da de cana, durante a guerra mundial.

Em consequencia da guerra desencadeada, a luta entre a beterraba e a cana, sobre cujo resultado a favor desta última, no dominio da exportação, não podia restar dúvida, mudou completamente de terreno, pois foram interrompidas, de repente, todas as relações que, até então tinham crescido organicamente entre as zonas da produção e as do consumo. Atingiu essa situação, de modo especial, a economia açucareira da Europa. Conforme já antes mencionamos, o abastecimento de açucar da Grã Bretanha dependia, antes da guerra, em primeiro lugar, dos fornecimentos dos grandes produtores europeus, ou sejam principalmente a Alemanha, a Austria-Hungria e a Russia. As exportações desses paises, porem, cessaram, logo em 1914, de maneira que a Inglaterra sentiu, dentro em breve, a escassez do artigo.

Tal situação, é obvio, proporcionou aos paises produtores de cana a oportunidade de elevar bastante as suas vendas. Acontece, porem, que transformações econômicas de tal envergadura não podem ser completamente aproveitadas, na realidade, de um ano para outro, pois, assim como outras culturas, necessita tambem a cana de períodos mais longos, para aumento da area cultivada, construção de outras usinas e entabolação de novas relações comerciais. Em consequencia disso, a produção do açucar de cana, durante os primeiros anos da guerra, não subiu senão vagarosamente, apesar do plantio, mais tarde, aumentar numa cadencia cada vez mais acelerada. Num contraste claro, a industria açucareira da Europa foi caindo em decadencia, até mesmo em função dos proprios combates, visto se travarem as mais rudes batalhas na Bélgica, na França setentrional e na Polonia, ou seja justamente em zonas importantíssimas da cultura da beterraba. Não poude haver, nessas regiões, nenhuma produção de açucar. Nas demais partes, a falta de mão de obra causou evidente insuficiencia no tratamento das plantações, o que, por sua vez, de par com a escassez de adubos, redundou numa rápida redução do rendimento por hectare.

Terminadas as hostilidades, as lutas políticas internas e a pouca disposição para o trabalho continuaram a diminuir o rendimento. Todos esses fatores cooperaram para o quase desmoronamento do soberbo edificio da industria açucareira européia. Aliás, sua organização interna tambem experimentou transformações fundamentais, pois, dadas as condições de guerra, tinham sido controlados firmemente, pelos governos, a produção, venda e preços do artigo, enquanto que o Estado, antes de 1914, só havia exercido influencia sobre o desenvolvimento da industria açucareira através da sua política aduaneira e fiscal. Semelhantes tendencias de economia planificada puzeram-se cada vez mais em evidencia, em detrimento do comercio livre. (De passagem: não se pode afirmar que o governo alemão daquela época haja demonstrado uma habilidade especial.)

Embora a propria conflagração já tivesse sido extinta, os efeitos desse período guerreiro fizeram-se sentir até a safra de 1924-25. Só de 1925-26 em diante a industria da beterraba na Europa começou a restabelecer-se realmente. Em 1913-14, havia produzido 8,3 milhões de toneladas, acusando, em 1919-20, o seu mínimo, com 2,6 milhões. A recuperação operou-se muito lentamente, pois os resultados eram, em 1920-21, de 3,8 milhões, em 1921-22 de 4,1 milhões, só se tendo alcançado o nivel de 1913-14 em 1927-28, com a produção de 8,1 milhões de toneladas.

QUADRO 3 — PRODUÇÃO AÇUCAREIRA MUNDIAL, 1914/15 a 1924/25

ANOS DE COLHEITA	PRODUÇÃO DE AÇUCAR				
	Números absolutos			Números relativos	
	Total	De beterraba	De cana	De beterraba	De cana
	Milhões de toneladas			Total = 100	
1914/15	18,2	8,3	9,9	45,6	54,4
1915/16	16,7	6,1	10,6	36,5	63,5
1916/17	17,0	5,9	11,2	34,4	65,6
1917/18	16,9	5,2	11,7	30,6	69,4
1918/19	15,9	4,4	11,5	27,9	72,1
1919/20	15,2	3,4	11,9	22,0	78,0
1920/21	16,8	4,9	11,9	29,2	70,8
1921/22	17,9	5,1	12,7	28,7	71,3
1922/23	17,9	5,4	12,5	30,0	70,0
1923/24	19,6	6,1	13,5	31,0	69,0
1924/25	23,2	8,3	14,9	35,8	64,2

Fonte: "Estatística açucareira mundial".

Enquanto, durante toda essa época, a industria da beterraba sofria tão grande diminuição, a industria da cana vivia os seus dias aureos, pois, imediatamente após o armisticio, a procura do açucar se tornou fortíssima em todos os paises, aumentando imensamente o preço da mercadoria. Se não, vejamos. Na media anual, o preço do açucar de cana (cif Londres) por cwt era, em 1913, de 10 s 5 ½ d; em 1914-15, de 19 s 2 ½ d; em 1918, de 24 s 7 ¼ d, tendo alcançado em 1920 o seu ponto culminante, com 65 s 8 ¼ d.

Tal surto dos preços representava, naturalmente, um estímulo fortíssimo para os produtores de açucar em todo o mundo, fazendo com que ampliassem, a todo transe, a fabricação do artigo. Em primeiro lugar, foi a industria de Cuba que, auxiliada pelo capital americano, construiu fábricas novas e cultivou areas cada vez maiores, aumentando, desse modo, bastante, a capacidade de seu aparelhamento produtor. A produção desse país tinha montado, em 1910/11, a 1,5 milhão de toneladas; em 1913-14, a 2,6 milhões; em 1918-19, a 4 milhões e, em 1924-25, a 5,2 milhões de toneladas. Em muitos outros paises produtores da cana, observou-se um desenvolvimento semelhante, embora de intensidade menos acentuada.

A consequencia da guerra mundial era, por tudo isso, um surto vertiginoso da produção de cana e, concomitantemente, uma decadencia quase que completa da industria da beterraba. Estava claro, entretanto, que tal estado de coisas não poderia permanecer "ad infinitum". Chegaria o dia em que a industria da beterraba, vencido o colapso, desencadearia de novo a competição por um lugar sob o sol. E não menos evidente era que tal concorrencia não poderia deixar de causar novos e graves abalos ao edificio da industria açucareira mundial.

Esta fase nova da evolução econômica açucareira começa na safra de 1925-26, chegando a seu termo na de 1936-37. Nos primeiros anos desse período, assistimos à luta de todos contra todos, embora fossem registradas, mais tarde, varias tentativas para alcançar-se um ajustamento dos diversos interesses por meio de convenções internacionais.

Antes de examinarmos o desenvolvimento verificado desde a safra de 1925-26 e suas tendencias básicas, convem proporcionarmos um resumo do movimento do açucar existente, bem como da propria produção, nas principais nações produtoras do mundo, porque esses dados facilitam bastante a compreensão das ponderações posteriores.

III — COMPETIÇÃO AGRAVADA ENTRE OS MERCADOS DE AÇUCAR DEPOIS DA GUERRA MUNDIAL

1.º — Resumo estatístico

QUADRO 4 — PRODUÇÃO AÇUCAREIRA MUNDIAL, 1925/26 a 1937/38

ANOS DE COLHEITA	PRODUÇÃO DE AÇUCAR				
	Números absolutos			Números relativos	
	Total	De beterraba	De cana	De beterraba	De cana
	Milhões de toneladas			Total = 100	
1925/26	23,8	8.6	15,1	36,3	63,7
1926/27	23,2	7,9	15,3	34,0	66,0
1927/28	25,1	9,2	16,0	36,5	63,5
1928/29	26,8	9,6	17,2	35,9	64,1
1929/30	26,7	9,3	17,4	35,0	65,0
1930/31	27,9	11,9	15,9	42,8	57.2
1931/32	25,0	8,8	16,2	35,1	64,9
1932/33	22,7	8,0	14,7	35,2	64,8
1933/34	24,3	9.2	15,1	37,7	62,3
1934/35	24,6	9,8	14,8	39,7	60,3
1935/36	27,1	10,4	16,7	38,3	61,7
1936/37	28,9	10,2	18,7	35,4	64,6
1937/38	29,4	11,1	18,3	37,8	62,2

Fonte: "Estatística açucareira mundial". No tocante a alguns paises produtores, tais como Java, Italia, etc., este quadro bem como os anteriores, basêa-se em dados elaborados segundo o criterio de cada país, quanto ao respectivo ano agrícola, enquanto que no quadro seguinte os dados se referem, de modo quase uniforme, ao período de setembro a agosto.

QUADRO N.º 5

PRODUÇÃO MUNDIAL DE AÇUCAR POR PAISES

PAISES	QUANTIDADE — 1.000 T.								
	1900/01	1913/14	1919/20	1925/26	1930/31	1934/35	1935/36	1936/37	1937/38
A — PRODUÇÃO DE AÇUCAR DE BETERRABA									
Alemanha	(1) 1.983	(1) 2.720	716	1.593	2.528	1.692	1.693	(2) 1.950	(2) 2.372
Austria	(3) 1.094	(3) 1.730	5	78	150	223	206	(4) ...	(4) ...
Bélgica	325	230	147	332	283	270	241	240	240
Bulgaria	3	7	14	2	58	2	18	12	32
Dantzig	(4) ...	(4) ...	7	25	52	42	—	9	14
Dinamarca	50	144	156	183	168	90	245	226	251
Espanha (5)	72	191	93	276	326	354	200	226	151
Finlandia	—	—	—	2	4	12	9	11	11
França	1.114	795	172	747	1.196	1.217	925	885	969
Grã Bretanha (6)	—	4	—	58	462	654	523	588	426
Holanda	178	230	239	307	300	264	239	244	246
Hungria	(7) ...	(7) ...	11	166	234	120	117	144	111
Irlanda (República)	—	—	—	—	26	70	92	96	91
Italia (8)	67	334	189	220	420	350	325	333	352
Iugoslavia (9)	2	8	9	63	98	63	90	101	37
Letonia	—	—	—	1	7	61	50	43	50
Lituania	—	—	—	—	—	17	24	30	32
Polonia	(10) ...	(10) ...	95	589	792	453	450	458	562
Rumania	19	33	4	110	163	107	135	72	76
Russia (U.R.S.S.)	(11) 894	(11) 1.751	79	1.194	2.004	1.478	2.600	1.999	2.500
Suecia	115	137	145	204	187	272	295	299	345
Suiça	2	4	1	7	6	9	8	9	12
Tchecoslovaquia	(7) ...	(7) ...	501	1.490	1.126	631	563	710	741
Turquia	—	—	—	—	15	65	60	73	57
Total da Europa	5.918	8.291	2.583	7.647	10.605	8.498	9.108	8.758	9.678
Argentina	—	—	—	—	2	5	5	2	1
Australia	—	1	2	2	5	5	5	4	6
Canadá	—	13	19	37	47	57	61	77	61
Estados Unidos	88	749	746	920	1.229	1.183	1.203	1.318	1.294
Irã	—	—	—	—	—	9	17	19	18
Japão	—	—	—	12	23	35	31	44	45
Manchuquo	—	—	—	—	—	—	—	6	12
Uruguai	—	—	—	—	—	—	—	3	3
Total dos demais continentes	88	763	767	971	1.306	1.294	1.322	1.473	1.440
Total mundial	6.006	9.054	3.350	8.618	11.911	9.792	10.430	10.231	11.118

(Continua)

QUADRO N.º 5 (Continuação)

PAISES	QUANTIDADE — 1.000 T.								
	1900/01	1913/14	1919/20	1925/26	1930/31	1934/35	1935/36	1936/37	1937/38
B — PRODUÇÃO DE AÇUCAR DE CANA									
Espanha	39	15	8	8	23	18	20	16	12
Cuba	621	2.640	3.787	4.963	3.172	2.578	2.629	3.029	3.040
Luisiana e Flórida	278	273	110	126	191	238	347	396	415
Porto Rico	63	330	441	550	715	708	840	904	977
Ilhas Sandwich	384	560	517	717	904	874	987	835	833
Trindade	52	56	59	75	100	120	157	152	136
Barbados	58	34	55	48	60	47	107	130	113
Jamaica	20	16	48	59	51	78	93	109	120
Antigua	10	16	16	13	5	18	22	33	23
São Kitts	7	8	10	17	15	29	29	35	28
Demais paises das Indias Ocidentais Britânicas	7	8	6	7	7	9	10	13	11
Ilhas Virgem	13	6	13	6	2	2	3	8	4
São Domingos	45	107	179	360	369	431	457	454	428
México	107	146	105	217	298	294	347	283	303
Martinica	34	40	19	48	38	47	55	51	54
Guadelupe	28	26	23	33	24	37	40	55	48
Haití	—	—	4	10	19	36	38	36	40
Guatemala	10	11	15	26	40	32	35	32	35
Demais paises da América do Norte e Central	14	15	46	72	50	49	51	61	56
Total da América do Norte e Central	**1.751**	**4.292**	**5.453**	**7.347**	**6.060**	**5.627**	**6.247**	**6.616**	**6.664**
Argentina (12)	118	275	295	395	382	345	390	485	412
Brasil	312	358	695	750	1.020	994	1.035	900	1.004
Equador	5	4	10	26	21	19	20	17	22
Goiana Britânica	96	108	88	109	128	177	178	203	211
Perú (13)	120	228	314	377	390	399	389	409	343
Surinam	13	13	8	16	20	18	18	20	15
Venezuela	3	4	19	22	20	19	22	25	24
Demais paises da América do Sul	10	12	31	44	33	44	42	49	51
Total da América do Sul	**677**	**1.002**	**1.460**	**1.739**	**2.014**	**2.015**	**2.094**	**2.108**	**2.082**

(Continua)

QUADRO N.º 5

(Continuação)

PAISES	QUANTIDADE — 1.000 T.								
	1900/01	1913/14	1919/20	1925/26	1930/31	1934/35	1935/36	1936/37	1937/38
Egito	94	70	88	96	122	137	132	138	160
Mauricio	182	250	235	241	221	179	281	308	318
Reunião	43	36	50	59	50	64	91	84	80
União Sul-Africana (14)	17	94	172	217	356	324	377	440	461
Moçambique	4	34	40	61	77	86	80	76	71
Angola	—	—	13	10	21	26	35	29	32
Demais paises da África	4	9	10	14	25	56	53	86	97
Total da África	344	493	608	698	872	872	1.049	1.161	1.219
Java (15)	823	1.434	1.552	1.992	2.843	514	592	1.415	1.399
Indias Britânicas:									
Açucar branco	925	1.149	1.524	253	431	877	1.248	1.396	1.211
"Gur"				1.061	1.140	1.876	2.086	2.168	1.709
Filipinas	113	313	411	493	834	630	889	1.015	998
Japão e Formosa	84	238	294	593	912	1.139	1.049	1.159	1.167
China	300	300	250	275	119	452	476	619	730
Indochina	50	61	60	55	56	55	55	60	78
Total da Asia	2.295	3.495	4.091	4.722	6.335	5.543	6.395	7.832	7.292
Australia	115	270	177	525	544	653	659	795	816
Ilhas Fidji	32	94	65	102	94	114	134	151	142
Total da Oceania	147	364	242	627	638	767	793	946	958
Total mundial do açucar de cana	5.253	9.661	11.862	15 141	15.942	14.842	16.598	18.679	18.227
Idem do açucar de beterraba	6.006	9.054	3.350	8.618	11.911	9.792	10.430	10.231	11.118
Total mundial geral	11.259	18.715	15.212	23.759	27.853	24.634	27.028	28.910	29.345

Fonte: "Estatística açucareira mundial", e "Relatorio alemão" (Deutscher Bericht), Magdeburg, 1939, n.º 22.

(1) Inclusive a produção de Dantzig. — (2) Inclusive a produção da Austria. — (3) Inclusive a produção da Hungria e Tchecoslovaquia. — (4) Incluido na produção da Alemanha. — (5) Julho a Junho. — (6) A partir de 1925/26, Reino Unido, inclusive Irlanda do Norte. — (7) Incluido na produção da Austria. — (8) Agosto a Julho. — (9) Até 1913/14, Servia. — (10) Incluido na produção da Russia. — (11) Inclusive a produção da Polonia. — (12) Maio a Novembro. — (13) Janeiro a Dezembro. — (14) Maio a Abril. — (15) — Até 1930/31, Maio a Abril; a partir de 1934/35, Abril a Março.

QUADRO 6 — MOVIMENTO MUNDIAL DE AÇUCAR, 1925/26 a 1937/38

Anos	QUANTIDADES EM MILHÕES DE TONELADAS							
	Produção	Importação	Efetivos no inicio da safra (1/IX)	Total	Efetivos no fim da safra (31/VIII)	Entregas	Exportação	Consumo
1925/26 . . .	23,6	13,2	5,3	42,0	5,8	36,3	13,1	23,2
1926/27 . . .	23,3	12,8	5,8	41,2	5,7	36,1	12,7	23,4
1927/28 . . .	24,9	12,8	5,7	43,4	6,1	37,2	12,6	24,6
1928/29 . . .	27,1	14,4	6,1	47,7	7,5	40,2	14,5	25,7
1929/30 . . .	26,4	12,8	7,5	46,7	8,9	37,8	12,6	25,2
1930/31 . . .	28,0	12,4	8,9	49,2	10,7	38,5	12,4	26,1
1931/32 . . .	25,1	11,3	10,7	47,2	10,9	36,3	11,1	25,1
1932/33 . . .	23,1	10,6	10,9	44,6	9,9	34,7	10,4	24,3
1933/34 . . .	24,6	10,4	9,9	44,8	9,5	35,4	10,5	24,9
1934/35 . . .	24,8	10,6	9,5	44,8	8,1	36,7	10,7	26,0
1935/36 . . .	27,0	10,8	8,1	45,9	7,4	38,6	10,3	28,3
1936/37 . . .	28,7	11,1	(1) 8,2	48,0	7,4	40,5	11,5	29,0
1937/38 . . .	29,5	10,9	7,4	47,8	8,6	39,2	11,0	28,1

Fonte: "Estatística açucareira mundial".

(1) Os estoques mundiais. foram verificados da maneira mais completa em virtude de melhoramentos introduzidos na campanha estatística, justificando-se, com isso, a diferença existente entre os estoques observados no fim de 1935/36 e os verificados no inicio de 1936/37.

2.º — O reerguimento da industria de beterraba na Europa.

A reorganização da industria açucareira da Europa chegou a certo termo durante as safras de 1924-25 e 1925-26, pois já então estavam concertados os peores defeitos internos e assegurado um volume de produção capaz de abastecer os mercados nacionais. Ao mesmo passo, com o fortalecimento dessa industria, surgia de novo o interesse pela exportação, tanto mais quanto os preços elevadíssimos, vigorantes naqueles anos, constituiam, tambem, para os estabelecimentos do velho continente, um estímulo forte para fornecer ao mercado mundial livre o seu produto. De resto, era muito natural que tais industrias, dantes exportadoras em grande estilo, tentassem recuperar novamente, no mercado mundial, as posições perdidas. No decorrer dos anos, no entanto, o maquinismo produtor dos paises cultivadores de cana tinha aumentado enormemente, como observamos, as respectivas possibilidades, logo se vendo que não seria facil amortercer, de um dia para outro, o seu ritmo de atividade. Justifica-se por esse fato que até a safra de 1930-31 as industrias açucareiras de cana e de beterraba, simultaneamente, continuassem a aumentar a produção de modo acentuado. Tal desenvolvimento tinha que provocar, inevitavelmente, uma super-oferta exagerada, porque o consumo não estava em condições de corresponder às quantidades enormes do produto que apareciam no mercado livre mundial.

3.º — Fortalecimento das tendencias autárquicas

As dificuldades que se depararam às vendas, no mercado livre mundial, agravaram-se, ainda, pelo fato de diversos paises terem chegado a ampliar, alem dos limites de antes da guerra, suas industrias açucareiras nacionais, emquanto outros passavam a construir novas, contrastando, dessarte, a super-oferta com uma procura cada vez mais diminuida. Estávamos diante do fenômeno da política autárquica, a qual, alem das demais causas, teve a fortalecê-la toda a serie de Estados novos criados pelo ditado de Versalhes. Semelhante processo redundou no fato de serem atualmente, na Europa, a Grecia, a Noruega, a Estonia e Portugal os únicos paises que não dispõem de industria açucareira propria.

Mas dentro de algum tempo eles deverão ter criado tambem a sua produção nacional de açucar, constituindo-se Portugal a única exceção, provavelmente, de vez que possue nas colonias uma industria de cana bem organizada.

A orientação da política açucareira, por motivos da autarquia, andou de braços dados, em quase todos os paises, com a planificação por parte dos governos. Atualmente, na maioria das nações, os planos de campanha estão sendo elaborados com auxilio dos mesmos departamentos governamentais que fiscalizam os preços da cana, da beterraba e do açucar. A industria açucareira mundial pode ser citada como exemplo clássico da economia planificada pelo Estado, a qual começa a se por em evidencia em todos os paises, qualquer que seja, de resto, o sistema político preferido. A autarquização nacional, na maioria dos paises europeus, já se acha terminada, estando ainda em alguns outros em fase de evolução.

4.º — A queda dos preços de açucar

A oferta de açucar cada vez mais acentuada havia de ter como resultado natural a grande queda dos preços. Se não, vejamos o seguinte quadro:

QUADRO 7 — PREÇOS MEDIOS DO AÇUCAR BRUTO NA BOLSA DE NOVA YORK

(Cents por libra) (1)

ANO	Preço	ANO	Preço
1900	2,881	1919	6,650
1901	2,364	1920	11,350
1902	1,857	1921	3,364
1903	2,068	1922	3,005
1904	2,622	1923	5,278
1905	2,930	1924	4,174
1906	2,338	1925	2,565
1907	2,401	1926	2,565
1908	2,716	1927	2,948
1909	2,649	1928	2,434
1910	2,850	1929	1,993
1911	3,031	1930	1,471
1912	2,863	1931	1,333
1913	2,220	1932	0,930
1914	2,830	1933	1,220
1915	3,593	1934	1,499
1916	4,778	1935	2,331
1917	5,217	1936	2,694
1918	5,487	1937	2,543

Fonte: "Estatística açucareira mundial"

(1) Inclusive cost and freight (custo e frete).

IV — PRIMEIRAS TENTATIVAS DE UMA INDUSTRIA AÇUCAREIRA MUNDIAL DIRIGIDA

As primeiras providencias tomadas para enfrentar semelhante depressão dos preços seguiam perfeitamente os moldes do liberalismo económico, pois no afã de se fortalecer para o combate no livre mercado mundial, a propria industria açucareira punha em prática medidas de racionalização e organização mais firmes. Naquela época, a crença na vitoria "of the fittest" dominava o raciocinio de todas as personalidades de destaque, nos meios da industria de açucar exportadora.

Não tardou, porem, que a situação do mercado e as condições dos preços tomassem um vulto tão desastroso que foi abandonada a idéia de encontrar por essa forma uma solução para o problema. Generalizou-se, cada vez mais, a convicção de que a força de um só país não chegaria para deter a iminente catástrofe, mesmo se tal país possuisse uma industria forte e bem organizada. Passa-

ram-se, contudo, muitos anos até que a industria açucareira mundial chegasse, realmente, a tal conhecimento, confiando-se durante muito tempo nos efeitos da racionalização ou tentando-se melhorar a situação do mercado mundial por meio de ações isoladas.

Foi Cuba que deu os primeiros passos nesse sentido, pois, desde o ano de 1925, tentou frear a super-oferta no mercado mundial, pela limitação de sua propria produção. O único resultado desses esforços, porem, consistiu no aumento da produção dos competidores, bem como no fato de se ver removido dos seus mercados habituais o açucar cubano.

1.º — A ação do Coronel Tarafa

Para remediar a situação de Cuba, em 1927, o Coronel cubano Tarafa tentou estabelecer, por meio de negociações com os paises exportadores de açucar da Europa e com a industria açucareira de Java, um acordo sobre os mercados do produto. Na conferencia de Paris, realizada nos dias 11 a 14 de novembro de 1927, declarou-se o seguinte: "A conferencia reconhece os esforços que Cuba, há dois anos, empenhava no sentido de restabelecer o equilibrio perturbado pela grande guerra. Examinando-se a situação mundial do açucar, fica provado que, atualmente, o volume da produção ultrapassa os limites do consumo. Sendo assim, os representantes das industrias açucareiras da Tchecoslovaquia, Polonia e Alemanha resolvem, por unanimidade, colaborar, daquí em diante, com todas as suas forças e boa vontade, mantendo o mais estreito e amigavel contato com a política cubana, no sentido de ajustar a produção ao consumo."

Tal intento, porem, não o lograram os ditos paises, porque seu número era muito pequeno. Considerou-se, naquela época, como lacuna mais sensivel, o fato de se ter recusado a cooperar com os esforços de Cuba a grande industria de Java. Essa recusa proveio da circunstancia de terem sido ainda melhores as possibilidades de venda no Extremo Oriente, ou seja no mercado em que Java colocava a maior parte de sua produção. Alem disso, a industria açucareira desse país acreditava, firmemente, triunfar, por fim, dos demais competidores; e isso em virtude de sua excelente organização e do baixo custo da sua produção.

Os empenhos do Coronel Tarafa, embora não coroados de êxito positivo, muito contribuiram para generalizar a convicção de que não poderia ser corrigida a situação desesperadora do mercado mundial de açucar, se não por esforços coordenados. Alem do que semelhantes trabalhos tinham estabelecido o contato pessoal entre as personalidades predominantes das maiores industrias açucareiras exportadoras, o que era de sumo valor quando da continuação das conferencias, pois se deve em boa parte a isso que, tambem nos anos posteriores a 1927, tivesse permanecido viva a idéia de uma convenção maior e mais completa dos interessados na exportação de açucar.

2.º — A convenção de Chadbourne

A iniciativa para novas negociações foi tomada, outra vez, por Cuba, ou seja pelos grandes bancos estadunidenses, muito interessados na industria açucareira dessa ilha. Foi incumbido, então, o advogado americano Thomas L. Chadbourne de iniciar discussões com os paises exportadores da Europa e com a industria açucareira de Java, para tentar estabelecer novo convenio internacional, em bases mais amplas.

As conferencias entaboladas por Chadbourne duraram os primeiros meses do ano de 1931, redundando em sucesso depois de terem sido superadas inúmeras dificuldades. Deram elas em resultado o Convenio Internacional de Açucar, de 9 de maio de 1931, que, sob o nome de Convenção de Chadbourne ou Plano Chadbourne, passou à história da industria açucareira mundial. Tomaram parte nesse tratado as industrias de Cuba, Java, Alemanha, Tchecoslovaquia, Polonia e Bélgica, aderindo, mais tarde, as da Iugoslavia e do Perú. O texto da convenção, em certa altura, reza: "As partes contratantes procedem no interesse da industria açucareira dos respectivos paises, que representam os maiores exportadores do mundo. O grande aumento da produção bem como a acumulação de imensos estoques superfluos acarretaram, no mercado mundial do produto, uma baixa tal do preço que este ficou bastante inferior ao custo da produção. Semelhantes condições arrastaram as industrias de açucar à margem do abismo e a sua permanencia há de causar aos paises muitos danos e desgraças. Por isso, os contratantes consideram como dever providenciar no sentido de corrigir essas circunstancias e favo-

recer as suas industrias para defendê-las contra a possibilidade de se repetir tal situação. E' com essas intenções que aderem ao tratado".

Acima de tudo, a convenção visou reduzir as ofertas no livre mercado mundial e diminuir os grandes estoques existentes. (Veja-se o quadro n.º 6.) Na consecução desse objetivo foram determinados, para os diversos paises, certos contingentes de exportação, obrigando-se os contraentes a regular a sua produção de tal forma que fossem diminuidos os estoques então verificados. Como os interessados não tencionavam valorizar exageradamente a mercadoria, ficou resolvido que fossem concedidos outros contingentes de exportação quando se alcançasse, no mercado mundial, certo nivel de preços. Para os cinco anos de convenio estabeleceram-se as seguintes quotas de exportação:

QUADRO 8 — QUOTAS DE EXPORTAÇÃO DOS PAISES CONTRATANTES DA CONVENÇÃO DE CHADBOURNE

ESPECIFICAÇÃO	Contingentes a exportar — t (1)				
	1930/31	1931/32	1932/33	1933/34	1934/35
Paises	**I — Quotas normais**				
Cuba (2)	655.000	805.000	855.000	855.000	855.000
Java (3)	2.300.000	2.400.000	2.500.000	2.600.000	2.700.000
Alemanha (4)	500.000	350.000	300.000	300.000	300.000
Tchecoslovaquia (4)	570.815	570.815	570.815	750.815	570.815
Polonia (4)	308.810	308.810	308.810	308.810	308.810
Hungria (4)	84.100	84.100	84.100	84.100	84.100
Bélgica (4)	30.275	30.275	30.275	30.275	30.275
Total	4.449.000	4.549.000	4.469.000	4.749.000	4.849.000
	II — Quotas aumentadas em virtude de alta de preços.				
Aumento de preço (fob Cuba)					
2 cents	4.671.450	4.776.450	4.881.450	4.986.450	5.091.450
2,25 cents	4.783.675	4.890.675	4.998.675	5.105.675	5.213.675
2,5 cents	4.893.900	5.003.900	5.113.900	5.223.900	5.333.900

Fonte: C Czarnikow, Ltd. "Weekly Price Current", Londres, 1931, n.º 16, pág. 81.
(1) Os dados de Cuba são em "long tons". — (2) Janeiro a Dezembro; não compreendida a exportação para os Estados Unidos. — (3) Abril a Março. — (4) Setembro a Agosto.

A convenção de Chadbourne, entretanto, não estava fadada a um sucesso real. Examinando-se as causas de seu malogro, verifica-se o seguinte:

1 — A convenção partiu de um juizo desacertado sobre a situação e o desenvolvimento da industria açucareira mundial, o que se prova facilmente pelo fato de terem sido estabelecidas quotas de exportação demasiadamente grandes.

2 — As medidas previstas foram tomadas de maneira vacilante e, não raras vezes, muito tarde. Aconteceu, assim, que os estoques mundiais, cuja diminuição o convenio visara, subiram, desde 1.º de setembro de 1930 até a mesma data de 1932, de 8, 9 a 10,9 milhões de toneladas, cabendo a maior responsabilidade disso a Java.

3 — Dos paises interessados no "mercado livre mundial", tomou parte na Convenção apenas um número insuficiente.

4 — Enquanto vigorava o tratado, realizaram-se, na industria açucareira mundial, transformações estruturais de carater fundamental e isso fora da esfera que poderia ser influenciada pelas nações participantes do convenio de Chadbourne. Atribuimos a essa circunstancia papel decisivo.

5 — As diversas cláusulas da convenção eram muito pouco flexiveis, de forma que não podiam ser ajustadas, rapidamente, às situações alteradas.

(Continua)

DESPACHOS DO PRESIDENTE DO I. A. A.

O sr. Barbosa Lima Sobrinho, presidente do Instituto do Açucar e do Alcool, despachou os seguintes processos :

2.180/39 — Moisés Pereira Nunes Bandeira — Cavalcante — GO — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 27-9-40.

2.270/39 — Antonio José Pereira — Manga — MG — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 27-9-40.

3.914/39 — Antonio Simplicio de Abreu — Sete Lagoas — MG — Inscrição de engenho — Foi deferido — 27-9-40.

4.449/39 — Secundino Gomes da Silva — Formosa — GO — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 27-9-40.

4.450/39 — Antonio Alves de Oliveira — Formosa — GO — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 27-9-40.

4.451/39 — Olimpio José da Silva — Formosa — GO — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 27-9-40.

4.452/39 — Moisés Lopes de Barros — Formosa — GO — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 27-9-40.

4.453/39 — Levino de Souza Caldas — Formosa — GO — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 27-9-40.

4.454/39 — José Alves Ferreira — Formosa — GO — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 27-9-40.

4.455/39 — Francisco Monteiro Guimarães — Formosa — GO — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 27-9-40.

4.456/39 — Januária Fernandes de Assis — Formosa — GO — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 27-9-40.

4.457/39 — Joaquim Lucas Pereira — Formosa — GO — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 27-9-40.

2.348/38 — José Pinto Filho — S. Sebastião do Paraiso — M G— Transferencia de inscrição — Foi deferido — 27-9-40.

2.592/38 — Flavio Maroja Filho — Sta. Rita — PB — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi arquivado por ter o interessado desistido — 27-9-40.

385/36 — João Nunes Quirino — Anchieta — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já se achar inscrito — 27-9-40.

387/36 — Laurentino Gonçalves de Jesus — Anchieta — ES — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já se achar inscrito — 27-9-40.

1.311/36 — Antonio Bezerra Monteiro — Crato — CE — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 27-9-40.

999/35 — Pedro José do Nascimento Dias — Caicó — RN — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 27-9-40.

2.884/35 — Jacinto Freire de Andrade — Anchieta — ES — Inscrição de engenho — Foi deferido — 27-9-40.

5.853/35 — João Paulo de Souza — São Miguel — RN — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi arquivado por já se achar inscrito — 27-9-40.

5.857/35 — Raimundo Dantas de Carvalho — São Miguel — RN — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi arquivado por já se achar inscrito — 27-9-40.

6.123/35 — Antonio José da Rocha — Luiz Gomes — RN — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 27-9-40.

4.087/39 — Flavio Maroja Filho — Sapé — PB — Transferencia de inscrição — Foi deferido — 27-9-40.

3.645/38 — Franklin Pereira de Faria — Jambeiro — SP — Transferência de inscrição e remoção de maquinário — Foi deferido — 28-9-40.

3.591/38 — Atilio Grigoleto — Pirassununga — SP — Inscrição de engenho — Foi deferido — 30-9-40.

4.291/39 — Flavio Alves Serra — S. Fidelis — RJ — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 30-9-40.

3.032/39 — J. Sobral & Cia. — Laranjeiras — S E— Acquisicão e instalação de um vacuo — Foi deferido — 30-9-40.

2.597/40 — Pedro Umbelino da Silva Porto — Limoeiro — AL — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 30-9-40.

2.595/40 — Minervino José dos Santos — Limoeiro — AL — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 30-9-40.

2.587/40 — Pergentino Martins de Morais — Maurití — CE — Inscricão de engenho rapadureiro — Foi deferido — 30-9-40.

2.584/40 — Vicente José de Souza Brito — Valença — PI — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi arquivado por já se achar inscrito — 30-9-40.

2.582/40 — Feliciano Amancio da Silva — Sta. Rita do Paranaíba — GO — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 30-9-40.

2.264/40 — Adolfo Carneiro da Silva — Macaé — RJ — Inscricão de engenho de aguardente — Foi deferido — 30-9-40.

2.150/40 — Sebastião Dias Torres — Curvelo — MG — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 30-9-40.

1.462/40 — Francisca Ferreira Maciel — Pitanguí — MG — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 30-9-40.

381/40 — Joaquim Barbosa de Sousa — Ponte Nova — MG — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 30-9-40.

652/40 — Nelson Pinto Coelho — Cataguazes — MG — Transferencia de inscrição e remoção de maquinario — Foi deferido — 4-10-40.

1.514/40 — Julio José de Magalhães — Volta Grande — MG — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já se achar inscrito — 4-10-40.

1.525/40 — Jorge Ferreira dos Santos — — Montes Claros — MG — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 4-10-40.

1.777/40 — Julio Gonçalves Heleno — Alto Rio Doce — MG — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 4-10-40.

2.460/40 — Antonio Marques dos Santos Filho — Aparecida — SP — Inscrição de fábrica de aguardente — Foi arquivado — 4-10-40.

2.527/40 — José Cândido de Figueiredo —

Bocaiuva — MG — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 4-10-40.

1.988/39 — Alfredo Oliveira — També — PE — Aumento de quota e autorização para fabricar rapaduras — Foi indeferido — 4-10-40.

301/39 — Josino Gomes da Silva — Bambuí — MG — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 4-10-40.

3.588/38 — Pascoal Anastacio — Pirassununga — SP — Inscrição de engenho — Foi deferido — 4-10-40.

1.606/39 — Durval Garcia Bastos — Itaperuna — RJ — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 5-10-40.

406/38 — Cristiano Gomes — Itaperuna — RJ — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 5-10-40.

1.431/38 — Delorme Marciano de Araujo — Itaperuna — RJ — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 5-10-40.

1.610/40 — Alacrino Guedes de Morais — Itaperuna — RJ — Inscrição de engenho — Foi deferido — 5-10-40.

3.249/38 — Arão Rosmaninho — Itaperuna — RJ — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 5-10-40.

5.306/35 — Esequiel Soares Ferreira — Itaperuna — RJ — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já estar inscrito — 5-10-40.

8.207/35 — Teófilo da Silva Azevedo — Cachoeira — SP — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 7-10-40.

875/37 — Marcelino Fanni — Itaperuna — RJ — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 7-10-40.

3.201/38 — João de Oliveira Vargas — Itaperuna — RJ — Inscrição de engenho — Foi deferido — 7-10-40.

3.037/38 — Gervasio Monteiro Lara — Santa Luzia — MG — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 7-10-40.

2.712/38 — Maximiliano Alves Ribeiro — Itaperuna — RJ — Inscrição de engenho — Foi deferido — 7-10-40.

1.550/38 — João Batista Cintra — Franca — SP — Inscrição de engenho — Foi deferido — 7-10-40.

879/38 — Manuel Ramos Pereira — Itaperuna — RJ — Inscrição de engenho — Foi deferido — 7-10-40.

819/38 — Manuel Inacio da Rocha — Itaperuna — RJ — Inscrição de engenho — Foi deferido — 7-10-40.

3.121/39 — Teixeira & Carvalho Ltda. — Cambucí — RJ — Transferência de quota — Foi arquivado por terem os interessados desistido da transferencia — 7-10-40.

2.169/39 — Luiz Leite Furtado — Maurití — CE — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 7-10-40.

1.632/39 — José Carlos Pereira — Itaperuna — RJ — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 7-10-40.

2.710/40 — José Pereira Pinto Calou — Crato — CE — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 7-10-40.

2.407/40 — José Ricardo de Souza — Porto Alegre — PI — Remoção de fábrica — Foi deferido — 7-10-40.

2.265/40 — Osvaldo de Souza Ferreira — Leopoldina — MG — Pedido de quota e para moer suas canas em engenho de terceiro — Aprovado o parecer da Secção Jurídica, segundo o qual as canas do requerente poderão ser aproveitadas em engenho inscrito, mediante acordo, dentro do limite de que dispõe. — 7-10-40.

2.023/40 — João Raimundo Quintão — Conceição — MG — Alteração de inscrição — Foi indeferido — 7-10-40.

2.634/40 — Domingos Lopes da Silva — Montes Claros — MG — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 8-10-40.

715/38 — Etelvina Vargas — Itaperuna — RJ — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 8-10-40.

795/38 — Etelvino Soares de Souza Lima — Ubá — MG — Inscrição de engenho — Foi deferido — 8-10-40.

84/39 — Eloi Coelho de Lacerda — Virginópolis — MG — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já estar inscrito — 8-10-40.

1.583/39 — Estacio Pereira Duarte — Arassuaí — MG — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 8-10-40.

1.845/39 — Francisco Rodrigues da Costa — Pirapetinga — MG — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi arquivado por já se achar inscrito — 8-10-40.

1.513/40 — Marcondes de Souza Faria — Dores do Indaiá — MG — Transferencia de inscrição — Foi deferido — 8-10-40.

2.401/40 — Sebastião Felipe de Oliveira — Caxias — MA — Inscrição de engenho de aguardente — Foi arquivado por já se achar inscrito — 8-10-40.

196/39 — Euler de Magalhães Barbalho — Virginópolis — MG — Inscrição de engenho — Foi deferido — 10-10-40.

3.352/39 — Amelia de Souza Ferreira — Mar de Espanha — MG — Restabelecimento de inscrição — Foi indeperido — 15-10-40.

1.894/39 — José da Silva Campos — Arassuaí — MG — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 22-10-40.

1.987/39 — Cristiano Diniz Mascarenhas — Sete Lagôas — MG — Alteração de inscrição — Foi indeferido — 22-10-40.

2.629/39 — José de Souza Lobato — Siqueira Campos — ES — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 22-10-40.

3.550/39 — Ibraim Bernardino da Silva — Andrelandia — MG — Cancelamento de inscrição — Foi deferido — 22-10-40.

4.031/39 — Artur Fragoso de Melo — S. Luiz do Quitunde — AL — Transferencia de inscrição — Foi deferido — 22-10-40.

4.124/39 — Benjamim das Chagas Campos — Bomfim — MG — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 22-10-40.

4.153/39 — Candido Murer & Irmão — Limeira —SP — Alteração de inscrição — Foi deferido — 22-10-40.

4.231/39 — Benjamim Santos — Goiaz — GO — Inscrição de engenho — Foi indeferido — 22-10-40.

2.796/40 — Ana Maria de Jesus — Montes Claros — MG — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 22-10-40.

— 2.802/40 — João Vieira Coutinho — Bo-

caiúva — MG — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 22-10-40.

2.837/40 — Aristeu Alteu de Andrade — Guanhães — MG — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 22-10-40.

2.795/40 — Alexandre Vieira da Silva — Bocaiúva — MG — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 22-10-40.

2.792/40 — Pedro Fernandes da Fonseca — Bocaiuva — MG — Inscrição de engenho rapadudureiro — Foi deferido — 22-10-40.

320/39 — José Hilario Soares — Virginópolis — MG — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já se achar inscrito — 22-10-40.

428/39 — José Teófilo dos Reis — Viginópolis — MG — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já se achar inscrito — 22-10-40.

839/39 — José Gomes Pereira Junior — Alto Rio Doce — MG — Inscrição de engenho — Foi deferido — 22-10-40.

863/39 — Jovelino Lopes da Silva — Alto Rio Doce — MG — Inscrição de engenho — Foi deferido — 22-10-40.

979/39 — José Serafim da Silva — Viçosa — MG — Inscrição de engenho — Foi deferido — 22-10-40.

199/40 — Alcides Campos da Silveira — Argirita — MG — Inscrição de engenho — Foi deferido — 22-10-40.

266/40 — Benedito Apolinario Manço — Itaberaí — GO — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 22-10-40.

645/40 — Erotides da Silva Rezende — Mar de Espanha — MG — Transferencia de inscrição — Foi deferido — 22-10-40.

1.137/40 — Elias Augusto de Miranda — Padua — RJ — Inscrição de engenho de aguardente — Foi deferido — 22-10-40.

1.159/40 — José Luiz Simões — Montes Claros — MG — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 22-10-40.

1.344/40 — Izaltino Rodrigues Luttembark — Caratinga — MG — Transferencia de inscrição — Foi deferido — 22-10-40.

1.372/40 — Antonio Pinto de Rezende — Sete Lagoas — MG — Transferencia de inscrição — Foi arquivado por não haver o que deferir, uma vez que o engenho em causa não está inscrito no Instituto — 22-10-40.

1.532/40 — José Soares de Oliveira — Montes Claros — M G— Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 22-10-40.

1.554/40 — Joaquim Benedito do Amaral — Ituverava — SP — Transferencia de inscrição — Foi deferido — 22-10-40.

1.695/40 — Cecilio Leite Guimarães — Buenópolis — MG — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 22-10-40.

1.747/40 — Matta & Irmãos — Cambucí — RJ — Incorporação de quota — Foi arquivado em virtude da pendencia surgida entre o requerente, Usina Novo Horizonte S/A. e sr. José Martins dos Santos — 22-10-40.

1.790/40 — Irmãos Abdalla Ltda. — Biriguí — SP — Substituição de maquinario — Foi arquivado por ter desaparecido o seu objeto — 22-10-40.

1.824/40 — José de Souza Vieira — S. João da Gloria — MG — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já se achar inscrito — 22-10-40.

2.123/40 — Manoel Ferreira de Sá — Conceiceição — MG — Alteração de inscrição — Foi indeferido — 22-10-40.

2.735/40 — Joaquim Eugenio de Olivcira — Viçosa — MG — Transferencia de engenho — Foi deferido — 22-10-40.

2.138/40 — Virgilio Batista Teixeira — Viçosa — MG — Inscrição de engenho — Foi deferido — 22-10-40.

2.143/40 — Julio Inacio Ferreira — Campos Gerais — MG — Restabelecimento de inscrição — Foi arquivado por ter desaparecido o seu objeto, notificado o interessado de que o seu engenho continua devidamente inscrito — 22-10-40.

2.365/40 — João Mariano Lopes — Alto Rio Doce — MG — Transferencia de inscrição — Foi deferido — 22-10-40.

2.628/40 — José Antonio de Oliveira — Viçosa — MG — Inscrição de engenho — Foi deferido — 22-10-40.

2.629/40 — Antonio Maria da Silva — Ipamerí — G O— Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 22-10-40.

2.631/40 — Benjamim Inacio do Carmo — Viçosa — MG — Inscrição de engenho — Foi deferido — 22-10-40.

2.636/40 — Gabriel Emilio da Silva — Viçosa — MG — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 22-10-40.

2.639/40 — Carlista Soares da Silva — Montes Claros — MG — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 22-10-40.

2.642/40 — Angelino Alves de Aquino — Santa Luzia — GO — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 22-10-40.

2.643/40 — Agostinho Rodrigues da Fonseca — Montes Claros — MG — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 22-10-40.

2.644/40 — Manuel Pereira Fernandes — Montes Claros — MG — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 22-10-40.

2.649/40 — Romualdo Inacio de Almeida — Viçosa — MG — Inscrição de engenho — Foi deferido — 22-10-40.

2.652/40 — Sergia da Fonseca Mota Montes Claros — Minas Gerais — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 22-10-40.

2.684/40 — Maria Teófilo Cabral Araruna — Maurití — CE — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 22-10-40.

2.687/40 — Isidoro Pereira da Fonseca — Maurití — CE — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 22-10-40.

2.728/40 — Maria Dantas Cartaxo — Maurití — CE — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 22-10-40.

2.733/40 — Antonio Pinto de Melo — S. Benedito — CE — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 22-10-40.

2.752/40 — Belarmino José dos Santos — Grão Mogol — MG — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 22-10-40.

2.763/40 — João Dias da Cunha — Grão Mogol — MG — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deefrido — 22-10-40.

2.766/40 — José Alves de Brito — Grão Mo-

gol — MG — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 22-10-40.

2.789/40 — José Ferreira de Souza — Bocaiuva — MG — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 22-10-40.

2.790/40 — Marcelo Antonio de Freitas — Bocaiuva — MG — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 22-10-40.

2.791/40 — Maria Ferreira dos Santos — Montes Claros — MG — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 22-10-40.

6.686/35 — Josino José da Silva — Carmo do Rio Claro — MG — Inscrição de engenho — Foi aprovado o parecer da Secção Jurídica que opina pela interdição do engenho nos termos do art. 23 § único do Decreto-Lei 1.831, salvo ao interessado direito a recurso — 22-10-40.

6.827/35 — Balbina Pereira de Carvalho — Itaocára — RJ — Inscrição de engenho — Foi arquivado por haver a peticionaria desistido do pedido — 22-10-40.

687/36 — Francisco Adolfo de Oliveira — Paramirim — BA — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 22-10-40.

625/38 — Jovelino Dias de Souza — Carangola — MG — Transferencia de inscrição — Foi arquivado por haver o interessado-vendedor desistido da transferencia — 22-10-40.

787/38 — Braulio Elias Natiivdade — Itaperuna — RJ — Inscrição de engenho — Foi indeferido — 22-10-40.

957/38 — Jonas Paula de Andrade — Dores da Boa Esperança — MG — Inscrição de engenho — Foi aprovado o parecer da Secção Jurídica que opina pela interdição do engenho, nos termos do art. 23 § único do Decreto-Lei n.º 1.831, salvo ao requerente direito a recurso — 22-10-40.

1.496/38 — Ernesto Ferreira Batista — Dores da Boa Esperança — MG — Inscrição de engenho — Foi aprovado o parecer da Secção Jurídica que opina pela interdição do engenho, salvo ao interessado direito de pedir reconsideração — 22-10-40.

1.514/38 — José Antonio de Faria — Sta. Catarina — MG — Alteração de inscrição — Foi indeferido — 22-10-40.

1.799/38 — Jacinto Caetano Melgaço — Pitanguí — MG — Inscrição de engenho — Foi aprovado o parecer da Secção Jurídica que opina pela interdição do engenho, nos termos do art. 23 § único do Decreto-Lei n.º 1.831, salvo ao requerente o direito a recurso — 22-10-40.

2.029/38 — José Tobias Ribeiro de Paiva — Araxá — MG — Inscrição de engenho — Foi deferido — 22-10-40.

3.543/38 — Antonio Quincas Pereira — Bomfim — MG — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi arquivado por ter desaparecido o seu objeto — 22-10-40.

2.600/38 — Pedro Garcia Borges — Campos Novos — SP — Incorporação de quota — Ficou prejudicado o pedido porque o engenho passou para propriedade de Sabino Tiburcio da Costa — 22-10-40.

3.652/38 — Virgilio Paula — Sta. Maria Madalena — RJ — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 22-10-40.

1.198/39 — José Teodoro Soares — Abaeté — MG — Inscrição de engenho — Foi aprovado o parecer da Secção Jurídica que opina pela interdição do maquinismo na fórma do § único do Art. 23 do Decreto-Lei 1.831, salvo recurso — 22-10-40.

1.603/39 — Floriano Godinho — Itaperuna — RJ — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 22-10-40.

2.369/40 — Horacio Maximiniano Pereira — Mar de Espanha — MG — Transferencia de inscrição — Foi deferido — 24-10-40.

4.448/39 — Carmo P. Campanela — Biriguí — SP — Transferencia de inscrição — Foi mandado cumprir o parecer da Secção Jurídica, segundo o qual a averbação requerida somente poderá ter lugar depois de pago o preço integral ajustado mediante a escritura apresentada — 22-10-40.

2.399/39 — João Joaquim dos Santos — Itaperuna — RJ — Transferencia de inscrição — O sr. Presidente reconsiderou o despacho de 12-6-39, que havia concedido baixa da inscrição do engenho, para autorizar a transferencia requerida — 24-10-40.

2.233/35 — Pacifico Inocencio de Oliveira — Morrinhos — GO — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já se achar inscrito — 25-10-40.

968/36 — Moisés Pereira de Araujo — Corumbá — GO — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já se achar inscrito — 25-10-40.

970/36 — Manoel Justino Pereira — Corumbá — GO — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já se achar inscrito — 25-10-40.

999/36 — Pedro Bueno Bastos — Corumbá — GO — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já se achar inscrito — 25-10-40.

1.003/36 — Maximiano Alves de Morais — Corumbá — GO — Inscrição de engenho — Foi arquivado, por já se acrar inscrito — 25-10-40.

1.596/36 — Manuel Alves da Costa — Jaraguá — GO — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já se achar inscrito — 25-10-40.

24/37 — João José Moreira — S. Tomaz de Aquino — MG — Transferencia de inscrição — Foi arquivado por ter desaparecido o seu objeto — 25-10-40.

633/38 — João José Machado — Viçosa — MG — Transferencia de inscrição — Foi deferido — 25-10-40.

805/38 — José Ferreira Leite — Itaperuna — RJ — Transferencia de inscrição — Foi arquivado por ter desaparecido o seu objeto — 25-10-40.

1.260/38 — Thiers Monteiro de Barros — Muqui — ES — Montagem de engenho — Foi deferido — 25-10-40.

1.802/38 — José Faria Barcelos — Pitanguí — MG — Inscrição de engenho — Foi aprovado o parecer da Secção Jurídica que opina pela interdição do engenho, salvo ao requerente o direito de recurso — 25-10-40.

1.831/38 — José Antonio Barbosa — Campo Belo — MG — Inscrição de engenho de aguardente — Foi arquivado por já se achar inscrito — 25-10-40.

2.017/38 — José da Cunha Melo — Arassuaí — MG — Inscrição de fábrica de aguardente — Foi deferido — 25-10-40.

2.305/38 — José Afonso de Menezes — Pitanguí — MG — Inscrição de engenho — Foi aprovado o parecer da Secção Jurídica que "opina

pela interdição do engenho na fórma do § único do art. 23 do Decreto-Lei 1.831 de 4 de Dezembro de 1939." — 25-10-40.

2.518/38 — José Cardoso — Cassia — MG — Transferencia de inscrição — Foi deferido — 25-10-40.

2.675/38 — Manoel Suzano — Itaperuna — RJ — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 25-10-40.

10/39 — José Albino Peres — Viçosa — MG — Inscrição de engenho — Foi deferido — 25-10-40.

744/39 — José Fialho de Carvalho — Viçosa — MG — Inscrição de engenho — Foi deferido — 25-10-40.

840/39 — José Dias Lopes de Paiva — Alto Rio Doce — MG — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 25-10-40.

1.178/39 — José Alves Barbosa — Viçosa — MG — Inscrição de engenho — Foi deferido — 25-10-40.

1.860/ 39 — José Alves Pereira — Planaltina — GO — Inscrição de engenho — Foi deferido — 25-10-40.

2.066/39 — José Francisco da Cunha — João Ribeiro — MG — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já se achar inscrito — 25-10-40.

2.324/39 — José Costa Veloso — Buquim — SE — Assentamento de maquinário — Foi deferido — 25-10-40.

2.781/39 — Moisés Evangelista da Silva — São Gotardo — MG — Transferencia de inscrição — Foi deferido — 25-10-40.

4.111/39 — José Ferreira Maia — Bonfim — MG — Inscrição de engenho — Foi aprovado o parecer da Secção Jurídica que manda "comunique-se ao requerente que o registro pode ser transferido para o seu nome si provar que recebeu em pagamento no inventário" — 25-10-40.

4.222/9 — José Cardoso da Silva — Brasilia — MG — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 25-10-40.

4.380/39 — José Egidio Alberto — Sete Lagoas — MG — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 25-10-40.

4.478/39 — Getulio José da Silva — Guanhães — MG — Inscrição de engenho — Foi deferido — 25-10-40.

34/40 — José Gonçalves da Silva — Rio Espera — MG — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 25-10-40.

263/40 — Antonio de Souza Santos — Campo Formoso — GO — Transferencia de inscrição — Foi indeferido — 25-10-40.

754/40 — José Gomes de Barros — Agua Branca — AL — Transferencia de inscrição — Foi deferido — 25-10-40.

1.153/40 — José Vieira da Silva — Montes Claros — MG — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 25-10-40.

1.345/40 — José de Almeida e Silva — Conceição — MG — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi arquivado por já estar inscrito como produtor de açucar — 25-10-40.

1.526/40 — José Flavio dos Santos — Montes Claros — MG — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 25-10-40.

1.697/40 — José Ferreira da Silva — Buenópolis — MG — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 25-10-40.

2.026/40 — Martiniano Alves de Moura — Anapolis — GO — Transferencia de inscrição — Foi deferido — 25-10-40.

2.155/40 — José Antonio de Carvalho — Conceição — MG — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já estar inscrito — 25-10-40.

2.298/40 — Mario Madureira de Oliveira — Dom Joaquim — MG — Transferencia de inscrição — Foi deferido — 25-10-40.

2.647/40 — Orozimbo Rodrigues de Souza — Montes Claros — MG — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 25-10-40.

2.574/40 — Clara Linda de Medeiros — Maurití — CE — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 25-10-40.

2.737/40 — José Coutinho — Cascavel — CE — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já estar inscrito — 25-10-40.

2.794/40 — Agostinho Filogonio Vieira — Olhos d'Agua — MG — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 25-10-40.

3.550/35 — Alberto Asth — Bom Jardim — Rio de Janeiro — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já estar inscrito — 26-10-40.

4.266/39 — Antonio Gondim Sobrinho — Goiandira — GO — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já se achar inscrito — 28-10-40.

4.331/39 — José Augusto dos Santos — S. Fidelis — RJ — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 31-10-40.

4.306/39 — José Carlos Panisset — S. Fidelis — RJ — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 31-10-40.

3.595/39 — José Simão de Araujo — Guapé — MG — Transferencia de inscrição — Foi deferido — 31-10-40.

3.320/39 — José Coelho Cotta — São Fidelis — RJ — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 31-10-40.

2.721/39 — José Alfredo da Silva Reis — Conceição do Rio Verde — MG — Inscrição de engenho — Foi deferido — 31-10-40.

2.153/39 — José Francisco de Rezende — João Ribeiro — MG — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já se achar inscrito — 31-10-40.

1.978/39 — José Simão de Araujo — Guapé — MG — Inscrição de engenho — Foi deferido — 31-10-40.

1.899/39 — José Verissimo da Silva — Pirapetinga — MG — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já estar inscrito — 31-10-40.

1.697/39 — José Golfeto — Pirapetinga — MG — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 31-10-40.

1.612/39 — José de Almeida Pinto — Itaperuna — RJ — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 31-10-40.

1.557/39 — José André — São Fidelis — RJ — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 31-10-40.

194/39 — José Tomé de Assis — Guapé — MG — Inscrição de engenho — Foi deferido — 31-10-40.

1.062/40 — Roberto de Macedo e Silva — Brasilia — MG — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 31-10-40.

1.160/40 — Pedro Gonçalves da Fonseca —

Montes Claros — MG — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi aprovado o parecer da Secção Juridica que manda ratificar a inscrição realizada pela Comissão de Revisão e Cadastramento de Minas Gerais — 31-10-40.

1.231/40 — José Freire da Silva — S. Fidelis — RJ — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já estar inscrito — 31-10-40.

1.469/40 — José Francisco Curcio — Bom Jesus do Itabapoana — RJ — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 31-10-40.

1.712/40 — Queiroz Irmão & Cia. — Juiz de Fóra — MG — Inscrição de engenho — Foi indeferido — 31-10-40.

2.040/40 — Joaquim Rodrigues Madureira — Dom Joaquim — M G — Transferencia de inscrição — Foi deferido — 31-10-40.

2.653/35 — Elizio Pereira Matos — Morrinhos — GO — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já estar inscrito — 31-10-40.

2.929/35 — José Benito — Cambucí — RJ — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 31-10-40.

3.488/35 — José Azevedo Machado — Duas Barras — RJ — Inscrição de engenho — Foi arquivado por ter o interessado desistido — 31-10-40.

3.864/35 — Dolabela, Portela & Cia. Ltda. — S. Luzia — MG — Inscrição de fábrica de açucar — Foi indeferido — 31-10-40.

6.009/35 — José Augusto Huguenin — Carmo — RJ — Inscrição de engenho — Foi arquivado por ter o interessado desistido — 31-10-40.

913/36 — Isaias José da Silva — Corumbá — GO — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já estar inscrito — 31-10-40.

923/36 — Candido Ambrosio de Lima — Corumbá — GO — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já se achar inscrito — 31-10-40.

1.187/36 — João Leal — Iguatú — CE — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já se achar inscrito — 31-10-40.

1.332/36 — Bernardo de Souza Lobo — Jaraguá — GO — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já estar inscrito — 31-10-40.

1.352/36 — João Engracia Vitor — Corumbá — GO — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já estar inscrito — 31-10-40.

1.405/36 — João Ribeiro dos Passos — Jaraguá — GO — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já estar inscrito — 31-10-40.

1.417/36 — Cassiano Gomes de Andrade — Jaraguá — GO — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já estar inscrito — 31-10-40.

1.438/36 — Vicente Soares de Figueiredo — Cedro — CE — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já estar inscrito — 31-10-40.

1.445/36 — Joaquim Gonçalves de Alencar — Santana do Cariri — CE — Inscrição de engenho — Foi aprovado o parecer da Secção Jurídica que manda seja o interessado convidado a optar por um dos produtos, isto é, açucar ou rapadura — 31-10-40.

1.597/36 — Joaquim Alves da Costa — Jaraguá — GO — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já estar inscrito — 31-10-40.

167/37 — Antonio Pedro Borges — Prata — MG — Inscrição de engenho — Foi mandado fazer a interdição do engenho na forma do art. 23, § único do Decreto-Lei 1.831, salvo ao requerente o direito de pedir reconsideração — 31-10-40.

3.286/38 — José Gonçalves Viana — Alto Rio Doce — MG — Inscrição de engenho — Foi deferido — 31-10-40.

5.780/35 — José Elias Pinheiro — Senador Pompeu — CE — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já estar inscrito — 31-10-40.

— 1.942/40 — José Garibaldi Loglubio — S. João Nepomuceno — MG — Permissão para dispor de maquinario — Foi deferido — 31-10-40.

231/40 — Romualdo da Costa Rezende Primo — Passa Tempo — MG — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já se achar inscrito — 5-11-40.

2.306/35 — José Inocencio Alves — Pouso Alto — GO — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já estar inscrito — 5-11-40.

2.341/35 — João Pereira de Souza — Morrinhos — GO — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já se achar inscrito — 5-11-40.

2.654/35 — José Silverio Pereira — Morrinhos — GO — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já se achar inscrito — 5-11-40.

2.655/35 — Malaquias Amador de Araujo — Morrinhos — GO — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já se achar inscrito — 5-11-40.

2.763/35 — José Manuel Fidele — Morrinhos — GO — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já se achar inscrito — 5-11-40.

4.368/35 — José Tolentino — Patos — MG — Inscrição de engenho — Foi aprovado o parecer da Secção Jurídica que opina pela transferencia para o nome de João Jeremias de Freitas, uma vez que o requerente está quites com a taxa de $300. — 5-11-40.

917/36 — Luiz da Silva Lima — Corumbá — GO — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já estar inscrito — 5-11-40.

918/36 — José Martins Peixoto — Corumbá — GO — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já se achar inscrito — 5-11-40.

1.309/36 — José Severino de Alencar — Sant' Ana do Cariri — CE — Inscrição de engenho — Foi deferido — 5-11-40.

1.350/36 — Lindolfo Gomes Lima — Corumbá — GO — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já estar inscrito — 5-11-40.

1.355/36 — José Pedro Arruda — Corumbá — GO — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já se achar inscrito — 5-11-40.

1.443/36 — Raimundo Gonçalves de Oliveira — Cedro — CE — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já se achar inscrito — 5-11-40.

1.577/36 — Lindolfo Alves Pinto — Abaeté — MG — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já estar inscrito — 5-11-40.

1.737/36 — Maria Figueiredo Correia — Cedro — CE — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já se achar inscrito — 5-11-40.

1.347/38 — Manuel Procopio — Eloi Mendes — MG — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já estar inscrito — 5-11-40.

1.541/38 — Manuel Rodrigues de Oliveira — Nepomuceno — MG — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já estar inscrito — 5-11-40.

1.589/38 — Sebastião da Silva Araujo — Viçosa — MG — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já se achar inscrito — 5-11-40.

1.637/38 — Miguel Francisco Lopes — Cam-

po Belo — MG — Inscrição de engenho — Foi arquivado por já estar inscrito — 5-11-40.

1.984/38 — José Gomes da Silva Leite — Cambucí — RJ — Inscrição de engenho — Foi deferido — 5-11-40.

473/38 — Isaias de Almeida — Itaperuna — RJ — Trasnferencia de inscrição — Foi deferido — 7-11-40.

720/38 — José Furtado de Mendonça — Itaperuna — RJ — Inscricão de engenho — Foi arquivado por ter desaperecido o seu objeto pelo desmonte do engenho em questão — 7-11-40.

321/37 — Domingos Zopelari — Ubá — MG — Restabelecimento de inscrição — Foi deferido — 7-11-40.

7.567/35 — José Fernandes Junior — São Fidelis — RJ — Inscrição de engenho — Foi deferido — 7-11-40.

1.437/39 — José Ferreira Agostinho — São Fidelis — RJ — Inscrição de engenho — Foi deferido — 7-11-40.

1.582/39 — Antonio José da Silva — Arassuaí — MG — Inscricão de engenho — Foi arquivado por já estar inscrito — 7-11-40.

1.940/39 — Procopio José Meireles — Viana — MA — Transferencia de inscrição — Foi indeferido — 7-11-40.

2-177/39 — Antonio Maria Filho — Carangola — MG — Permissão para fabricar aguardente — Foi deferido — 7-11-40.

3.272/39 — Joaquim Berto — Piracicaba — SP — Transferencia de inscrição — Foi deferido — 7-11-40.

3.274/39 — João Sbravatti — Piracicaba — SP — Transferencia de inscrição — Foi indeferido — 7-11-40.

3.425/39 — Ataliba Pereira da Silva — Cristalina — GO — Inscricão de engenho rapadureiro — Foi deferido — 7-11-40.

3.456/39 — Eduardo Hartmann — Hamonia — SC — Transferencia de inscrição — Foi deferido — 7-11-40.

3.810/39 — José Rodrigues do Carmo — Bom Jesus do Itabapoana — RJ — Transferencia de inscrição — Foi deferido — 7-11-40.

4.330/39 — José Aguiar e Silva — São Fidelis — RJ — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 7-11-40.

4.529/39 — Antonio José Domingues — Macaúbas — BA — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 7-11-40.

4.530/39 — Antonio Joaquim de Souza — Macaúbas — BA — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 7-11-40.

4.533/39 — Maria Pereira de Oliveira — Macaúbas — BA — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 7-11-40.

4.561/39 — João Domingues Batista — Macaúbas — BA — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 7-11-40.

4.576/39 — João da Silva Sales — Macaúbas — BA — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 7-11-40.

4.577/39 — João Vieira dos Santos — Macaúbas — BA — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 7-11-40.

4.578/39 — Joaquim Amancio da Silva — Macaúbas — BA — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 7-11-40.

4.579/39 — Joaquim Francisco da Mata — Macaúbas — BA — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 7-11-40.

4.582/39 — Francisco José da Paixão — Macaúbas — BA — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 7-11-40.

1.694/40 — Antonio Rodrigues da Costa — Buenópolis — MG — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 7-11-40.

2.893/40 — Cipriano Chaves — Rezende Costa — MG — Transferencia de inscrição — Foi deferido — 7-11-40.

2.895/40 — João e Carlos Alberto Ravache — Rio Claro — RJ — Transferencia de inscrição — Foi deferido — 7-11-40.

669/40 — Antenor Joaquim Leal — Sta. Rita do Paranaíba — GO — Inscrição de engenho — Foi deferido — 7-11-40.

809/40 — Antonio da Costa Lima — Brasilia — MG — Restabelecimento de inscrição — Foi deferido — 7-11-40.

1.213/40 — Antonio Ferreira de Melo — Carmo do Paranaíba — MG — Inscrição de fábrica de aguardente — Foi deferido — 7-11-40.

1.800/38 — Olimpio Policarpo de Barcelos — Pitanguí — MG — Inscrição de engenho — Foi arquivado por que o interessado não atendeu à intimação que lhe foi feita para instruir o processo — 9-11-40.

3.592/38 — Eugenio Zaneti & Irmãos — Pirassununga — SP — Inscrição de engenho — Foi deferido — 9-11-40.

1.875/39 — Caetano de Abreu Carneiro — Ponte Nova — MG — Transferencia de inscrição — Foi deferido — 9-11-40.

2.413/39 — José Candido de Souza — Santa Branca — SP — Inscrição de fábrica de aguardente — Foi deferido — 9-11-40.

3.444/39 — José Duarte Junior — Bom Jesus do Itabapoana — RJ — Transferencia de inscrição — Foi deferido — 9-11-40.

4.116/39 — Candida Ferreira de Lisboa — Brasilia — MG — Inscrição de engenho — Foi deferido — 9-11-40.

4.505/39 — Aniceto Pires da Silva — Macaúbas — BA — Inscrição de engenho rapadureiro — Foi deferido — 9-11-40.

4.528/39 — Antonio Teixeira Chaves — Macaúbas — BA — Inscrição de engenho — Foi deferido — 9-11-40.

4.531/39 — Angelo Pereira de Bastos — Macaúbas — BA — Inscricão de engenho rapadureiro — Foi deferido — 9-11-40.

738/40 — Jorge Ribeiro do Vale — Carmo — RJ — Transferencia de inscrição — Foi deferido — 9-11-40.

1.171/40 — Carlos Soares da Silva — Montes Claros — M G— Inscrição de engenho — Foi deferido — 9-11-40.

1.465/40 — Francisco de Morais Ferreira — Bom Jesus de Itabapoana — RJ — Transferencia de inscrição — Foi deferido — 9-11-40.

1.885/40 — Eliseu Pereira Nunes — Picos — PI — Transferescia de inscrição — Foi deferido — 9-11-40.

2.013/40 — Clovis de Souza Pimentel — Viçosa — MG — Inscrição de engenho — Foi deferido — 9-11-40.

2.339/40 — Adelino Antonio Pereira — Sa-

O DRAMA DOS CARBURANTES

Numa das nossas últimas edições, publicamos algumas notas, extraidas de jornais europeus, sobre a crise dos carburantes na Europa, resultante da guerra em curso, fazendo cessar ou diminuir, em grande parte, as fontes internas e externas de fornecimento. Como era de esperar, essa crise continuou a agravar-se concomitantemente com os acontecimentos políticos e militares, provocando estudos e experiencias de novos carburantes, para suprir a falta dos que deixavam de ser produzidos ou importados, e que, por isso, são denominados "carburantes de substituição".

Essa situação foi descrita pelo sr. Charles Faroux, numa serie de artigos insertos em "L'Auto", de Paris, no último dos quais, sugestivamente intitulado "O drama dos carburantes", apresenta as suas conclusões, sob uma forma condensada, e que a seguir reproduzimos, por sintetisarem as dificuldades em que se debateu, não só a França, como quase todos os paises da Europa.

"**HOJE** — Essencia, alcool, benzol continuam com o emprego particular interdito. São, diz o sr. René Belin, com um perfeito bom senso, as materias que devem servir unicamente aos interesses gerais do país. E, de pronto, é preciso reconhecer que a solução de nossas dificuldades presentes reside na seguinte política:

1.º — Veículos pesados: o gasogenio.

2.º — Serviços de interesse público (abastecimentos, ligações, médicos, veterinarios): a essencia que, misturada com alcool ou benzol, deve ser-lhes integralmente reservada.

3.º — Circulação particular (excluido o turismo, com o qual ninguem sonha): carburantes de substituição.

Quais? O tempo urge.

Essencias de síntese? Não, porque não temos carvão. Derivados do oleo de xisto? Fabricações a organizar, muito demoradas para o momento. Derivados de linites? A mesma resposta.

Metana, butana e propana. Sim, em pequena escala, infelizmente. Alcool metílico? Seguramente, porque a sua produção pode ser rápida e consideravelmente desenvolvida.

Acetileno ou hidrogenio? Sim, a encorajar.

Gás comprimido? E' pouca cousa e que perde muita força.

Novos carburantes? Eis a verdadeira solução, em que o Estado se deve empenhar a fundo, porque pode, desde já, produzir prodigios e que pode, regionalmente, "depanner" o país. E' preciso somente querer, para que isso aconteça com êxito, uma compreensão perfeita dos serviços.

AMANHÃ — Após a volta do país ao estado normal, o problema muda de aspecto. Tomaremos então nosso partido.

O maravilhoso esforço criador nacional terá obtido produtos de substituição.

Os dois principais são o alcool metílico, porque o etílico tem outras aplicações mais remuneradoras para o produtor e mais agradaveis ao consumidor, e os produtos derivados das linites ou xistos.

No seu sub-solo, a França dispõe de cerca de um milhar de milhão de toneladas desses produtos, que podem, à custa da criação de uma nova industria — saibamos, enfim, ver em grande — assegurar nossas necessidades durante cinquenta anos. Isso, combi-

---

pucaia — RJ — Transferencia de inscrição — Foi deferido — 9-11-40.

2.476/40 — Teófilo Leite — Sapucaia — RJ — Transferencia de inscrição — Foi deferido — 9-11-40.

2.482/40 — Paulina Rosa de Jesus — Viçosa — MG — Alteração de inscrição — Foi indeferido — 9-11-40.

2.484/40 — Palvino Montenegro Rocha — Sapucaia — RJ — Transferencia de inscrição — Foi deferido — 9-11-40.

2.888/40 — José Jorge — Casimiro de Abreu — RJ — Inscrição de fábrica de aguardente — Foi deferido — 9-11-40.

575/39 — Barbosa, Albuquerque & Cia. — Cambuci — RJ — Restabelecimento de inscrição — Foi deferido — 11-11-40.

nado com uma política beterrabeira racionada, nos permitirá conjurar os perigos que nos ameaçam.

Ora, um país não vive senão pelos transportes. Que nos impõe a renuncia ao automovel? E por que não ao telefone, à luz elétrica, ao aquecimento central ou à anestesia?

Não nos reergueremos senão por uma larga política de transportes particulares. Há precedentes: a Alemanha enceta a obra de reerguimento no dia em que Hitler ressucita o automovel. O mesmo fato na Italia, com Mussolini, na Russia, com Stalin. Um país onde o automovel perde o seu poder é um país que perde a sua força e o seu esplendor."

CARBURANTES DE SUBSTITUIÇÃO

O alcool — O Ministerio das Finanças da França expediu um comunicado, que a "République du Sud Est", de Grenoble, publicou com o expressivo título "O alcool, carburante de substituição n. 1", e do qual transcrevemos os trechos abaixo:

"A atual escassez de essencia, que é um dos obstáculos mais serios à normalização da vida econômica, força-nos a recorrer aos carburantes de substituição de toda a natureza. Entre os carburantes de substituição, o alcool é o único cuja produção é possivel desenvolver no mais breve prazo.

Em consequencia, o governo dirige um apelo a todos os franceses, para que nenhuma materia distilavel seja inutilizada. E' um dever nacional, em particular, não deixar perder bagaços e frutas de todas as especies. O Serviço de Alcoois se tornará comprador de todos os alcoois produzidos, qualquer que seja a natureza e a graduação.

Os distiladores ambulantes e as cooperativas são convidados a concorrer com os industriais no fornecimento de carburantes ao país. O sistema de contingenciamento permitirá pagar seus alcoois a um preço remunerador. O seu interesse pessoal concorda, pois, com o interesse geral".

"Todos os produtos entregues pelos distiladores ao Serviço de Alcoois são comprados com isenção de direitos. No que concerne especialmente aos viticultores, lembra-se que o estatuto vitícola, com as medidas de controle que comporta, está em vigor".

"O governo não duvida de que todos os franceses procuram de coração atender, produzindo cada um alcool na medida de seus recursos, à crise de carburantes de que sofre o país e de contribuir assim para o abastecimento nacional".

Por sua vez, "Le Petit Parisien", numa correspondencia de Marselha, acentua: "Se ha uma questão que apaixona a opinião pública, atualmente, é a da procura de carburantes de substituição. A falta de essencia provoca um raro concurso de emulação entre uma multidão de franceses: operarios, sabios, inventores, geólogos, engenheiros, técnicos, etc., tendo todos um só pensamento, um só objetivo: — fazer circular sem essencia.

E informa ainda o mesmo jornal:

"Resultados interessantes têm sido registados. No número desses se incluem as realizações de dois mecânicos marselheses, graças às quais numerosos taxis continuam a circular. Um deles, sr. Matheron, empresario de taxis, depois de ter conhecido a vitoria como corredor ciclista, se lembrou das façanhas dos desportistas de outrora, que alimentavam o seu motor com uma mistura de álcool e de éter ou de benzol. Deveu a isso resolver varias dificuldades. Chegou a tal resultado imaginando um "aquecedor de alcool", que permite aos seus taxis circular sem embaraço, conservando em tudo suas qualidades de aceleração, indispensaveis para a circulação urbana.

O consumo do carburante aumentou pouco, sem exceder, entretanto, de 3 ou 4 litros por 100 quilômetros, o que não é desprezivel,

Outro mecânico de espírito inventivo é um garagista de Saint Barnabé, sr. Bayol, que se serve de alcool e de um pouco de oleo de rícino, para assegurar a lubrificação da parte superior dos cilindros e que inventou, alem disso, um "aquecedor de ar", o qual suprime o uso do afogador por uma regulagem judiciosa do avanço da centelha, conservando no motor suas possibilidades de marcha lenta e de aceleração.

A esperança parecia sorrir aos condutores marselheses, quando interveiu a Administração das contribuições diretas. Era seu direito e, melhor mesmo, seu dever. E' que seu papel consiste em impedir que seja desviado do seu destino um alcool entregue pelo Estado aos desnaturadores para ser vendido às donas de casa e não aos mecânicos.

Por outro lado, em face da legislação sobre a preparação das misturas carburantes, havia aí fraude, pois ninguem tem o direito de se servir de um novo carburante líquido

que não for aprovado antes pelo Estado. Enfim, os automobilistas que utilizassem esse alcool eram igualmente censuraveis, de vez que não se tem o direito de circular com mais de 5 litros de alcool sem permissão da "Régie".

À vista dessas dificuldades, uma comissão de interessados, chefiada pelo mecânico Matheron, procurou o governo de Vichy. E graças à sua interferencia, a Administração das contribuições diretas foi autorizada a dispor do alcool em poder dos desnaturadores e permitir a venda aos empresarios de transportes.

O "gardol". — Segundo divulgou "La Croix", de Paris, um novo carburante apareceu no Departamento de Gard, tirando o seu nome do lugar de origem; chama-se o "gardol". E' o resultado das pesquisas de um engenheiro belga, sr. Denys, o qual assegura, com o seu processo, ter encontrado um remedio para a crise de carburantes. A materia prima é constituida pelo alcool ordinario desidratado, cuja proporção entra em mais de 80% do conjunto. O resto compreende materias soluveis derivadas do carvão e outros supercarburantes igualmente tirados do carvão.

Os ensaios desse novo carburante realizaram-se em Nimes. Tratava-se de um auto-carro de 15 C. V., pesando 4.000 quilos, em cujos reservatorios foram vertidos 35 litros do "gardol". Foi escolhido um percurso particularmente dificil: a estrada de Nimes a Uzés, que tem numerosas curvas e dois declives muito fortes.

O auto-carro, de um modelo já antigo, venceu o percurso de 25 quilômetros em 37 minutos, o que constituiu uma verdadeira "performance", e as notabilidades presentes puderam verificar que o motor nada sofreu.

O carburante de Saboia. — Na aldeia de Villard-du-Planet (Saboia), um engenheiro químico, sr. Girard, diretor da usina Bozel-Malatra, inventou e experimentou com êxito outro novo carburante. E' uma mistura de aldeido acético, de paraldeido acético e de acetona, líquido que deriva do acetileno, cujas propriedades combustiveis e explosivas são conhecidas há longo tempo.

O ponto de partida desse produto — explica o sr. A. Cherebenit, num artigo em "Le Temps", de Paris — é o carbureto de calcio, que, como se sabe, é obtido, sob o arco elétrico, do coque metalúrgico e do calcareo. O coque metalúrgico pode ser substituido pela antracite dos Alpes, antracite pobre, abundante, mas pouco empregada em virtude de seu teor em cinzas.

O carbureto de calcio, ao contacto da agua, dá o gás acetileno (C_2H_2), carbureto não saturado, capaz de se combinar com o hidrogenio, para formar carburetos de outras series e notadamente de aldeido acético, ou alcool desidrogenado, obtido pela adjunção de uma molécula dagua a uma molécula de acetileno e do paraldeido acético, modificação polimérica, sob a influencia do ácido do aldeido.

O sr. Girard conseguiu, com a combinação desses produtos um carburante que pode, segundo as dosagens, ser empregado puro ou em mistura com a essencia. Pode ser utilizado nas mesmas condições que a essencia, em lugar dessa, com um rendimento pelo menos igual, sem perigo e sem nenhuma modificação dos orgãos do motor.

Em Saboia, o novo carburante já é vendido entre diversos garagistas. O seu preço é de cerca de 8 francos o litro.

A "nacionine". — Após o carburante de Bozel, que causou alegria aos automobilistas saboianos, mas que deve ser empregado com essencia, na base de 50% — noticiou "La Suisse", de Gênova — um novo carburante: a "Nacionine", acaba de ser descoberto por um engenheiro, sr. Louis Bernard. Ele o obteve, por enquanto em pequenas quantidades, num laboratorio improvisado, e os ensaios têm sido em todos os pontos satisfatorios. O custo e o consumo são comparaveis aos atualmente em curso no mercado para a benzina.

"Carburol". — Outro jornal suiço, o "Courrier de Géneve", numa correspondencia de Berna, divulgou a experiencia de um caminhão alimentado a "carburol", que não é propriamente um novo carburante, mas uma nova denominação do gasogenio, cujo emprego está se generalizando por toda a Europa. Contudo, essa experiencia se revestiu de interesse especial.

Em Berna, o sr. Grimm, chefe da Secção Energia e Calor, e os engenheiros do Departamento dos Correios foram levados à presença de um caminhão funcionando com um gasogenio, alimentado a carvão de madeira concentrado, chamado "Carburol".

Severos ensaios foram efetuados por esses cavalheiros, sendo tais os resultados que os Correios imediatamente se declararam dispostos a fazer equipar dois dos seus

caminhões, afim de se levar em conta o uso para a prática das vantagens desse sistema.

Por outro lado, a Secção Energia e Calor incluiu o sistema "carburol" no seu projeto de subvenção destinado a equipar, o mais rapidamente possivel, um primeiro lote de 1.000 caminhões com gasogênio alimentados a gás de madeira. A causa do gasogenio ganha, pois, mais impulso, e é certo que, com um pouco de boa vontade, será possivel economizar por esse meio — que tecnicamente está resolvido — grandes quantidades de carburantes líquidos. Fala-se mesmo em tornar obrigatorio o gasogenio para os transportes rodoviarios a longas distancias.

Um economizador de gasolina — Em Portugal, a crise de carburante tambem gerou um invento curioso, que é um economizador de gasolina.

Segundo o "Diario de Noticias", de Lisboa, os srs. Vasco Gueriol Tojeiro e o engenheiro Armando Ferreira conseguiram, após três anos de laboriosos estudos, construir um economizador de gasolina, invento que, no momento atual, tem um excepcional interesse. Aqueles técnicos automobilísticos, tendo registado já a respectiva patente, começaram há meses — desde janeiro — a fazer experiencias com o engenhoso aparelho de sua invenção, o qual denominaram "Delta".

Que tais experiencias deram magníficos resultados prova-o o fato de estarem já montados em veículos ligeiros e pesados de todo o país cerca de 600 economizadores daquele tipo.

O aparelho permite uma maior entrada de ar no carburador, o que produz um empobrecimento da mistura, sem prejuizo do motor, visto o ar entrar em turbilhão.

O Automovel Clube de Portugal controlou oficialmente uma prova de consumo com um carro "Fiat Balilla", modelo de 1927, com mais de 60.000 quilômetros andados, o qual foi equipado com um economizador "Delta".

Os resultados obtidos, que estão sujeitos a eventuais retificações, foram os seguintes:

1.º percurso (com economizador) — Quilômetros percorridos, 228; media horaria, 49,749 qms.; consumo, 7,55 litros de gasolina.

2.º percurso (sem economizador) — Quilômetros percorridos, 229; media horaria, 48,555 qms.; consumo, 9,93 litros de gasolina.

Verificou-se, desse modo, que a economia de carburante foi de 21,1 % — resultado notavel, na realidade. E' de assinalar, tambem, — termina o jornal lisboeta — a regularidade da marcha na estrada.

Um automovel percorreu 150 quilômetros sem gasolina — Mas no drama europeu dos carburantes, uma das notas mais interessantes é a fornecida pela Espanha, onde um automovel percorreu 150 quilômetros sem gasolina nem qualquer carburante líquido. O fato foi assim noticiado pela "Gaceta del Norte", de Bilbao:

"Teve-se noticia de que em Aracena um operario mecânico, chamado Antonio Jiménez, conseguiu, após um longo e laborioso trabalho de provas, fazer funcionar um motor de automovel, prescindindo inteiramente de qualquer carburante líquido. A prova foi realizada com um carro marca "Fiat", que percorreu, em quatro horas, cento e cinquenta quilômetros sem gasolina nem oleo pesado.

O aparelho ideado pelo engenhoso mecânico consiste em um cilindro colocado na parte posterior do veículo e com varios compartimentos, um dos quais leva agua e outro carvão miudo. Esse combustivel produz óxido de carbono em uma atmosfera limitada e aquece a agua, que, em estado de vapor, se combina com o óxido de carbono, e uma corrente de ar que penetra pela parte inferior do cilindro dá lugar à formação de uma mistura gasosa, composta de: nitrogenio, 50 a 55%; óxido de carbono, 25 a 50%. Dirigido esse conjunto por um dispositivo especial nos cilindros, sem passar pelo carburador, põe em marcha o motor.

A gazeta espanhola conclue o seu registro, dizendo: "Se, dado o feliz resultado das primeiras provas, o invento se aperfeiçoar, estamos diante de uma verdadeira revolução no mundo automobilístico".

Alcoometria, Estereometria e Análise do Alcool

Preço . . . . . **15$000**
Pelo Correio . . . . . **15$600**

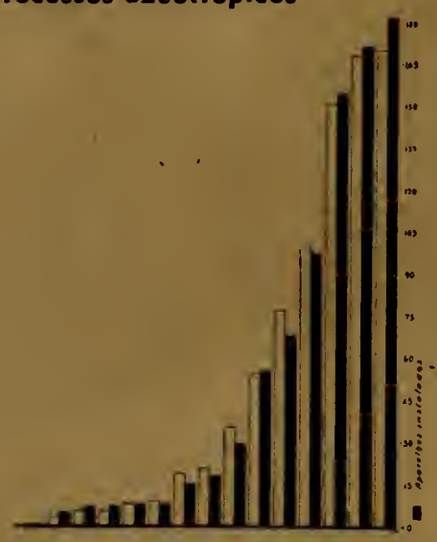
Livro do dr. Anibal R. de Matos
A venda na Secção de Publicidade do
Instituto do Açucar e do Alcool

Les Usines de Melle

SOCIÉTÉ ANONYME AU CAPITAL DE FRS. 17.000.000
Anciennement: DISTILLERIES des DEUX - SÈVRES - MELLE
(Deux-Sèvres) - FRANCE

Processos azeotrópicos de deshidratação e fabricação direta do alcool absoluto

Desenvolvimento mundial dos processos azeotrópicos



INSTALAÇÕES NO BRASIL

	Litros
Usina Catende — Aparelho novo — 4ª técnica — Em funcionamento — Construtor: Etablissements Barbet.	30.000
Usina Santa Teresinha — Aparelho novo — 4ª técnica — Em funcionamento — Construtor: Estabelecimentos Skoda.	30.000
Usina Timbó Assú — Aparelho novo — 4ª técnica — Em funcionamento — Etablissements Barbet.	5.000
Distilaria Central do Cabo — Aparelho novo — 4ª técnica — Em montagem pelos Est. Skoda.	60.000
Usina Cucaú — 4ª técnica — Em montagem — Construtor: Estabelecimentos Skoda.	15.000
Usina Trapiche — 4ª técnica — Em montagem — Construtor: Est. Barbet.	15.000
Usina Santo Inacio — Aparelho novo — 2ª técnica — Em montagem pelos Estabelecimentos Skoda.	5.000
Usina Tiúma — Aparelho novo — 4ª técnica Em montagem pelos Est. Skoda.	21.000
Usina Nossa Senhora das Maravilhas — Aparelho novo — 2ª técnica — Em funcionamento — Etablissements Barbet.	15.000
Usina Pumati — 4ª técnica — Em construção Est. Barbet.	20.000
Usina Serra Grande — Aparelho novo — 4ª técnica — Em montagem — Estabelecimentos Skoda.	12.000
Usina Brasileiro — Aparelho novo — 4ª técnica — Em funcionamento pelos Estabelecimentos Barbet.	15.000
Usina Paineiras — Aparelho sistema Guillaume, transformado em 4ª técnica pelos Est. Skoda — Em montagem.	5.000
Distilaria Central de Campos — 2 aparelhos mixtos — 2ª e 4ª técnicas — Em funcionamento — Construida pelos Estabelecimentos Barbet.	60.000
Conceição de Macabú — Em funcionamento — Aparelho Barbet transformado em 2ª técnica pelos mesmos Estabelecimentos.	9.000
Companhia Engenho Central Laranjeiras — Aparelho Barbet transformado em 4ª técnica pelo Est. Barbet — Em funcionamento.	6.000
Cia. Usina do Outeiro — Em funcionamento — Aparelho Sistema Guillaume, transformado em 4ª técnica — Construtor: Barbet.	5.000
Usina do Queimado — Em funcionamento — Aparelho Barbet transformado em 4ª técnica — Construtor: Barbet.	6.000
Usina Santa Cruz — Aparelho sistema Barbet, transformado pelos Est. Skoda — Em funcionamento.	12.000
Usina São José — Aparelho novo — 4ª técnica — Em funcionamento — Construtor: Skoda.	20.000
Companhia Engenho Central Quissaman — Aparelho novo — 4ª técnica — Em montagem — Construtor: Est. Barbet	15.000
Usina Barcelos — Aparelho transformado em 4ª técnica pelos Est. Skoda.	10.000
Distilaria de Ponte Nova — Aparelho novo — 4ª técnica — Em construção pelos Est. Skoda.	20.000
Usina Amalia — F. Mattarazzo Jr. — Retificador Barbet, transformado em 4ª técnica pelos Estabelecimentos Barbet — Em funcionamento.	10.000
Usinas Junqueira — Aparelho de distilação — Retificação continua, transformado em 4ª técnica pelos Estabelecimentos Skoda — Em funcionamento.	20.000

Para todas as informações dirija-se a **GEORGES P. PIERLOT**
Avenida Beira Mar, 210 — Tel. 42-8607 — Caixa Postal 2984
RIO DE JANEIRO

Les Usines de Melle

SOCIÉTÉ ANONYME AU CAPITAL DE FRS. 17.000.000

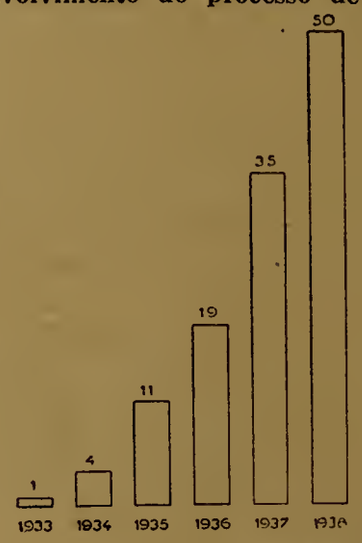
Anciennement: DISTILLERIES des DEUX-SÈVRES-MELLE (Deux-Sèvres) FRANCE

DISTILARIAS APLICANDO O NOVO PROCESSO DE FERMENTAÇÃO DAS USINES DE MELLE

(PATENTEADO EM TODOS OS PAISES)

Mais de 50 instalações na Europa: em França, Alemanha, Austria, Bélgica, Italia, Suiça, Tchecoslovaquia, realizando uma produção diaria de 1.000.000 de litros de alcool.

Gráfico do desenvolvimento do processo de fermentação



Capacidade de produção diaria em litros

INSTALAÇÕES NO BRASIL

Amalia (Em funcionamento)	.....	10.000
Barcelos "	.....	10.000
Catende "	.....	30.000
Laranjeiras "	.....	4.000
Outeiro "	.....	5.000
Piracicaba "	.....	15.000
Porto Feliz "	.....	20.000
Santa Barbara "	.....	6.000
Santa Cruz "	.....	15.000
Utinga "	.....	10.000
Vassununga "	.....	3.000
Vi'a Raffard "	.....	20.000
São José "	.....	22.000
N. S. das Maravilhas "	.....	15.000
Cucaú "	.....	15.000
Pureza "	.....	5.000
Brasileiro "	.....	15.000
Serra Grande "	.....	12.000
Timbó Assú "	.....	5.000
Usina Miranda (Em montagem)	.....	10.000
Santa Maria "	.....	3.000
Pumatí "	.....	20.000
Trapiche "	.....	15.000
Ponte Nova "	.....	20.000
Quissaman "	.....	15.000
Pontal "	.....	10.000

O novo processo de fermentação das USINES DE MELLE proporciona as seguintes vantagens:

Notavel aumento do rendimento de fermentação
Aumento da capacidade de produção das instalações de fermentação
Grande segurança e funcionamento tornando quase automático o trabalho
Melhor qualidade do alcool fabricado.

Usineiros e distiladores, peçam informações a **GEORGES P. PIERLOT**
Avenida Beira Mar, 210 — Tel. 42-8607 — Caixa Postal 2984
RIO DE JANEIRO

CRONICA AÇUCAREIRA INTERNACIONAL

Um dos últimos números do "Bulletin Mensuel des Renseignements Techniques", publicação mantida pelo Instituto Internacional de Agricultura, com sede em Roma, resume da seguinte forma a situação açucareira da Europa, em geral:

"Considerando a Europa no seu conjunto, pode-se dizer que, até o presente, a situação é ainda satisfatoria, se bem que as condições climatológicas não tenham sido das mas propicias à vegetação das beterrabas.

Segundo os dados recebidos pelo Instituto Internacional de Agricultura, as superficies cultivadas com beterraba na Europa, inclusive a U.R.S.S., passam de 6% as cultivadas em 1939 e de 14% a media quinquenal de 1934 a 1938.

Se durante esse período da estação as condições meteorológicas permanecerem normais até a colheita, o rendimento unitario em beterrabas — não computados os estragos devidos a outras causas — deverá assegurar uma safra de açucar igual, pelo menos, à do último ano e superior à media citada.

Mas mesmo essa previsão, embora seja extremamente prudente, está anda sujeita à pressão das circunstancias atuais da Europa, em consequencia dos elementos de perturbação introduzidos pela guerra.

Com efeito, durante as operações de guerra, estensas superficies cultivadas têm sido devastadas, outras foram abandonadas e numerosos campos de cultura não tiveram os cuidados de que precisavam. Os transportes têm sido insuficientes ou faltado completamente, em seguida às requisições dos veículos e dos animais de tração, ou em virtude da escassez de carburantes.

Nem todas as beterrabas poderão ser arrancadas no momento da colheita; outras, já arrancadas, permanecerão nos campos, pela impossibilidade de seu transporte para as fábricas. Numerosas fábricas foram destruidas e as avariadas deverão limitar a produção de açucar, na medida dos danos sofridos. Uma parte das beterrabas que teriam de ser trabalhadas nas fábricas destruidas poderá ser enviada a outras fábricas ainda em atividade, mas uma parte será inteiramente perdida.

Evidentemente, evitamos traçar previsões, não tendo a pretensão de sustentá-las em face da desordem criada pela guerra; limitamo-nos a indicar, sem tirar nenhuma conclusão, as passagens, mesmo apenas temporarias, de fábricas e refinarias de açucar, do "controle" de um país para outro, em consequencia das ocupações territoriais que se verificaram de 1.º de setembro de 1939 até hoje. Essas indicações poderão servir ao leitor, pois tais trocas dificilmente serão favoraveis, no principio, à atividade das fábricas e refinarias em questão.

Na Polonia havia 61 fábricas de açucar; após a ocupação alemã e soviética, 47 passaram ao "contrôle" da Alemanha e 14 ao da U.R.S.S.

Na Finlandia, a única fábrica de Viipuri, que era de construção recente, passou à U.R.S.S.; duas outras e todas as quatro refinarias continuam com a Finlandia.

A Noruega, um dos raros paises que não produzem açucar, não tem fábricas nem refinarias.

As fábricas e refinarias dos Paises Baixos e da Bélgica se acham no territorio atualmente ocupado pela Alemanha, sendo 16 fábricas (das quais 4 não trabalham) e 6 refinarias (das quais 2 paralizadas) nos Paises Baixos e 26 fábricas, 4 refinarias e 5 fábricas de açucar refinado na Bélgica.

Na França, o maior número das fábricas de açucar se acha no Norte, e nas zonas em que se desenrolaram, em grande parte, as operações de guerra. Não se pode dizer ainda, com precisão, em que condições se encontram, para poderem funcionar.

De qualquer forma, das 110 fábricas de França, 4 perto de Clermont-Ferrand e duas outras nas imediações de Avignon, ficam no territorio não ocupado.

Na Rumania, das 15 fábricas de todo o Reino, 6 passaram à U.R.S.S., precisamente 3 de Bubina e 3 da Bessarabia".

DINAMARCA

O açucar constitue para a economia dinamarquesa um importante artigo de intercambio. A Dinamarca exporta consideravel quantidade para a Noruega e a Finlandia em troca de madeira e papel.

Na primavera foi decidido aumentar de 10% a area cultivada com beterraba açucareira. O rendimento por hectare é previsto, porem, 10% inferior ao de 1939; portanto, dado o aumento da area cultivada, prevê-se

que a safra atingirá a cifra do ano passado, no qual foram produzidas cerca de 240 mil toneladas de açucar bruto.

FRANÇA

Informações procedentes de Berlim anunciam, de fonte autorizada, que na França a produção de beterraba açucareira acusará uma diminuição de 20 a 25 por cento nos distritos do norte, onde se encontram 95 por cento das plantações. A produção da referida zona em 1936 foi de 8.256.000 toneladas.

HUNGRIA

Na safra 1939-40, a Hungria produziu 129.000 toneladas longas de açucar, valor bruto, contra 126.000 toneladas no ano anterior, registrando-se assim um aumento de 3.000 toneladas. No passado, a produção da Hungria era suficiente para as necessidades do seu consumo interno e ainda restava margem para exportação. Em 1929-30, verificou-se o "record" da produção da Hungria com 242.000 toneladas; a exportação nesse ano tambem registrou o seu "record" com 129.000 toneladas. Nos últimos anos uma e outra diminuiram.

O consumo no ano concluido em 31 de agosto de 1939 foi de 140.000 toneladas. Essa cifra representa sobre o consumo do ano anterior um aumento de 35.000 toneladas, ou seja, aproximadamente, 33 por cento.

INGLATERRA

O Conselho Internacional do Açucar publicou uma nota, na qual informa que o governo da India solicitou permissão para exportar uma partida adicional de açucar até 200 mil toneladas, atendendo a que o Reino Unido deseja novos suprimentos do produto.

PORTUGAL

Foi fixado em 75.000.000 de quilos o consumo provavel de açucar no continente, no ano cultural de 1940/41 e determinando que o rateio do açucar colonial com direito a bonus seja feito nos seguintes termos:

Cabo Verde, 1.000.000 de quilos; Angola: Companhia do Açucar de Angola, ... 16.581.950 de quilos; Sociedade Agrícola do Cassequel, 16.581.950; Sociedade Comercio e Construções, 3.336.100; e Antonio do Couto Pinto, 500.000. Moçambique: Sena Sugar Estates, Limited, 22.132.727 de quilos; Companhia Colonial do Buzi, 7.489.697; e Incomati Estates, Limited, 7.377.576.

RUMANIA

Informa Lamborn que a produção de açucar de beterraba na Rumania em 1939-40 é calculada em 143.000 toneladas longas, valor bruto, contra 135.000 toneladas produzidas no ano anterior. Houve uma diminuição este ano de 10.000 toneladas, ou seja, aproximadamente, 6,5 por cento.

Existem na Rumania 15 fábricas de açucar de beterraba. Na area cedida à Russia existem 5 fábricas, duas na Bessarabia e três na Bucovina.

Em 1938-39, o consumo foi de 129.000 toneladas longas contra 114.000 toneladas consumidas no ano anterior. O aumento de consumo de 15.000 toneladas — 13,3 por cento, aproximadamente — acredita-se que tenha formado o estoque invisivel.

RUSSIA

Segundo Lamborn, a produção de açucar de beterraba na Russia em 1930-40 é estimada em 2.460.000 toneladas longas, valor bruto, contra 2.264.000 toneladas no ano anterior. O aumento foi, portanto, de 196.000 toneladas, aproximadamente, 8,7 por cento. Existem na Russia 190 fábricas de açucar. Na estimativa da produção de 1939-40 não foi incluido o açucar produzido nos territorios poloneses de que a Russia se apossou o ano passado.

O consumo de açucar no ano encerrado em 31 de agosto de 1939 elevou-se a 2.200.000 toneladas, valor bruto, que equivale a um consumo "per capita" de 13 quilos.

Para o ano concluido em 31 de agosto último, o Acordo Internacional do Açucar havia atribuido à Russia uma quota de exportação de 158.456 toneladas longas. Acredita-se que essa quota sofrerá redução este ano. A Russia exporta principalmente para a Mongolia e a Persia.

UNIÃO SUL-AFRICANA

Segundo uma comunicação da União Sul-Africana, a produção de açucar, durante a última safra, se elevou nesse país a 595.556

toneladas, e a futura safra é estimada em cerca de 560.000 toneladas.

As cifras abaixo mostram que as suas safras têm aumentado nos últimos seis anos:

1934-35	358.738	tons.
1935-36	417.318	"
1936-37	446.409	"
1937-38	507.219	"
1938-39	522.732	"
1939-40	595.556	"

JAPÃO

A produção de açucar no Japão, incluindo a ilha Formosa, na safra 1939-40, alcançou um total de 1.320.000 toneladas longas, valor bruto. No ano anterior a produção foi de 1.663.000 toneladas. A diminuição na safra passada foi de 343.000 toneladas, mais ou menos 21 por cento. A colheita da última safra começou em novembro de 1939 e terminou em junho deste ano.

Em 1938-39, o consumo foi de 1.342.000 toneladas, esperando-se uma diminuição, este ano, em consequencia do racionamento.

ARGENTINA

A safra de 1940 constituiu um "record" de produção na Argentina. Segundo "La Industria Azucarera" e de acordo com as cifras obtidas a 27 de outubro, ela antingiu 531.125.792 quilogramos. A essa cifra há que juntar a produção de Santa Frá correspondente a outubro, de cerca de 4.000 toneladas.

A produção do último quinquenio foi a seguinte:

1935	391.255	tons.
1936	436.802	"
1937	371.163	"
1938	465.630	"
1939	521.584	"

Os rendimentos da cana foram: em 1938: 8,74; em 1939: 8,93 e em 1940: 9,09. Nos rendimentos de 1940, corresponde a Tucuman o de 9,40, a Salta, 11,06 e a Jujuy, 10,57, que são os mais altos obtidos até agora em cada uma das três provincias.

Com a produção "record" obtida no corrente ano, a Argentina ocupa o 10.º lugar entre os maiores produtores de açucar de cana no mundo.

BOLIVIA

Segundo informa Lamborn, a Bolivia importou, em 1939, açucar dos seguintes paises, (em toneladas): Argentina, 9.401; Brasil, 263; Chile, 113; Alemanha, 99; Holanda, 1.135; Perú, 15.943; Reino Unido, 2; Estados Unidos, 631; outros paises, 25. Total, 27.612 toneladas.

CANADA'

Até 15 de junho deste ano, as refinarias canadenses haviam fabricado 383.849.627 libras de açucar refinado, com um aumento de 81.898.714 libras sobre igual período de 1939. Esses dados e os que se seguem são fornecidos pelo Departamento de Estatística do Dominio.

As vendas para consumo e exportação até 15 de junho foram de 515.019.093 libras; no mesmo período do ano passado as vendas foram de 404.366.450 libras. Houve, portanto, este ano, um aumento de 110.652.643 libras. Naquela data, os estoques compreendiam 86.076.270 libras de açucar bruto e 117.330.969 libras de refinado, com uma diminuição de 38.387.017 libras no bruto e 35.378.809 libras no refinado, em comparação com os estoques de 1939. Em relação aos estoques de 1 de janeiro, os de 15 de junho acusavam um aumento de 11.550.120 libras no açucar bruto e uma diminuição de .... 131.130.451 libras no açucar refinado.

De 1 de janeiro a 15 de junho entraram no Canadá 416.517.831 libras de açucar bruto contra 364.487.052 libras em 1939; no referido período foram dissolvidas e vendidas 404.967.711 libras contra 318.061.858 libras em 1939.

ESTADOS UNIDOS

Segundo as estatísticas de Lamborn, os Estados Unidos exportaram, durante os sete primeiros meses deste ano, 121.037 toneladas de açucar refinado contra 48.345 toneladas exportadas no ano anterior. O aumento verificado este ano foi de 72.692 toneladas, um pouco mais de 150 por cento. A exportação dos sete primeiros meses de 1940 foi a maior desde 1925, quando em idêntico período foram exportadas 188.033 toneladas.

— Segundo dados do Ministerio da Agricultura, a area beterrabeira dos Estados Unidos para a safra de 1940 é praticamente igual

à de 1939. Espera-se, porem, em vista das condições reinantes em principios de julho, que a produção de beterraba seja apenas 93 por cento da do ano passado. As estimativas da area de cultivo para este ano apresentam a cifra de 982.000 acres contra 990.000 no ano passado. Fazendo-se o desconto da area que é sempre abandonada — 7 por cento do total — teremos este ano 913.000 acres para colheita contra 917.000 em 1939.

Na base das condições reinantes em 1 de julho último, estima-se em 11 toneladas por acre a media de rendimento em todo o o país; com essa media a produção total de beterraba seria de 10.019.000 toneladas. Em 1939, a produção foi de 10.773.000 toneladas para uma media de 11,7 toneladas por acre. Em alguns Estados, como California, Montana, Oregon e Washington, houve aumento na area de plantio, ao passo que esta apresenta decréscimo nos Estados de Colorado, Wyoming, Nebraska e Utah. Em Montana o aumento verificado foi de 10.000 acres e em Colorado houve uma diminuição de 13.000 acres.

O Ministerio da Agricultura ainda não fez estimativas sobre a produção de açucar de beterraba. Pode-se todavia avaliar a produção em cerca de 1.500.000 toneladas, cálculo este feito na base de uma media de 15 por cento de recuperação para uma safra de 10.019.000 toneladas. No ano passado a produção foi de 1.641.000 toneladas, correspondentes a 1.756.000 toneladas, valor bruto.

HAWAII

O Departamento de Estatística dos Estados Unidos acaba de publicar o censo açucareiro de Hawaí referente ao ano passado. A produção da ilha foi de 977.377 toneladas curtas, valor bruto, maior que as registradas em 1938 e 1937, porem sensivelmente menor que as de anos anteriores. Em 1933, por exemplo, a produção hawaiana foi de 1.063.605 toneladas.

O número de estabelecimentos que elaboraram açucar em 1939 foi de 35, os quais empregaram 4.800 pessoas. No último censo realizado em Hawaí, em 1919, o número de estabelecimentos era de 43 e o de empregados 3.421. Essas cifras não compreendem os trabalhadores dos campos ou qualquer outro local fora das usinas. Em 1939, o número de empregados que perceberam salarios no mês de março — quando não há trabalho — foi de 4.659, sendo a media anual de 4.371. O resto dos 4.800 empregados na industria se compõem de supervisores e técnicos, 240, e auxiliares de escritorios 189. Os salarios e ordenados pagos em 1939 elevaram-se a 3.709.901 pesos contra 2.801.913 em 1919.

O custo dos materiais, instrumentos, combustiveis e compra de energia elétrica pela industria, em 1939, foi de 30.482 pesos; em 1919, foi de 45.897.011 pesos. O valor dos produtos elaborados foi de 49.250.987 pesos em 1939 e de 80.236.244 em 1919. O valor de 1939 foi representado por: açucar bruto, ... 45.060.013 pesos; açucar refinado, 3.475.802 pesos; melaços finais, 297.421 pesos; outros melaços, 254.603 pesos; venda de bagaço, 20.102 pesos; diversos, 143.046 pesos. Em 1939, foram moidas 8.739.802 toneladas curtas de cana. O gráu de capacidade das 35 fábricas foi de 48.070 toneladas por dia. O inventario do valor dos materiais, instrumentos, combustivel, processo de elaboração, etc. foi de 1.612.575 pesos em 1 de janeiro de 1939 e de 1.391.490 pesos em 31 de dezembro.

E. G. Fontes & Co.

Exportadores de Café, Açucar, Manganez

E outros productos nacionaes

Importadores de tecidos e mercadorias em geral

Installações para producção de alcool absoluto pelo precesso das Usines de Melle

Rua Candelaria Ns. 42 e 44

TELEFONES: 23-2539 / 23-5006 / 23-2447

CAIXA DO CORREIO N. 3

Telegrammas AFONTES - RIO

RIO DE JANEIRO

INSTITUTO DO AÇUCAR E DO ALCOOL

BALANCETE EM 31 DE OUTUBRO DE 1940

A T I V O

Ativo Fixo				
Biblioteca do Instituto		37:571$800		
Construção de Distilarias:				
Presidente Vargas (Doc. 1)	24.835:724$450			
Ponte Nova (Doc. 1)	4.304:869$900	29.140:594$350		
Distilarias Centrais — Campos — Custo de Instalação (Doc. 2)		19.144:303$650		
Imoveis		2.781:161$600		
Laboratorios — Recife — Aparelhos e Utensilios		58:147$100		
Material Permanente (Secção do Alcool Motor)		21:744$000		
Moveis e Utensilios		625:976$900		
Tanques, Maquinismos, Bombas, Accessorios e Instalações		591:324$900		
Vagões Tanques		500:000$000		
Vasilhames e Tambores		957:819$100		
Veículos		182:122$700	54.040:766$100	
Titulos e Ações			10.707:000$000	64.747:766$100
Empréstimos				
Caixa de Empréstimos a Funcionarios			105:183$200	
Custeio de Refinarias			2.750:000$000	
Empréstimos a Produtores de Açucar			1.863:285$100	
Financiamento a Distilarias (Doc. III)			12.830:693$150	17.549:161$450
Despesas diferidas				
Açucar c/Despesas			7.196:727$900	
Aluguéis			164:195$500	
Comissões			461:572$000	
Despesas de Viagem			632:517$800	
Despesas Gerais			315:806$500	
Despesas Judiciais			158$300	
Diarias			375:145$000	
Diversas Despesas (Doc. IV)			698:136$200	
Estampilhas			3:287$700	
Gratificações			278:257$000	
Laboratorios — Recife:				
Despesas Gerais		1:202$200		
Drogas e Materiais		1:637$200	2:839$900	
Material de Escritorio			198:610$700	
Portes e Telegramas			92:907$700	
Publicações de Boletins Estatísticos			43:351$000	
Vencimentos			2.461:994$100	12.925:507$300
Contas de Resultado				
Alcool anidro C/Depósito Geral			37:696$500	
Alcool Motor C/Fabrico			3.312:379$305	
Anuario Açucareiro — Ano 1938		78:626$900		
— Ano 1939		3:971$300		
— Ano 1940		3:957$000	86:555$200	
Compras de Açucar			327:993$800	
Compras de Açucar c/Retrovenda			8.390:160$000	
Compras de Gasolina			2:307$200	
Despesas do Alcool Motor (Doc. V)			648:976$680	
Distilarias Centrais — Campos — Despesas de Fabricação (Doc. VI)			1.047:996$050	
Livros e Boletins Estatísticos			42:241$320	
Materia Prima			8.516:933$250	
Revista "Brasil Açucareiro"			5:267$100	
Vendas de Açucar			4.583:141$500	27.001:647$905
Devedores Diversos				
Adiantamento para Compras de Alcool			2.727:336$600	
Cobrança do Interior			36:856$800	
Contas Correntes (Saldos Devedores) (Doc. VII)			7.998:300$036	
Letras a Receber			829:278$900	11.591:772$336

Caixas e Bancos			
Caixa — Sede do Instituto	43:383$300		
Banco do Brasil — Rio.			
c/Arrecadação	40.586:673$700		
c/Taxa s/Açucar de Engenho	2.050:514$200		
c/Movimento	6.707:453$900		
c/Com Juros — Caixa de Empréstimos a Funcionarios	111:098$800		
c/Depósitos Especiais	1.518:614$000	51.017:737$900	
Delegacias Regionais C/Suprimentos		12.243:758$900	
Distilarias Centrais C/Suprimentos		980:375$500	64.241:872$300
Contas de Compensação			
Açucar Caucionado		8.390:160$000	
Açucar Depositado em Penhor		3.000:000$000	
Banco do Brasil C/Créditos		51.609:839$300	
Depositarios de Títulos e Valores		2:001$000	
Títulos e Valores Apenhados		1.003:000$000	
Títulos Depositados em Garantia		300:000$000	
Valores Caucionados		75:727$000	
Valores em Hipoteca		27.078:054$400	91.458:781$700
			289.516:509$091

PASSIVO

Fundos Acumulados			
Arrecadação de S/Taxa S/Excesso de Produção de Açucar		5:658$000	
Arrecadação de S/Taxa S/Produção de Açucar		8.716:385$700	
Sobretaxa de Açucar		486:047$100	
Taxa Complementar de Açucar de Engenho, Beneficiado ou Refinado		2:607$500	
Taxa de Açucar de Usina		155.660:079$630	
Taxa de Açucar de Engenhos		2.321:385$820	
Taxa S/Açucar de Refinarias		57:111$600	
Taxa de Estatísticas		698$000	167.249:973$350
Reservas			
Juros Suspensos		232:338$400	
Reserva do Alcool Motor		2.594:469$226	2.826:807$626
Contas de Resultado			
Alcool Aldeído — Produção Distilarias Centrais		3:453$400	
Alcool Anidro — Produção de Distilarias Centrais		157:482$000	
Juros		536:960$600	
Multas		253:370$500	
Oleo de Fuzel — Produção Distilarias Centrais		6:587$600	
Rendas do "Edificio Taquara"		109:697$700	
Sobras e Vazamentos		10:251$815	
Vendas de Alcool Motor		3.821:793$355	
Vendas de Alcool S/Mistura		1.094:045$340	5.993:642$310
Obrigações			
Banco do Brasil c/Financiamento		8.390:160$700	
Contas Correntes (Saldos Credores) (Doc. VIII)		5.264:276$625	
Depósitos Especiais		1.443:557$100	
Depósitos de Engenhos		900$000	
Depósitos de Taxa S/Rapadura a Restituir		358:074$600	
Fundos P/Propaganda		55:830$700	
Instituto de Tecnologia C/Subvenção		134:927$574	
Ordens de Pagamento		5.953:092$400	
Vales Emitidos S/Alcool Motor		363:451$000	
Vales Emitidos S/Alcool Motor — Em Liquidação		23:033$406	21.987:304$105
Contas de Compensação			
Banco do Brasil c/Caução de Açucar		8.390:160$000	
Créditos à N/Disposição		51.609:839$300	
Depositantes de Títulos e Valores		75:727$000	
Depositos de Títulos em Garantia		300:000$000	
Outorgantes de Hipotecas		27.078:054$400	
Penhor Mercantil:			
Usina Brasileiro S. A.	1.003:000$000		
Cia. Usinas Nacionais	3.000:000$000	4.003:000$000	
Títulos e Valores Depositados		2:001$000	91.458:781$700
			289.516:509$091

Rio, 31-X-940.

LUCIDIO LEITE
Contador

INSTITUTO DO AÇUCAR E DO ALCOOL

ORÇAMENTO PARA 1940—POSIÇÃO EM 31 DE OUTUBRO DE 1940

Nos. VERBAS	Quota suplementar mensal	Duodécimo	Saldo anterior	Quota mensal	DESPESAS Mês de outubro	Total despesas	Media mensal	Crédito anual		Saldo do crédito anual
PESSOAL:										
1 Comissão Executiva.		19:400$000	43:200$000	62:600$000	20:000$000	151:400$000	15:140$000		232:800$	81:400$000
2 Conselho Consultivo.		3:600$000	7:200$000	10:800$000	300$000	25:500$000	2:550$000		43:200$	17:700$000
3 Sede do Instituto.		115:205$000	11·918$300	127:123$300	117·130$100	1.142·056$800	114:205$680		1.382:460$	240:403$200
4 Secção Técnica.		18:494$500	34:456$800	52:951$300	16:300$000	148:293$700	14:829$370		221:934$	73:640$300
5 Fiscalização Tributaria —	Crédito anual .	61:322$000						735:864$		
—Cr. Supl.—relat. a 9 ms.	1:500$000							13:500$		
" " " " 6 ms.	25:300$000		49:545$400	137·667$400	75·535$800	658:288$400	65:828$840	151:800$	901:164$	242·875$600
6 Delegacias Regionais.		49:900$000	136:386$300	186·286$300	33·041$500	336:455$200	33:645$520		598:800$	262:344$800
7 Despesas de Transporte...	Crédito anual .	79:466$666						953:600$		
—Cr. Supl.—relat. a 6 ms.	12:500$000		189:647$194	281:613$860	69:465$000	632·517$800	63:251$780	75:000$	1.028:600$	396:082$200
8 Diarias.	Crédito anual .	42:891$666						514:700$		
9 Cr. Sup.—relat. a 9 ms.	2:750$000							24:750$		
" " " a 6 ms.	12:583$333		97:439$993	155:664$992	40:560$000	375:145$000	37:514$500	75:500$	614:950$	239:805$000
Gratificações :										
—Pró-labore semestral.	Crédito anual .	41:666$666						500:000$		
—Cr. Sup.—relat. a 12 ms.	250$000							3:000$		
" " " a 6 ms.	4:216$666		177·767$592	223:900$924	$	210:632$400	21:063$240	25:300$	528:300$	317:667$600
—Diversos.		8:750$000	29:175$400	37:925$400	18:050$000	67:624$600	6:762$460		105:000$	37:375$400
MATERIAL:										
1 Material Permanente.		10:000$000	10:370$300	20:370$300	9:871$000	89:500$700	8:950$070		120:000$	30:499$300
2 Material de Consumo.		13:033$333	21:923$197	34:956$530	13:018$200	108:395$000	10:839$500		156:400$	48:005$000
3 Diversas Despesas.		60:775$333	116·590$997	177:366$330	52·902$700	483:289$700	48:328$970		729:304$	246:014$300
	59:099$999	524:505$164	925·621$473	1.509:226$636	466:174$300	4.429:099$300	442:909$930		6.662:912$	2.233:812$700

NOTA: — Do aumento do quadro da Fiscalização (Inspetores — 3 e Fiscais — 25) autorizado pela Comissão Executiva deste Instituto em sessão de 12 de junho último, decorrem os créditos suplementares acima registrados na verba — Pessoal — a saber :

— Fiscalização Tributaria — Vencimentos.....	165:300$000	
— Despesas de Transporte.	75:000$000	
— Diarias.	100:250$000	
— Gratificações.	28:300$000	368:850$000

LUCIDIO LEITE — Contador.

RIO, 31/10/40

PLANO DE PREVISAO DAS SAFRAS DE AÇUCAR

Gileno Dé Carli

1.) — Partindo da pressuposição de que todas as usinas tenham um plantio de canas correspondente ao seu limite fixado por lei, um serviço de previsão de safras teria que se orientar de acordo, exclusivamente, com a precipitação pluviométrica, atendendo, quer ao nivel de chuvas caidas, quer à sua distribuição durante o ciclo vegetativo da cana de açucar.

2.) — Ocorre, porem, que outros fatores atuam, motivando o aumento ou diminuição das safras, mesmo que as precipitações pluviométricas permaneçam regulares. Quer dizer, na comparação das chuvas caidas com as normais pluviométricas adotadas, a constancia do volume e da distribuição de agua, levando a um cálculo aproximado, se choca com os resultados posteriormente verificaveis. A maior ou menor area de plantio de canas, a facilidade ou dificuldade de obtenção de braços trabalhadores, a existencia ou não de serviços de irrigação e o vulto do financiamento de entre-safra, são fatores que podem influir e levar a erro o cálculo de previsão de safras.

3.) — Para diminuir as possibilidades de grande erro ou variação no Plano de Previsão das Safras de Açucar, partimos com os seguintes elementos :

a) — Divisão dos Estado spor Zonas de Produção;
b) — Obtenção de normais pluviométricas de maior número possivel de anos;
c) — Considerar como safra normal, não o limite fixado por lei, porem a safra imediatamente anterior.

4.) — Na divisão dos Estados Açucareiros por Zonas de produção, foram escolhidas as seguintes usinas, como pontos de referencia :

I — PARAIBA

Zona Única : Usina São João, sendo a normal a da Estação Pluviométrica de Espírito Santo.

II — PERNAMBUCO

1.ª Zona : Usina Matarí, normal da propria Usina; Usina Cruangí e Usina Petribú — normal da Estação de Nazaré.

2.ª Zona : Usina Santa Tereza — Normal da cidade de Goiana.

3.ª Zona : Usina Tiuma e Usina Capibaribe — Normal da Usina Tiuma.

4.ª Zona : Usina Bulhões — Normal da propria usina.

5.ª Zona : Usina Salgado e Distilaria Presidente Vargas.

6.ª Zona : Usina União Industria.

7.ª Zona : Usina Cucaú e Usina Barreiros — Normal da Estação Experimental de Barreiros.

8.ª Zona : Usina Catende, Usina Sta. Terezinha e Usina Roçadinho — Normal da Usina Roçadinho.

9.ª Zona : Usina Agua Branca — Normal da Usina Serra Grande.

III — ALAGOAS

1.ª Zona : Usina Serra Grande — Normal da propria Usina.

2.ª Zona : Usina Brasileiro e Usina Uruba — Normal da cidade de Atalaia.

3.ª Zona : Usina Central Leão — Normal da propria Usina.

4.ª Zona : Usina Sinimbú — Normal da propria Usina.

IV — SERGIPE

1.ª Zona : Usina Central Laranjeiras — Normal da cidade de Laranjeiras.

2.ª Zona : Usina Outeirinhos — Normal da cidade de Japaratuba.

3.ª Zona : Usina Castelo — Normal da cidade de Estancia.

V — BAIA

Zona Unica : Usina Cinco Rios e Usina Aliança — Normal da cidade de Santo Amaro.

VI — RIO DE JANEIRO

1.ª Zona: Usina Paraiso, Distilaria do I.A.A. e Estação Experimental de Campos — Normal da Est. Exp. de Campos.

2.ª Zona: Usina Outeiro e Usina Santa Cruz — Normal da Est. Experimental de Campos.

3.ª Zona: Usina Quissaman e Usina Carapebús — Normal da Usina Quissaman.

4.ª Zona: Usina Laranjeiras e Usina Pureza — Normal da cidade de S. Fidelis.

5.ª Zona: Usina Santa Luiza.

VII — SÃO PAULO

1.ª Zona: Usina Ester, Usina Santa Bárbara, e Usina Porto Feliz — Normal da cidade de Campinas.

2.ª Zona: Usina Piracicaba e Usina Monte Alegre — Normal da cidade de Piracicaba.

3.ª Zona: Usina Tamoio e Usina Itaquerê — Normal da Usina Tamoio.

4.ª Zona: Usina Albertina, normal da cidade de Ribeirão Preto.

5.ª Zona: Usina Junqueira.

VIII — MINAS GERAIS

1.ª Zona: Usina Rio Branco e Distilaria de Ponte Nova — Normal da cidade de Ubá.

2.ª Zona: Usina Ana Florencia — Normal da propria Usina.

3.ª Zona: Usina Malvina — Normal da cidade de Montes Claros.

4.ª Zona: Usina Pedrão — Normal da cidade de Itajubá.

5.) — Alguns centros de produção já possuem normais pluviométricas e, de acordo com o plano de distribuiçção das zonas, essas normais servirão de base ao estudo da previsão das safras.

São as seguintes as normais pluviométricas obtidas até o presente momento:

I — PARAIBA:

Zona Única — normal da Estação de Espírito Santo (período de 18 anos).

Janeiro	59,2 mm.
Fevereiro	89,9 "
Março	175,4 "
Abril	194,6 "
Maio	218,5 "
Junho	204,0 "
Julho	154,7 "
Agosto	100,2 "
Setembro	44,6 "
Outubro	14,2 "
Novembro	24,5 "
Dezembro	28,2 "

II — PERNAMBUCO:

1.ª Zona:

a) — normal da Usina Matarí (período de 6 anos).

Janeiro	20,7 mm.
Fevereiro	118,1 "
Março	172,3 "
Abril	166,9 "
Maio	236,1 "
Junho	281,3 "
Julho	128,2 "
Agosto	98,2 "
Setembro	38,2 "
Outubro	28,1 "
Novembro	55,5 "
Dezembro	24,4 "

b) — normal da Estação da cidade de Nazaré (período de 21 anos).

Janeiro	80,0 mm.
Fevereiro	108,0 "
Março	134,0 "
Abril	154,0 "
Maio	214,0 "
Junho	104,0 "
Julho	165,0 "
Agosto	94,0 "
Setembro	42,0 "
Outubro	22,0 "
Novembro	20,0 "
Dezembro	37,0 "

2.ª Zona:

normal da Estação da cidade de Goiana (período de 19 anos).

Janeiro	118,0 mm.
Fevereiro	140,0 "
Março	176,0 "
Abril	228,0 "

Maio	254,0	"
Junho	307,0	"
Julho	222,0	"
Agosto	131,0	"
Setembro	60,0	"
Outubro	30,0	"
Novembro	30,0	"
Dezembro	44,0	"

3.ª Zona :
normal da Usina Tiuma (período de 24 anos).

Janeiro	72,6	mm.
Fevereiro	120,7	mm.
Março	150,5	"
Abril	187,5	"
Junho	274,6	"
Julho	200,4	"
Agosto	116,8	"
Setembro	64,4	"
Outubro	28,3	"
Novembro	32,2	"
Dezembro	33,3	"

4.ª Zona :
normal da Usina Bulhões (incompleto).

5.ª Zona :
(incompleto)

6.ª Zona :
(incompleto) .

7.ª Zona :

normal da Estação Experimental de Barreiros (período de 16 anos).

Janeiro	114,0	mm.
Fevereiro	134,0	"
Março	185,0	"
Abril	233,0	"
Maio	380,0	"
Junho	494,0	"
Julho	340,0	"
Agosto	255,0	"
Setembro	156,0	"
Outubro	60,0	"
Novembro	52,0	"
Dezembro	80,0	"

8.ª Zona :

normal da Usina Roçadinho (período de 7 anos).

CÊRA CRISTAL

PARA
LUSTRAR MOVEIS
E
ASSOALHOS

Janeiro	54,2	mm.
Fevereiro	89,3	"
Março	128,2	"
Abril	168,6	"
Maio	312,5	"
Junho	243,2	"
Julho	183,1	"
Agosto	136,4	"
Setembro	48,2	"
Outubro	61,9	"
Novembro	43,7	"
Dezembro	24,1	"

9.ª Zona:
normal da Usina Serra Grande (período de 17 anos).

Janeiro	41,9	mm.
Fevereiro	80,3	"
Março	63,3	"
Abril	141,0	"
Maio	195,0	"
Junho	212,8	"
Julho	194,3	"
Agosto	138,0	"
Setembro	65,4	"
Outubro	34,9	"
Novembro	16,2	"
Dezembro	15,8	"

III — ALAGOAS

1.ª Zona:
normal da Usina Serra Grande (período de 18 anos).

Janeiro	41,9	mm.
Fevereiro	80,3	"
Março	63,3	"
Abril	141,0	"
Maio	195,0	"
Junho	212,8	"
Julho	194,3	"
Agosto	138,0	"
Setembro	65,4	"
Outubro	34,9	"
Novembro	16,2	"
Dezembro	15,8	"

2.ª Zona:
normal da cidade de Atalaia (período de 18 anos).

Janeiro	49,0	mm.
Fevereiro	70,0	"
Março	84,0	"
Abril	134,0	"
Maio	212,0	"
Junho	236,0	"
Julho	214,0	"
Agosto	154,0	"
Setembro	172,0	"
Outubro	34,0	"
Novembro	32,0	"
Dezembro	47,0	"

3.ª Zona:
normal da Usina Central Leão (período de 29 anos).

Janeiro	63,9	mm.
Fevereiro	88,9	"
Março	117,9	"
Abril	157,6	"
Maio	277,5	"
Junho	285,1	"
Julho	247,8	"
Agosto	157,7	"
Setembro	86,4	"
Outubro	54,8	"
Novembro	49,2	"
Dezembro	38,6	"

4.ª Zona:
normal da Usina Sinimbú (período de 29 anos).

Janeiro	44,7	mm.
Fevereiro	59,0	"
Março	108,5	"
Abril	129,8	"
Maio	251,6	"
Junho	233,7	"
Julho	201,4	"
Agosto	127,6	"
Setembro	76,2	"
Outubro	42,1	"
Novembro	30,9	"
Dezembro	44,3	"

IV — SERGIPE

1.ª Zona:
normal da cidade de Laranjeiras (período de 9 anos).

Janeiro	32,0	mm.
Fevereiro	44,0	"
Março	71,0	"
Abril	205,0	"
Maio	246,0	"
Junho	163,0	"

Julho	164,0	"
Agosto	115,0	"
Setembro	100,0	"
Outubro	32,0	"
Novembro	77,0	"
Dezembro	38,0	"

2.ª Zona :
normal da cidade de Japaratuba (período de 11 anos).

Janeiro	30,0	mm.
Fevereiro	37,0	"
Março	67,0	"
Abril	155,0	"
Maio	181,0	"
Junho	179,0	"
Julho	208,0	"
Agosto	112,0	"
Setembro	78,0	"
Outubro	46,0	"
Novembro	38,0	"
Dezembro	45,0	"

3.ª Zona :
normal da cidade de Estancia

(incompleto)

V — BAIA

Zona única :
normal da cidade do Salvador (período de 11 anos).

Janeiro	79,3	mm.
Fevereiro	92,3	"
Março	168,0	"
Abril	274,6	"
Maio	330,1	"
Junho	186,0	"
Julho	169,4	"
Agosto	127,8	"
Setembro	94,8	"
Outubro	96,2	"
Novembro	125,5	"
Dezembro	110,3	"

VI — RIO DE JANEIRO

1.ª Zona:
normal da Estação Experimental de Campos (período de 21 anos).

Janeiro	162,0	mm.
Fevereiro	102,0	"
Março	136,0	"
Abril	85,0	"
Maio	47,0	"
Junho	40,0	"
Julho	36,0	"
Agosto	41,0	"
Setembro	52,0	"
Outubro	132,0	"
Novembro	149,0	"
Dezembro	158,0	"

2.ª Zona :
normal da Estação Experimental de Campos (período de 21 anos).

(Provisoriamente)

3.ª Zona :
normal da cidade de Macaé (período de 23 anos).

Janeiro	181,4	mm.
Fevereiro	115,9	"
Março	146,4	"
Abril	105,1	"
Maio	84,4	"
Junho	47,4	"
Julho	46,8	"
Agosto	44,5	"
Setembro	69,6	"
Outubro	137,7	"
Novembro	138,5	"
Dezembro	176,8	"

4.ª Zona :
normal da cidade de S. Fidelis (periodo de 9 anos).

Janeiro	176,9	mm.
Fevereiro	105,9	"
Março	123,8	"
Abril	68,6	"
Maio	42,1	"
Junho	33,1	"
Julho	17,2	"
Agosto	26,9	"
Setembro	37,5	"
Outubro	112,0	"
Novembro	157,6	"
Dezembro	154,2	"

5.ª Zona :

(incompleto)

VII — SÃO PAULO

1.ª Zona:
normal da cidade de Campinas (período de 41 anos).

Janeiro	255,3 mm.
Fevereiro	203,2 "
Março	151,1 "
Abril	61,0 "
Maio	53,1 "
Junho	52,3 "
Julho	31,0 "
Agosto	36,2 "
Setembro	72,9 "
Outubro	112,4 "
Novembro	158,0 "
Dezembro	218,6 "

2.ª Zona:
normal da cidade de Piracicaba (período de 27 anos).

Janeiro	242,5 mm.
Fevereiro	184,1 "
Março	125,0 "
Abril	61,6 "
Maio	49,4 "
Junho	53,0 "
Julho	30,4 "
Agosto	38,4 "
Setembro	70,2 "
Outubro	82,7 "
Novembro	133,9 "
Dezembro	214,1 "

3.ª Zona:
normal da Usina Tamoio (período de 3 anos).

Janeiro	198,3 mm.
Fevereiro	178,7 "
Março	113,0 "
Abril	109,3 "
Maio	95,0 "
Junho	30,3 "
Julho	4,3 "
Agosto	12,6 "
Setembro	16,3 "
Outubro	91,6 "
Novembro	173,0 "
Dezembro	223,6 "

4.ª Zona:
normal da cidade de Ribeirão Preto (período de 27 anos).

Janeiro	267,8 mm.
Fevereiro	209,5 "
Março	184,9 "
Abril	74,4 "
Maio	42,8 "
Junho	43,9 "
Julho	28,0 "
Agosto	31,5 "
Setembro	67,6 "
Outubro	115,7 "
Novembro	165,4 "
Dezembro	244,3 "

5.ª Zona:
(incompleto)

VIII — MINAS GERAIS

1.ª Zona:
normal da cidade de Ubá (período de 15 anos).

Janeiro	244,2 mm.
Fevereiro	206,5 "
Março	204,9 "
Abril	61,5 "
Maio	27,2 "
Junho	23,3 "
Julho	13,8 "
Agosto	31,6 "
Setembro	47,7 "
Outubro	143,6 "
Novembro	203,6 "
Dezembro	270,2 "

2.ª Zona:
normal da Usina Ana Florencia (período de 11 anos).

Janeiro	244,0 mm.
Fevereiro	155,4 "
Março	136,7 "
Abril	72,7 "
Maio	36,2 "
Junho	19,2 "
Julho	7,5 "
Agosto	19,9 "
Setembro	49,7 "
Outubro	138,0 "
Novembro	198,4 "
Dezembro	275,1 "

3.ª Zona:
normal da cidade de Montes Claros (período de 21 anos)

Janeiro	260,0 mm.
Fevereiro	177,0 "
Março	156,0 "
Abril	48,0 "
Maio	13,0 "
Junho	4,0 "
Julho	2,0 "
Agosto	7,0 "
Setembro	22,0 "
Outubro	110,0 "
Novembro	178,0 "
Dezembro	264,0 "

4.ª Zona :
normal da cidade de Itajubá (período de 10 anos).

Janeiro	305,0 mm.
Fevereiro	254,0 "
Março	178,0 "
Abril	68,0 "
Maio	40,0 "
Junho	45,0 "
Julho	22,0 "
Agosto	44,0 "
Setembro	77,0 "
Outubro	120,0 "
Novembro	169,0 "
Dezembro	259,0 "

6.) — Computando-se os totais de chuvas caidas de acordo com as diversas zonas de produção distribuidas pelos Estados açucareiros, encontramos os seguintes dados:

I — PARAIBA :

Zona única — normal da cidade de Espírito Santo (período de 18 anos . . . . . 1.308,0 mm.

II —PERNAMBUCO :

1.ª zona — normal da Usina Matarí (período de 6 anos) 1.368,0 "
normal da cidade de Nazaré (período de 21 anos) ..... 1.174,0 "
2.ª zona — normal da cidade de Goiana (período de 19 19 anos) . . . . . 1.740,0 "
3.ª zona — normal da Usina Tiuma (período de 24 anos) 1.536,4 "
4.ª zona — incompleto
5.ª zona — incompleto
6.ª zona — incompleto
7.ª zona — normal da Estação Experimental de Barreiros (período de 16 anos) ..... 2.483,0 "
8.ª zona — normal da Usina Roçadinho (período de 7 anos) . . . . . 1.498,8 "
9.ª zona — normal da Usina Serra Grande (período de 18 anos) . . . . . 1.198,9 "

III — ALAGOAS :

1.ª zona — normal da Usina Serra Grande (período de 18 anos . . . . . 1.198,9 "
2.ª zona — normal da cidade de Atalaia (período de 18 anos) . . . . . 1.449,0 "
3.ª zona — normal da Usina Sinimbú (período de 19 anos) . . . . . 1.349,8 "
4.ª zona — normal da Usina Central Leão (período de 29 anos) . . . . . 1.625,7 "

IV — SERGIPE :

1.ª zona — normal da cidade de Laranjeiras (período de 9 anos) . . . . . 1.287,0 "
2.ª zona — normal da cidade de Japaratuba (período de 11 anos) . . . . . 1.176,0 "
3.ª zona — incompleto

V — BAIA :

normal da cidade do Salvador (período de 11 anos).

VI — RIO DE JANEIRO:

1.ª zona — normal Estação Exp. de Campos (período de 21 anos) . . . . . 1.140,0 "
2.ª zona — normal Estação Exp. de Campos (provisoriamente).
3.ª zona — normal da Usina Quissaman (periodo de
4.ª zona — normal da cidade de S. Fidelis (período de 9 anos) . . . . . 1.055,8 "
5.ª zona — incompleto

VII — SÃO PAULO:

1.ª zona — normal cidade de Campinas (período de 41 anos) . . . . . 1.405,1 "
2.ª zona — normal cidade de Piracicaba (período de 27 anos . . . . . 1.285,3 "
3.ª zona — normal Usina Tamoio (período de 3 anos) .. 1.246,6 "
4.ª zona — normal cidade de Ribeirão Preto (período de 27 anos) . . . . . 1.475,8 "
5.ª zona — incompleto.

VIII — MINAS GERAIS:

1.ª zona — normal cidade de Ubá (período de 15 anos) . 1.478,1 "
2.ª zona — incompleto.
3.ª zona — normal cidade de Montes Claros (período de 21 anos) . . . . . 1.241,0 "
4.ª zona — normal cidade de Itajubá (período de 10 anos) 1.581,0 "

7.) — Resumindo a situação de quedas de chuvas de cada Estado açucareiro, com a media de precipitações anuais de acordo com a media das normais das diversas Estações de coleta, encontraremos os seguintes dados finais:

1) — Paraíba . . . . . 1.308,0 mm.
2) — Pernambuco . . . . . 1.633,3 "
3) — Alagoas . . . . . 1.405,5 "
4) — Sergipe . . . . . 1.231,5 "
5) — Baía . . . . . 1.854,3 "
6) — R. de Janeiro . . . . . 1.163,5 "
7) — S. Paulo . . . . . 1.353,2 "
8) — Minas Gerais . . . . . 1.413,2 "

8.) — Interpretando os dados finais das medias das normais de precipitações pluviométricas, encontramo-nos, à primeira vista, com um fato chocante. O nordeste açucareiro com precipitações pluviométricas superiores às zonas açucareiras da parte meridional do Brasil. A media de milímetros de chuvas no Nordeste, durante o longo período que assinalam as normais, foi de 1.486,5 mm., enquanto no Sul só atinge 1.309,9 mm. ou uma diferença de 176,6 mm. em favor do Nordeste açucareiro.

Quem, porem, compulsar as estatísticas de produção de açucar irá verificar que no Nordeste, periodicamente, a produção de açucar mingua, por escassez de chuvas ou por má distribuição das chuvas durante o ciclo vegetativo da cana de açucar. Sendo, porem, o Nordeste uma região nitidamente tropical, as chuvas torrenciais caindo em grande volume, mas em curto período vêm afetar a media geral das precipitações pluviométricas. O que importa observar, pois, no Nordeste, é a distribuição das chuvas durante os meses essenciais à filiação e maturação da cana. No Sul açucareiro há sempre normalidade de distribuição das chuvas, daí a constancia das grandes safras em S. Paulo e Estado do Rio de Janeiro, apesar de menores precipitações pluviométricas.

Importação de Oleos e Graxas

Lubrificantes p/automoveis e máquinas em geral

End. Teleg. "Engine" — Rio

Códigos Ribeiro-Bentley's A. B. C.

GONÇALVES FONSECA & CIA.

Importadores
ESCRITORIOS E DEPOSITO:
Rua Sacadura Cabral n.º 139
Fones: 43-6339 e 43-8731

CASA ESPECIAL EM OLEOS E GRAXAS LUBRIFICANTES

Agua-ráz-Pratts, Sollar-raz Petro-raz, Oleo de Linhaça, Alvaiade, Zarcão, Gesso cré, Secante Paris "Castelo", Oleo de Ricino, Oleo de Mocotó, Oleo de Baleia, Oleo de Algodão, Parafina, Estopas, Goma Arábica, Goma Laca, Cola para marceneiro, Encadernação e Caiação, Produtos Químicos para fins industriais, etc. Renol para polimento e líquido para limpar metais.

AUTARQUIAS

Os estudos relativos à organização e à atividade das organizações para-estatais conseguiram atrair, nos últimos anos, a atenção de numerosos publicistas. Nos tratados, ou manuais de direito administrativo não faltam os capítulos, para a análise das instituições autárquicas. Varias monografias se destinaram a essa materia. Artigos publicados nas revistas, ou nos jornais, conferencias e ensaios demonstram a atualidade do assunto, ao mesmo tempo que correspondem ao desenvolvimento, que essas instituições vêm obtendo no Brasil.

Dificil é, entretanto, a construção da doutrina, uma vez que o fenômeno se caracteriza pela complexidade e pela tendencia à diversificação de suas manifestações. Cada instituição constitue um modelo distinto, sobretudo quando se trata de autarquias econômicas. Nas instituições que se destinam à previdencia social, os problemas e necessidades se apresentam de maneira mais ou menos uniforme. As que surgiram para a execução de serviços públicos não se afastam muito dos modelos gerais da propria administração do Estado.

Quanto, porem, às autarquias econômicas, pode-se dizer que elas se desenvolvem, não de acordo com as tendencias gerais das autarquias, mas em correspondencia com as necessidades dos interesses, que procuram defender. Cada setor econômico tendo os seus aspectos proprios e inconfundiveis, não adiantaria nada procurar exemplos e precedentes, que surgiram para destino determinado. A melhor norma é agir dentro de rigorosa objetividade, considerando o problema a que se deseja dar solução e não o efeito, ou a simpatia da terapêutica adotada em casos aparentemente semelhantes.

A maior justificativa das autarquias para-estatais é a consideração de que elas podem agir com flexibilidade maior que a das organizações anteriores, a que veio suvia, se deixam prender pelo excesso de normas, perdem a sua maior e mais util virtude.

Distinguem-se, aliás, das instituições estais pela presença de representantes dos produtores, nos seus orgãos de direção. Nesse ponto, aliás, a menos característica, de nossas instituições autárquicas é o Departamento do Café, ou por ter sido uma das primeiras, na ordem cronológica, ou por influencia das organizações anteriores, a que veiu suceder. A participação dos produtores, limitada quase que apenas ao Conselho Consultivo (orgão sem maior expressão) tornou-se mais significativa nas outras instituições autárquicas, destinadas tambem à realização de uma política econômica. Embora em quase todas elas caiba ao Estado, ou a seus representantes, a palavra decisiva, o certo é que as delegações dos produtores participam tambem, com direito de voto, das funções deliberativas das autarquias.

("Jornal do Brasil", 17-11-40)

AÇUCAR ENGARRAFADO

O jornal francês "Figaro" publica uma entrevista obtida do diretor da única refinaria de açucar existente na zona livre, em Marselha.

"Ao sul do Loire — disse o entrevistado — não há, praticamente, cultura de beterraba para a fabricação de açucar. Temos de apelar para o açucar de cana, mas seria necessario importá-lo. Desde a celebração do armisticio não chegou esse artigo à França e mesmo que Gibraltar e Suez não estivessem fechados à nossa navegação, seria impossivel empobrecer o país com a compra da cana no estrangeiro. Quanto à produção das Antilhas francesas, mesmo que os navios pudessem atravessar o mar, seria necessario esperar até março ou abril, porque a colheita passada já foi totalmente absorvida.

Temos, por conseguinte, de viver com os "stoks" formados pela Intendencia, que são suficientes para esperarmos a próxima colheita, se for mantido o atual racionamento de 6 quilos de açucar por pessoa e por ano. Antes da guerra o consumo era de 25 quilos por ano, para cada habitante da França.

A próxima safra, mesmo diminuida de 66%, deve permitir o racionamento atual do meio quilo mensalmente. Os campos de beterraba do norte do país foram quase totalmente devastados pela guerra e o pouco que poderia ter restado desapareceu pela falta de mão de obra. Resta ainda a celebração de um acordo entre as duas zonas — a ocupada e a não ocupada — o que poderia constituir uma possibilidade de abastecimento desse gênero de primeira necessidade".

A refinaria em questão transforma a uva em açucar líquido, o que permite às confeitarias e cafés o prosseguimento dos negocios. O gosto desse excelente produto é muito agradavel ao paladar e as donas de casa empregam-no com prazer na fabricação de doces. Dessa forma, o próximo inverno trará à França uma novidade: o açucar engarrafado.

INSTITUTO DO AÇUCAR E DO ALCOOL

Publicamos nesta secção resumos das atas da Comissão Executiva e do Conselho Consultivo do I.A.A. Na secção "Diversas Notas", damos habitualmente extratos das atas desses organismos, contendo, às vezes, na íntegra pareceres e debates sobre os principais assuntos discutidos pelos mesmos.

COMISSÃO EXECUTIVA

44.ª SESSÃO ORDINARIA, REALIZADA EM 2 DE OUTUBRO DE 1940

Extra-limite — E' atendido o pedido dos produtores da Baía, para a liberação de 13.784 sacos de extra-limite para o consumo interno do Estado, com a condição de substituirem esse açucar por igual quantidade de intra-limite da safra nova, destinada à exportação.

Incorporação de quotas — E' mandada sustar, provisoriamente, para a efetuação de diligencias, a ordem de desmonte e lacramento dos maquinismos dos engenhos Sacramento, Pacas (Paraiso), Ipiranga, Levada, Tapuia e Unussú, de Alagoas, cujas quotas foram incorporadas em 1935 à U. Santo Antonio, e que agora reclamam contra essa incorporação.

— E' concedida a incorporação das quotas do engenho do sr. Ricardo Moretti, sito em Guaratinguetá, e do engenho do sr. Custodio Ribeiro de Arantes Junqueira, sito em Queluz, ao limite da U. Varjão, reduzidas ambas de uma terça parte.

— Concede-se a incorporação da quota do engenho do sr. Serafim Ferreira dos Santos, sito em Araraquara, ao limite da U. Lambarí, situada em Bebedouro.

— Igual concessão é feita relativamente à quota do Engenho Maxicoaba, sito em Bom Jardim, Pernambuco, incorporado ao limite do Engenho Juá, sito em Nazaré.

Cobrança de taxas — E' aprovada a proposta da S. de Fiscalização, para a cobrança, juntamente com a taxa de defesa da atual safra, de uma quota suplementar de 3$000 por saco, à Usina Recurso, sita no Maranhão, unicamente para o pagamento do débito da Usina, (taxas sobre 851 sacos de açucar da safra 1935-36 e sobre 546 sacos da safra 1936-37).

Returbinação de açucar — De acordo com parecer da Gerencia, é autorizada a Hardman Tavares & Cia. proprietarios da U. Olho d'Agua a returbinação de cerca de 2.500 sacos de açucar cristal da safra 1939-40, contra pagamento da sobre-taxa de 5$000, não devendo o açucar dela resultante ser computado como produção de 1940-41.

Fornecimentos de canas — Aprovando as conclusões do parecer da S. Jurídica, resolve a Comissão responder a uma consulta dos proprietarios da U. Paranaguá, sita em Santo Amaro, Baía, mostrando os direitos e obrigações dos fornecedores de canas, nos termos da lei n. 178 e da resolução 5-39, da C.E. do I.A.A.

45.ª SESSÃO ORDINARIA, REALIZADA EM 9 DE OUTUBRO DE 1940

Presentes os srs. Barbosa Lima Sobrinho, Alberto de Andrade Queiroz, Otavio Milanez, J. I. Monteiro de Barros, Alvaro Simões Lopes, Moacir Soares Pereira, Alde Sampaio.

Presidencia do sr. Barbosa Lima Sobrinho.

E' lida e aprovada a ata da sessão de 2 de outubro último.

Alcool anidro em S. Paulo — Voltando a tratar da questão da insuficiencia dos depósitos existentes na capital paulista para o armazenamento de alcool anidro e dos prejuizos que essa situação acarreta, a Casa resolve aceitar a proposta da C.I.P.A., determinando que se realizem imediatamente entendimentos com as Companhias de Petroleo, no sentido do aproveitamento das instalações em causa, para solução pronta do problema da distribuição do alcool anidro das distilarias do Estado de São Paulo.

Transferencia de quota — E' aprovado o parecer da Gerencia contra a transferencia, na presente safra, de parte da quota da U. Pumatí à U. Santa Terezinha de Jesus, em Pernambuco, por infringir isso os precitos legais da redistribuição de saldos de produção nos Estados e os interesses gerais da política de defesa açucareira.

Engenho Sobrado — Resolve a Comissão mandar baixar em diligencia o processo referente ao E. Sobrado, para o esclarecimento da situação de Romano Bertolucci & Irmãos e Anichino & Cia., verificando-se se abriram mão de direitos que pudessem acaso invocar relativamente à quota de produção.

Incorporação de quotas — E' concedida a incorporação das quotas do engenho dos herdeiros do sr. Antonio Pedro de Oliveira e do engenho do sr. Antonio Ribeiro dos Santos à U. Varjão.

Comissão de fiscais — E' autorizado o pagamento das quotas partes que cabem aos fiscais Stelio Penante e Humberto Maia pela multa imposta à U. Azanha, por sonegação da taxa de 4.765 sacos de açucar.

Aumento de quota — Aprovando o novo parecer da S. Jurídica sobre o assunto, a Casa resolve indeferir o requerimento da Usina Ilha Bela S. A. que pleiteia o aumento da sua quota, com fundamento no decreto-lei n. 1546, decreto que, entretanto, não se aplica ao caso uma vez que não se trata de fundar nova usina, não estando aquela sociedade organizada nos moldes cooperativos — condição exigida pelo citado decreto para a criação de nova usina nos Estados de produção inferior a cem mil sacos.

46.ª SESSÃO ORDINARIA, REALIZADA EM 23 DE OUTUBRO DE 1940

Presentes os srs. Barbosa Lima Sobrinho, Alde Sampaio. Moacir Soares Pereira, Tarcisio d'Almeida Miranda, J. I. Monteiro de Barros e Otavio Milanez.

Presidencia do sr. Barbosa Lima Sobrinho.

E' lida e aprovada a ata da sessão de 9-10-1940.

Distilaria de Ponte Nova — São lidos os pareceres da S. Técnica e da Gerencia sobre a proposta da Skoda-Brasileira S.A., filiada aos Antigos Estabelecimentos Skoda, para produzir em fábrica que aquí instalar o material destinado à distilação, retificação e deshidratação a ser montado na distilaria que o Instituto está construindo em Ponte Nova. Considerando o alegado nesses pareceres, resolveu a Casa aguardar a garantia de fornecimento dos geradores de vapor motriz, constante da primitiva encomenda a Skoda e não executada devido à guerra, solucionando-se assim o caso em conjunto. Devem, entretanto, ser tomadas providencias para o pronto andamento do mesmo.

Fornecimento de canas — Examinada largamente a reclamação do sr. Alberto José Barreto, fornecedor da Usina Vitoria do Paraguassú, na Baía, e discutidos os votos dos srs. Moacir Pereira e Tarcisio Miranda, resolve a Comissão que o sr. Alberto José Barreto tem direito, junto à Usina Vitoria do Paraguassú, a uma quota de fornecimento, por safra, de 1.357 toneladas de canas, correspondente à media de seus fornecimentos no quinquenio a que se reporta o artigo 3.º da Resolução n.º 5/39, da Comissão Executiva do I.A.A.; a Usina Vitoria do Paraguassú é obrigada a receber a totalidade do fornecimento mencionado; caso a Usina Vitoria do Paraguassú se recuse a receber o fornecimento integral a que tem direito o sr. Alberto José Barreto, deverá a quota ser utilizada como convier ao mesmo, depois de devidamente comprovada a recusa.

Incorporação de quotas — E' concedida a incorporação das quotas dos engenhos São José, Domingues e Panela, pertencentes, respectivamente, aos srs. Agostinho Forti, Isidoro Domingues e Antonio Pilon, uma vez satisfeitas as exigencias legais, sendo que relativamente ao último com a redução de um terço.

47.ª SESSÃO ORDINARIA, REALIZADA EM 29 DE OUTUBRO DE 1940

Presentes os srs. Barbosa Lima Sobrinho, Otavio Milanez, Alde Sampaio, J. I. Monteiro de Barros, Alvaro Simões Lopes, Moacir Soares Pereira e Tarcisio d'Almeida Miranda.

Presidencia do sr. Barbosa Lima Sobrinho.

E' lida e aprovada a ata da sessão de 23-10-940.

Quotas de usinas — E' lido um memorial da Usina Sant'Ana S.A., no qual se solicita revisão das quotas das usinas do Estado do Rio. A Comissão, entretanto, resolve por maioria, não tratar do assunto, considerando inoportuno o seu debate no momento.

Pagamento de taxas — Atendendo à queda dos preços de açucar de engenho, resolve a Comissão deferir o pedido de d. Belmira Rezende, Barbosa, Minas, para o pagamento em 31 do corrente da taxa de 1$500 cobrada por saco de açucar.

Incorporações de quotas — Antes de resolver definitivamente sobre o requerimento do sr. Agelio Doréa pedindo transferencia da quota do seu engenho para a Usina São Francisco, resolve a Casa comunicar ao mesmo as condições a que está sujeita a transferencia.

— Com a redução de um terço, é concedida a incorporação da quota do engenho do sr. Antonio Emiliano A. Pereira à Usina Barra, Vicencia, Pernambuco.

— Nas mesmas condições, é feita idêntica concessão relativamente à quota do engenho do sr. José Augusto Pedro, estabelecido em Matias Barbosa, incorporada à Usina Volta Grande.

— E' concedida a incorporação da quota do Engenho Luz, sito em Canhotinho, Pernambuco, à Usina Serra Grande, Alagoas, cumpridas, porem, as exigencias legais relativas à transferencia de fábricas de um Estado para outro.

Transferencia de registro — E' concedida a transferencia do registro e da quota do Engenho Capivara, Alagoas, para o nome do sr. Leocadio Nogueira Neto.

Utilização provisoria de quota — A Comissão resolve mandar proceder a diligencias para a apuração das condições em que se encontra o maquinario do Engenho Roncador, cuja quota se pretende utilizar na Usina Santo Antonio.

Fornecimento de canas — De acordo com o parecer da S. Jurídica, a Casa resolve não tomar conhecimento do dissidio surgido entre o fornecedor Francisco Ferreira Gomes e a Usina Barcelos, dissidio que lhe foi comunicado pela Comissão Reguladora das Transações de Compra e Venda de Cana entre Lavradores e Usineiros de Campos, por não dever pronunciar-se o Instituto "ex-officio" mas tão somente quando provocado pelos interessados.

Comissão Reguladora das Transações de Compra e Venda entre Lavradores e Usineiros de Campos — Depois de examinar os pareceres do secretario da Gerencia e da S. Jurídica sobre a questão da existencia da marginada, resolve a Casa que estão extintos os poderes da Comissão Reguladora das Transações de Compra e Venda de Cana entre Lavradores e Usineiros, de Campos, resultantes da Lei n.º 178, de 9 de janeiro de 1936; que, legalmente, apenas se pode atribuir à mesma Comissão a faculdade de que cogita o art. 2.º da Lei n.º 519, de 1 de outubro de 1937, que se refere à maneira do pagamento das canas vendidas pelos fornecedores às usinas — se em dinheiro, se em açucar. Todavia, concorda a Casa com o prosseguimento dos trabalhos da Comissão, limitadas as suas funções a uma atuação apaziguadora que possa concorrer para evitar ou atenuar conflitos de interesses entre usineiros e fornecedores de canas.

Aproveitamento de canas — E' autorizado, de acordo com o parecer da Gerencia, o aproveitamento do saldo da materia prima da Usina Ponte Queimada pela Usina Jatiboca, uma vez que o fiscal do Instituto verifique que, por se ter quebrado o seu maquinario, não pode aquela funcionar.

O professor Priestly, da Universidade de Sidney, condenava o hábito dos jogadores de "foot-ball", de chupar limões durante os intervalos do jogo. O que o jogador cansado precisa é de alguma cousa que reponha as energias perdidas sem perturbar o sistema nervoso e para esse fim indicava o uso do café com muito açucar. — Dr. Adrião Caminha Filho.

PODE A INDUSTRIA DIRIGIR-SE A SI MESMA?

O. W. Willcox

A ECONOMIA DIRIGIDA APLICADA À INDUSTRIA AÇUCAREIRA

(Tradução autorizada de Teodoro Cabral)

CAPITULO XI

O CONTINGENTAMENTO NA ESPANHA

A atual Espanha (1) tem constituição escrita, forma republicana de governo, um presidente e um parlamento unicamerario, as Cortes, que elegem o presidente da República. A eleição às Cortes é feita por voto direto e secreto, por sufragio universal, na base da representação proporcional. Há um Supremo Tribunal que decide sobre as questões constitucionais. Cada provincia tem uma assembléia eleita e as municipalidades tem governo autônomo. Bem que não se achem livres de graves perturbações políticas, pode-se dizer que os espanhois vivem sob um regime democrático, no qual a vontade do povo se expressa mais ou menos claramente através dos orgãos representativos da república.

A Espanha tem, na Europa, a mais antiga industria açucareira, a qual data, aproximadamente, do século oitavo depois de Cristo. Naquela época os mouros tnham relações mais ou menos íntimas com os seus irmãos maometanos do Oriente e travaram conhecimento com a cana de açucar, que começaram a introduzir nas atuais provincias espanholas do sul, Almeria, Málaga e a parte do sul de Granada. Contudo, ficando esses distritos na extrema orla norte do subtrópico, essa nobre planta não podia medrar bem nesse solo, de modo que embora cultivada continuamente por mais de mil anos no sul da Espanha, a cana nunca pôde estender-se alem da ponta extrema da península ibérica.

Pelo começo do século vinte o distrito canavieiro estava longe de poder satisfazer a procura interna de açucar. Enquanto a Espanha reteve as suas possessões nas Indias Ocidentais, isso não era grande inconveniente, mas, com a perda de Cuba e Porto-Rico, os espanhois tiveram de cogitar de uma nova fonte de abastecimento. Verificou-se que a beterraba dava bem na parte da Espanha onde a cana não podia prosperar. E os espanhois começaram a desenvolver a industria do açucar da beterraba.

O primeiro passo dado nesse sentido foi o passo ortódoxo de erguer uma barreira aduaneira por trás da qual pudesse crescer a nova industria, garantida contra os assaltos de uma concorrencia mais bem armada. Foi lento o crescimento da industria e só por 1923 é que a safra de açucar de beterraba, reunida à insignificante safra de açucar de cana, pôde satisfazer o consumo interno, tornando desnecessario que se continuasse a importar açucar estrangeiro. Quando foi alcançado esse ponto, o governo elevou a tarifa aduaneira o bastante para desanimar o "dumping", na espectativa de que a questão açucareira estava resolvida e que a industria, já plenamente desenvolvida, continuaria a viver e a prosperar.

Todavia, os anais dos acontecimentos subsequentes são a mesma velha historia em versão espanhola. Tendo conseguido satisfazer plenamente o mercado interno, os produtores começaram a atirar alem do alvo. Apareceu e começou a crescer o excesso da oferta sobre a procura. O mercado de exportação não oferecia atrativo algum. De acordo com o precedente quase universal em casos tais, os produtores tiveram de congregar-se num convenio para limitar a produção, pois não havia leis contra "trusts" que os estorvassem. Mas, devido a uma cadeia de circunstancias que é escusado relatar, as companhias diretoras das usinas viram-se divididas em varios grupos hostís. Longe de cooperarem em frente unida contra o excesso da produção, eles deram inicio a uma guerra de mutuo exterminio, que assumiu uma forma desusada. Em vez de se aventurarem numa guerra de redução de preços, re-

(1) — Este livro foi publicado, no original, em 1936, antes das terriveis guerras civis que irromperam na Espanha.

duzindo o preço para o consumidor, numa luta de resistencia em que os fracos encontrariam o seu fim "natural" pela falta de reservas e incapacidade de cobrir as suas despesas de custo, as grandes companhias procuraram privar as suas rivais de materia prima. Em face do fato de que o mercado interno espanhol já estava supersaturado e a exportação era quase impossivel, os grupos rivais começaram a construir novas usinas nos territorios uns dos outros e a disputar entre si as beterabasr dos lavradores. Nessa contenda, eles ofereceram e pagaram aos lavradores de beterraba preços que assombravam os produtores de outros paises europeus. Esses preços excitaram o interesse dos lavradores espanhois em distritos onde ainda não havia a cultura da beterraba e estes assediaram os banqueiros solicitando-lhes que montassem usinas para eles; quando não havia capitalistas suficientemente interessados, os ambiciosos lavradores formavam companhias cooperativas e construiam suas proprias usinas. O beneficiario principal dessa guerra alegre foi, naturalmente, o "excesso", que dobrou e redobrou até que se elevou a mais que o necessario para abastecer o consumo interno durante meio ano.

Por essa época todo espanhol podia ver que isso não poderia continuar para sempre e os donos das usinas resolveram afinal fazer o que deviam ter feito desde o principio. Com exceção do inevitavel grupinho de dissidentes, que nos movimentos que visam o bem comum sempre ficam de fora, a tirar proveito egoístico do sacrificio e despendimento dos outros, os produtores espanhois começaram a tratar de um acordo para limitar a produção, na base do contingentamento às necessidades do mercado interno. Mas, devido às novas usinas que haviam surgido, a situação tornara-se complicadissima. No furor da recente contenda a cultura da beterraba espalhara-se a distritos onde era positivamente "anti-económica". Sob certos pontos de vista, seria desejavel reduzir a industria às dimensões que tinha antes de irromper a guerra da beterraba. Mas os novos interesses que haviam nascido não deviam ser sacrificados. Em particular a proposta de baixar o preço da beterraba arrefeceu os lavradores que estavam em pé de guerra. Seguiram-se controversias que quase redundam na suspensão geral do plantio da beterraba.

A bulha dos distritos açucareiros chegou a tornar-se mais alta que a matinada das discussões a que, no momento, se entregavam os políticos de Madrid e o governo viu-se obrigado a tomar uma iniciativa. A ação governamental tomou a forma de uma lei que exigia que a propria industria operasse a sua salvação, dentro de linhas especificadas.

A lei estabeleceu uma **Comisión Mixta Arbitral** e deu-lhe a incumbencia de por em ordem a industria açucareira. Consiste essa Comissão em dez membros: cinco representam os usineiros e cinco os lavradores de beterraba. Ambas as classes de representantes foram eleitos pelos respectivos interessados. A Comissão, que funciona como uma organização permanente, pode e deve determinar, anualmente, a quantdade total de beterrabas a serem produzidas no país para todos os fins e dividir essa produção entre as cinco regiões açucareiras reconhecidas, em conformidade com as cifras da produção media no quinquenio precedente. As quotas de cada região, na mesma base, são dividdas entre as usinas das sub-regiões reconhecidas e, em cada sub-região as quotas dos lavradores são distribuidas entre eles por comissões por eles proprios eleitas. Atendeu-se, ao fazer-se a primeira distribuição, à existencia do "excesso", dando-se quotas baixas que permitissem a eliminação desse excesso dentro de um prazo razoavel. Levou-se tambem em consideração o fato de que alguns lavradores foram animados a cultivar beterraba em distritos relativamente desfavoraveis e se achavam, por isso, em posição um tanto desfavoravel relativamente aos outros; determinava, pois, a lei, por isso, que a Comissão concedesse a esses lavradores uma quota extraordinaria correspondente a 4% do total. Estipulou-se que, quando, futuramente, aumentasse o consumo interno, o aumento fosse contingentado na mesma base. Nesse arranjo, a região canavieira do sul, que pouco podia ameaçar os interesses da beterraba, não foi submetida à limitação, proibindo-se apenas a cultura da cana fora dos distritos em que ela já se vinha fazendo. A Comissão ainda podia e devia determinar o preço das beterrabas de acordo com uma escala que pudesse ser aplicada a todo o país.

Determinava outro dispositivo da lei que nenhuma usina então em funcionamento podia ser fechada pelos seus proprietarios sem que estes primeiro apresentassem uma razão seria, satisfatoria para a Comissão. Esse dispositivo visava os capitalistas que, na recen-

te luta, haviam construido novas fabricas para se arruinarem mutuamente. Assim procedendo, eles seduziram um número consideravel de lavradores, que, sem eles, não teriam sido arrastados à luta. Agora, passada a contenda, os capitalistas gostosamente acabariam com as grandes facilidades e abandonariam os lavradores de beterraba, o que seria eminentemente aconselhavel do ponto de vista da economia clássica, que premeia a utilidade e a eficiencia; mas, do ponto de vista da economia social, não era para desejar que se despedisse, assim, o séquito que o duro capitalismo atraíra a si. Os proprios capitalistas, que haviam diluido a industria, deviam suportar o resultado, e permitirem que participassem todos os produtores qualificados e eles proprios da industria recentemente estabilizada. Estipulou-se, pois, que o desejo de fechar uma usina, de parte de seus proprietarios, fosse baseado em razões compulsorias. Em tal caso, eles deviam dar aos seus lavradores a opção de dirigirem a usina sob a forma de sociedade cooperativa e no caso em que os lavradores não pudesem utilizar essa vantagem, a usina devia ser passada a outro administrador competente que pudesse conservá-la em funcionamento, "afim de que a usina possa continuar a funcionar em defesa dos interesses da agricultura, do comercio e do trabalho, no distrito que é situada". Aí está um exemplo nítido da aplicação da doutrina de que a inclinação ou o interesse do particular deve ceder o lugar ao bem geral. E recorda a máxima nazista de que o direito de produzir implica no dever de produzir. As facilidades de produção não podem ser abandonadas, se esse abandono milita contra o interesse público.

A lei deve ficar em vigor pelo período de seis anos. Para evitar maior diluição da industria, há rigorosos dispositivos contra a montagem de novas usinas, a ampliação das usinas existentes ou a transferencia de usinas de um para outro distrito. Essas proibições valem até que o consumo interno atinja 350.000 toneladas (que é, aproximadamente, a capacidade de produção das usinas existentes). Quando isso se verificar, discutir-se-á se a industria será ou não aberta a novos recrutas. Por enquanto, serão mantidas as quotas relativas de lavradores e usineiros nenhuma usina tendo o direito de reduzir a cifra de produção que lhe é atribuida, o que importaria em redução forçada das quotas dos lavradores.

Finalmente, a Comissão pode e deve elaborar um plano de preço para o açucar, que compense razoavelmente os produtores e seja justo para os consumidores. Até esta data, o plano do controle do preço, que tem de ser aprovado pelo governo, ainda não está definitivamente assentado.

(Continúa)

CARGA E DESCARGA MECANICA DE AÇUCAR EM PERNAMBUCO

A moderna aparelhagem do porto do Recife conta com mais um melhoramento desde o dia 3 do corrente: o serviço de carga e descarga, realizado mecanicamente, proporcionando um rendimento horario de 1.500 sacos de açucar. A experiencia oficial teve a presença do interventor federal no Estado, secretarios da administração, técnicos e autoridades portuarias, tendo sido levadas a efeito varias demonstrações do serviço de empilhamento, transporte e embarque dos sacos, movimento das esteiras, etc. A modernização deste serviço veiu completar a instalação dos grandes armazens para depósito de açucar, os quais abrangem uma capacidade para 600.000 sacos. A montagem que tinha sido feita não lograra satisfazer às necessidades do serviço, de modo que o reforço das instalações, há pouco inauguradas, e executado por operarios e técnicos pernambucanos, com pleno êxito, contribuiu decisivamente para situar o serviço portuario da capital pernambucana entre os mais eficientes do mundo.

Artigos para Laboratorios

Vidraria
Porcelana
Papel de Filtro
Drogas para Análises
Balanças Analíticas
Aparelhos Científicos de qualquer tipo
Alcoômetros
Sacarímetros
etc.

Peçam Catálogos e Orçamentos

Oficina de alta Precisão para Limpeza e Concertos de Aparelhos Oticos

LUIK & KLEINER LTDA.
Rio de Janeiro
Rua Téofilo Ottoni, 89

PRODUÇÃO, EXPORTAÇÃO, CONSUMO, ESTOQUES E PREÇOS

Secção de Estatística — I.A.A.

TOTAL DOS TIPOS DE AÇUCARES DE USINAS

Safra de 1940-1941 e confronto com as anteriores

Unidade : saco de 60 quilos

PERIODO	Estoque inicial	Produção	Importação	Exportação	Consumo	Estoque final	Preço m/ no D. Federal	
							Cristal saco 60 ks.	Refinado p/quilo
Novembro de 1940	3.332.541	1.989.034	—	—	1.106.291	4.215.284	N/	1$100
Novembro de 1939	2.376.258	1.992.196	—	—	1.075.945	3.292.509	N/	1$100
Novembro de 1938	2.074.973	2.054.284	—	127.343	813.790	3.188.124	55$500	1$100
Novembro de 1937	2.607.757	1.910.545	—	101	1.130.444	3.387.757	58$500	1$100
JUNHO/NOVEMBRO								
1940/41	2.139.629	8.406.852	—	84.500	6.246.697	4.215.284	—	—
1939/40	1.490.848	8.192.760	—	100.000	6.290.273	3.293.335	—	—
1938/39	1.589.395	7.657.200	—	127.473	5.930.998	3.188.124	—	—
1937/38	1.681.811	7.914.974	—	1.307	6.207.721	3.387.757	—	—

PRODUÇÃO, EXPORTAÇÃO, CONSUMO E ESTOQUES

TOTAL DE TODOS OS TIPOS DE AÇÚCARES DE USINAS E ENGENHOS

PERIODO	Estoque inicial	Produção	Importação	Exportação	Consumo	Estoque final
Novembro de 1940	3.364.653	2.693.137	—	—	1.785.711	4.272.079
Novembro de 1939	2.421.669	2.666.546	—	50	1.719.581	3.368.584
Novembro de 1938	2.107.207	2.658.644	—	128.450	1.362.781	3.274.620
Novembro de 1937	2.672.954	3.682.441	—	1.591	2.894.121	3.459.683
JUNHO/NOVEMBRO						
1940/41	2.256.585	12.120.648	—	84.950	10.020.204	4.272.079
1939/40	1.600.537	11.998.960	—	122.228	10.107.859	3.369.410
1938/39	1.628.851	11.317.468	—	129.789	9.541.905	3.274.620
1937/38	1.764.335	12.136.841	—	3.007	10.438.486	3.459.683

NOTA :

Consumo — Refere-se a saídas para consumo.
Preço — Refere-se ao último dia do mês.
Refinado — Refere-se ao gênero de 1.ª qualidade no varejo.

PRODUÇÃO TOTAL DE AÇUCAR E ALCOOL

(Usinas e Engenhos)

MOVIMENTO DA SAFRA DE 1940/41

(POSIÇÃO EM 30 DE NOVEMBRO)

Instituto do Açucar e do Alcool — **Secção de Estatística**

ESTADOS	AÇUCAR				ALCOOL (litros)
	Produção autorizada	**Estimativa**	**Total das Usinas**	**Total das Usinas e Engenhos**	
Acre	7.738	10.000	—	5.129	—
Amazonas	8.404	8.000	—	4.083	—
Pará	28.878	64.000	4.461	48.412	5.569
Maranhão	56.496	70.000	1.476	39.939	—
Piauí	53.161	52.500	1.132	32.459	—
Ceará	320.397	320.000	10.570	207.998	—
Rio G. do Norte	165.389	220.000	27.594	98.329	—
Paraíba	530.265	600.000	174.975	337.703	170.600
Pernambuco	5.366.078	6.200.000	2.026.970	2.228.390	3.206.182
Alagoas	1.946.688	2.300.000	449.221	584.082	1.217.260
Sergipe	790.222	960.000	156.017	167.765	—
Baía	1.215.096	1.450.000	252.204	451.530	—
Espirito Santo	81.226	160.000	24.397	82.522	73.006
Rio de Janeiro	2.132.908	2.750.000	2.380.016	2.475.429	16.022.803
Distrito Federal	—	—	—	—	—
São Paulo	2.302.722	3.080.000	2.329.297	2.644.425	29.489.886
Paraná	12.942	15.000	—	10.876	—
Sta. Catarina	336.320	340.000	51.151	259.478	181.764
Rio G. do Sul	13.635	30.000	—	19.120	—
Minas Gerais	2.076.225	2.750.000	496.688	2.310.192	2.443.006
Goiaz	88.776	135.000	985	87.709	—
Mato Grosso	33.715	37.000	19.698	25.078	148.897
TOTAIS	51.567.331	21.551.500	8.406.852	12.120.648	52.958.973

ESTOQUES DE AÇUCAR NOS ESTADOS

Secção de Estatística — I.A.A.
Ano de 1940

Unidade : Sacos de 60 quilos

Posição em 30 de novembro

ESTADOS	Gran-fina	Cristal	Demerara	Somenos	Mascavo	Bruto	TOTAL	Total discriminado por localidade: Capitais	Usinas	Interior dos Estados
Rio G. do Norte	—	3.670	—	—	—	—	3.670	—	3.670	—
Paraíba	—	24.075	—	—	—	3.012	27.087	11.503	10.019	5.565
Pernambuco	44.650	1.259.475	130.721	—	809	4.993	1.440.648	1.364.500	76.148	—
Alagoas	5.493	114.529	125.262	—	—	25.757	271.041	247.486	23.555	—
Sergipe	—	139.789	4.257	—	3.844	—	147.890	80.660	25.664	41.566
Baía	—	65.617	—	—	—	33	65.650	27.645	38.005	—
Rio de Janeiro	—	682.522	—	—	450	—	682.972	2.900	680.072	—
D. Federal	—	37.180	850	—	2.500	—	40.530	40.530	—	—
São Paulo	—	1.262.881	—	32.600	—	23.000	1.318.481	189.812	1.082.921	45.748
Minas Gerais	—	214.977	5.477	—	21.911	—	242.365	25.128	217.237	—
Demais Estados	—	31.745	—	—	—	—	31.745	—	31.745	—
TOTAL	50.143	3.836.460	266.567	32.600	29.514	56.795	4.272.079	1.990.164	2.189.036	92.879

TOTAIS POR ESTADOS

EM IDÊNTICOS PERÍODOS

ESTADOS	1938	1939	1940
Rio G. do Norte	3.428	5.315	3.670
Paraíba	12.305	42.863	27.087
Pernambuco	1.217.498	715.234	1.440.648
Alagoas	241.145	199.293	271.041
Sergipe	108.858	155.931	147.890
Baía	88.890	131.047	65.650
Rio de Janeiro	433.548	644.976	682.972
Distrito Federal	41.881	45.394	40.530
São Paulo	1.003.254	1.213.912	1.318.481
Minas Gerais	122.314	183.898	242.365
Goiaz	1.499	135	—
Demais Estados	—	30.586	31.745
TOTAL	3.274.620	3.368.584	4.272.079

COTAÇÕES

DURANTE O MÊS DE NOVEMBRO

Instituto do Açucar e do Alcool — **Secção de Estatística**

PRAÇAS	1939			1940		
	Cristal	Demerara	Bruto	Cristal	Demerara	Bruto
João Pessoa	50$000 — 51$000	—	27$000 — 27$000	46$000 — 46$000	—	28$000 — 28$000
Recife	48$000 — 48$000	37$200 — 37$200	22$000 — 24$800	47$000 — 47$000	37$200 — 37$200	28$000 — 30$000
Maceió	47$000 — 47$000	40$000 — 40$000	19$200 — 28$000	47$000 — 47$000	40$000 — 40$000	20$000 — 26$000
Aracajú	44$000 — 45$000	—	18$000 — 18$000	37$000 — 40$000	—	18$000 — 18$000
Salvador	54$000 — 54$000	—	25$000 — 30$000	47$000 — 52$000	—	20$000 — 20$000
Campos	52$000 — 54$000	—	—	50$000 — 54$000	—	—
D. Federal	N/	50$000 — 51$000	37$000 — 39$000	N/	50$000 — 51$000	37$000 — 39$000
São Paulo	64$000 — 65$000	—	40$500 — 41$500	62$000 — 63$000	—	42$000 — 43$000
Belo Horizonte	65$500 — 66$000	—	—	64$000 — 66$000	—	—
MÉDIAS MENSAIS						
João Pessoa	50$739	—	27$000	46$000	—	28$000
Recife	48$000	37$200	23$400	47$000	37$200	29$000
Maceió	47$000	40$000	26$243	47$000	40$000	23$477
Aracajú	44$500	—	18$000	38$500	—	18$000
Salvador	54$000	—	29$524	50$000	—	20$000
Campos	53$095	—	—	51$389	—	—
D. Federal	N/	50$500	38$000	N/	50$500	38$000
São Paulo	64$591	—	41$000	62$500	—	42$500
Belo Horizonte	65$795	—	—	65$385	—	—

ANTONIO GUIA DE CERQUEIRA
Chefe da Secção de Estatística

ALCOOL-MOTOR

Agamenon Magalhães

O sertanejo, com as rodovias das Obras Contra as Secas, trocou o cavalo pelo caminhão. Nota-se que o tropeiro não tem mais saudades das cangalhas e dos burros. Ele é hoje o senhor das distancias, na boléia do seu caminhão, andando noite e dia, carregando o algodão, o caroá, o feijão, a farinha e o milho, para todas as praças.

As feiras no interior não têm mais aqueles aspectos antigos. Nos pateos das cidades, o caminhão, as "sopas", o automovel, dão às feiras aspectos novos. Vêm das cidades mais distantes. Na feira de Caruarú encontram-se caminhões carregados de feijão, e rapadura, vindos de Triunfo, a mais de 300 quilômetros.

Talvez, por isso, a mentalidade e as condições de vida das populações sertanejas são outras. Não recebo mais cartas do sertão pedindo emprego ou reclamando posições locais. Há uma preocupação de trabalho, que domina todas as aspirações municipais. Só recebo cartas pedindo estradas, pontes, facilidades de transportes. Agora, os proprietarios de caminhão estão reclamando contra a falta de distribuição de alcool-motor, nos sertões. Um deles me diz que é obrigado às vezes a queimar até cachaça, porque não encontra bombas de alcool-motor nos caminhos.

Aí está, pois, um problema que a Cooperativa dos Usineiros precisa resolver, em colaboração com o I.A.A. O problema não é mais de propaganda do carburanate nacional. O problema é só distribuição.

Quando o dono do caminhão, que é um homem que não abandona o seu carro e nele vive todas as horas do dia, reclama a falta do carburante nacional, é que esse combustivel não tem defeitos. Está cada vez mais adaptado às condições dos motores e é mais barato do que a gasolina.

Se há um consumo para o alcool-motor e se a produção desse carburante é uma necessidade nacional, a Cooperativa dos Usineiros só terá vantagens de ordem econômica em desenvolver essa produção, acabando de vez com o extra-limite do açucar e outros fatores de perturbação do mercado da nossa principal riqueza.

O I.A.A. tem estimulado a produção do alcool anídrico de todas as formas, quer fundando grandes distilarias, quer fazendo empréstimos às usinas para que se aparelhem e fabriquem o alcool, como o melhor meio de equilibrio estatístico da produção açucareira.

Parece-me, pois, que o problema é hoje muito simples, resumindo-se na organização de um aparelho de venda ou distribuição.

Fazendo-se, por exemplo, tanques ou grandes depósitos, nas estações terminais das nossas estradas de ferro e no centro das rodovias tronco, a distribuição do alcool-motor estará assegurada.

Companhia Anilinas e Productos Chimicos do Brasil

Rua da Alfândega Nos. 100 - 102

Telefone 23-1640

Unicos representantes dos Papeis Heliográficos Marca

Mantêm constantemente variado "stock" em papel vegetal transparente "Diamante" e tela "Perfect" para desenhos

CANAVIAIS A IRRIGAR

Apolonio Sales

Já há algunmas semanas cessaram as chuvas. Os trabalhos de moagem da cana prosseguem com toda a intensidade, esperando-se uma safra se não tão grande quanto a do ano passado, pelo menos em proporções suficientes para atingir-se ou se passar o limite da produção consignada ao Estado de Pernambuco.

Estive esta semana em visita a canaviais da zona do sul. Com a estiagem de cerca de 20 dias, já se vai notando o dissecamento da terra e das canas plantadas sob o sistema de irrigação. Já em Catende os canaviais estão recebendo as primeiras distribuições de agua que lhes garante o crescimento continuo para a produção intensiva do ano vindouro.

O plantio para irrigação é, sem dúvida, uma garantia para os plantadores. Irrigar a terra não é um luxo, não é mesmo uma simples justificativa do conceito de progressistas a se dar aos usineiros pernambucanos.

Quando na zona da mata proliferou a prática irrigatoria, pelos morros e pelas varzeas, nas pequenas e grandes usinas, eu antevi a redenção da lavoura canavieira pernambucana. Deus queira que não tenha o desmentido futuro deste prognóstico otimista e dessas esperanças que alimentei ardorosamente.

Quem hoje conhece a prática racional da lavoura canavieira em terreno, na sua maior parte, a exigirem a inversão avultada de dinheiro na compra de adubos, bem compreende que a sistematização do solo para o plantio irrigado impõe-se como garantia desta inversão, que muitas vezes equivale à compra de terras novas, ainda não desfalcadas em suas reservas de fertilidade.

O plantio para irrigação é, sem dúvida, hectares e hectares de terra, forçando o tráfego intenso das estradas de ferro das usinas, ou deixará de existir ou levará à ruina o usineiro incauto. Impõe-se a lavoura intensiva. Esta condicional aplicação de adubos em alta dose, condiciona o aproveitamento do bom tipo da cana para a escolha cuidadosa da semente; impõe o trato melhor do terreno que exige braço numeroso. E tudo isso seria impossivel de se realizar, seria mesmo desaconselhavel de se fazer, ficando-se à mercê das incertezas de tempo, incertezas que podem atingir as calamidades das estiagens intérminas, a ressecarem o solo, destruindo canaviais e sepultando riquezas.

Bem hajam os usineiros que fizeram os seus planos irrigatorios e os estão cumprindo. Mesmo que os invernos se sucedam ainda alguns anos com regularidade, que seja este fato apenas uma tregua, a facultar o plantador pernambucano a se aparelhar para as faltas de chuva que devem ser esperadas a todo momento. Aconselho aos plantadores de cana que já têm terras sob irrigação, que não tardem com a agua, esperando que as plantas aparentem sofrer. Ao contrario, só afastem da touceira o liquido precioso quando pelo comportamento da graminea verificarem que o excesso dagua já está fazendo mal.

Só assim se poderá tirar todo o proveito das custosas instalações e do custoso manejo da agua, em todo caso sempre muito mais barato do que a aquisição de adubos caros, vindos de fora.

RENDIMENTOS DE VARIEDADES DE CANA EM PORTO RICO

O relatorio anual da Estação Experimental de Porto Rico sobre as atividades de 1938 contem uma informação sobre as experiencias feitas para comparar os rendimentos de variedade B.H. 10-12, muito cultivada na ilha, com oito diferentes variedades Mayaguez. As variedades Mayaguez deram rendimentos que variaram entre 213.919 e 230.069 arrobas (1) por caballeria (2) como cana planta, cortada aos 16 e meio meses, enquanto a B.H. 10-12 deu um rendimento de 214.685 arrobas por caballeria. Quanto aos rendimentos em açucar por caballeria os resultados foram os seguintes: para as variedades Mayaguez entre 27.639 e 23.076 arrobas e de 24.775 arrobas para a B.H. 10-12. Apenas uma das variedades Mayaguez, a 269, rendeu menos que a B.H. 10-12 como cana planta.

Os resultados obtidos nas provas com cana soca indicam tambem a superioridade das variedades Mayaguez, mas os rendimentos foram ligeiramente superiores. Como cana planta as três melhores variedades são: M 317, 266 e 255; como cana soca as melhores são M 317 e 261. A variedade que mais rendeu como planta e soca, e por alrga margem, foi a Mayaguez 317.

(1) — arroba, 11,48 quilos;
(2) — Caballeria, 13,42 hectares.

PUBLICAÇÕES

Mantendo o Instituto do Açucar e do Alcool uma Biblioteca, anexa a esta Revista, para consulta dos seus funcionarios e de quaisquer interessados, acolheremos com prazer os livros gentilmente enviados. Embora especializada em assuntos concernentes à industria do açucar e do alcool, desde a produção agrícola até os processos técnicos, essa Biblioteca contém ainda obras sobre economia geral, legislação do país, etc. O recebimento de todos os trabalhos que lhe forem remetidos será registrado nesta secção.

PREFEITURA DO DISTRITO FEDERAL — 1940.

A Secretaria do Prefeito do Distrito Federal publicou em volume uma sintese da gestão do sr. Henrique Dodsworth no período que vai de julho de 1937, mês em que foi empossado naquele cargo, até julho do corrente ano. A oportunidade dessa publicação foi oferecida pela inauguração da XIII Feira Internacional de Amostras, em que se comemora o primeiro decenio da Revolução de 30, motivo por que começa apresentando um gráfico sobre o movimento de visitantes desse certame, de 1928 a 1939.

Todo o trabalho é uma documentação expressiva das atividades desenvolvidas pelo atual Prefeito do Distrito Federal, desde a organização administrativa da Prefeitura até à execução de numerosas obras por toda a cidade.

Quadros estatísticos e gráficos ilustram os resultados da operosa administração do sr. Henrique Dodsworth e os principais aspectos da vida vestiginosa da metrópole brasileira.

PUBLICAÇÕES DO MINISTERIO DA AGRICULTURA — 1940.

O Departamento Nacional de Produção Vegetal e o Serviço de Informação Agrícola do Ministerio da Agricultura remeteram-nos mais algumas publicações de interesse para o desenvolvimento econômico do país. Trata-se de estudos realizados por funcionarios técnicos daquele Ministerio sobre assuntos concernentes às suas especialidades e que se recomendam como frutos de seguras observações e pesquisas.

O sr. Irvino W. Tibiriçá, da Secção de Plantas Textis, apresenta duas contribuições valiosas sendo uma sobre o "Sisal" e outra "A industrialização das fibras texteis liberianas". E o agrônomo R. Fernandes e Silva, nas "Notas sobre a cultura da oiticica", esclarece e orienta, com os seus conselhos e ensinamentos, os que quiserem explorar esse produto da flora brasileira.

LIGAÇÃO FERROVIARIA BRASIL-BOLIVIA — Relatorio — 1940.

Oferecido pelos srs. Luiz Alberto Whately e Juan Rivero Torres, respectivamente, engenheiro-chefe e engenheiro delegado da Comissão Mixta Ferroviaria Brasileiro-Boliviana, recebemos um exemplar de seu relatorio, apresentado aos srs. ministros do Exterior e da Viação e referente aos exercicios de 1938 e 1939.

A cargo dessa Comissão estão as obras da ligação entre Corumbá, Brasil e Santa Cruz, na Bolivia, partindo do porto de Santos, com o prolongamento da E. F. Noroeste. Prevista pelo Tratado de Petrópolis, que resolveu a velha questão de limites entre o Brasil e a Bolivia, e visando a garantir o aproveitamento e exportação do petroleo boliviano, tal ligação só há três anos começou a ser realizada, graças ao entendimento definitivo dos governos dos dois países.

O relatorio em apreço narra minuciosamente todos os estudos e trabalhos executados até 1939 na região que vai ser beneficiada com o importante empreendmento. E é ilustrado com diversos mapas, **croquis** e gráficos, que documentam a atividade desenvolvida pela Comissão Mixta.

BOLETIM DO INSTITUTO NACIONAL DO MATE — Ano I — N.º 1.

Mais uma revista especializada conta o país: é o "Boletim do Instituto Nacional do Mate", que começou a ser distribuido no mês findo.

Organização presidida por um jornalista como o sr. Diniz Junior, era de esperar que o seu orgão oficial aparecesse com todos os elementos de êxito. E assim acontece, pois o "Boletim do Instituto Nacional do Mate" se apresenta como uma das melhores publicações no gênero, desde a primorosa parte gráfica até o texto abundante e selecionado.

O número inicial da nova revista abre com pequeno artigo do sr. Waldemar Falcão, ministro do Trabalho, Industria e Comercio, realçando a missão do Instituto Nacional do Mate. Seguem-se muitos trabalhos de redação e colaboração, bem como diversas fotogravuras e quadros estatísticos, pondo em relevo os seus serviços à industria hervateira.

REVISTA DE AGRICULTURA, INDUSTRIA Y COMERCIO, DE PORTO RICO — 1940.

Visitou-nos pela primeira vez essa excelente Revista que. com o número 3, de setembro último, atinge o volume XXXII. Orgão oficial do Departamento de Agricultura e Comercio de Porto Rico, de publicação trimestral, ela refelete bem, nas suas páginas repletas de interessantes trabalhos, as preocupações progressistas das classes produtoras da florescente ilha.

O texto do referido número apresenta valiosas contribuições sobre múltiplos assuntos concernentes à economia de Porto Rico, e insere, tambem, circunstanciada noticia da visita que lhe fez recentemente o sr. Gileno Dé Carli, chefe da Secção de Estudos Econômicos do I.A.A.

COMENTARIOS DA IMPRENSA

A transcrição de notas e comentarios da nossa imprensa, nesta secção, não significa, convém deixar bem claro, concordancia, da nossa parte, com os conceitos neles exarados.

ECONOMIA FECHADA

Fala-se muito em intercambio comercial na América, para compensação da falta de mercados europeus. Mas quem se detiver no exame das medidas adotadas, chegará, sem dúvida, à conclusão de que todos os paises estão agindo sob a preocupação de formar uma economia autônoma. O ideal não é a dependencia comercial, mas a autarquia, o desejo de cada nação de se bastar a si mesma.

Para exemplo dessa verdade temos, bem perto de nós, o caso uruguaio, a respeito do açucar. Pelas estatísticas de importação, a partir de 1929 até hoje, o Uruguai comprou, em media, cerca de 45 mil toneladas de açucar por ano. Considerando apenas os últimos anos, podemos avaliar suas necessidades anuais dessa mercadoria em cerca de 55.000 toneladas, que lhe eram fornecidas pela Inglaterra, Cuba ou Java, e um pouco tambem pelo Brasil, a Argentina e o Perú. O Brasil figura apenas como fornecedor de açucar demerara, pois que os nossos tipos de refinados não são os que correspondem às preferencias do consumidor uruguaio. Não temos aqui o granulado inglês, nem conviria fabricá-lo sem ter a certeza da compra pelo Uruguai, pois que não nos restaria nenhum outro mercado para esse gênero, quando perdessemos a encomenda da República Oriental.

Desde 1928, porem, vem esse país se esforçando para desenvolver a produção de beterrabas. A única refinaria existente no Uruguai deve esse previligio à obrigação de manter uma fábrica, destinada ao aproveitamento de suas plantações de beterraba. E essa política recebeu, recentemente, um grande impulso, com o Decreto do Poder Executivo do país, de 27 de junho deste ano, pelo qual se autoriza a ampliação da quota de importação de açucar demerara, sob a condição da montagem de uma nova fábrica, para a produção de açucar de beterraba. Reportando-se a essa concessão, informa a Mensagem Presidencial de 12 de julho de 1940, que se "pode prever, desde já, a instalação, dentro do prazo de 18 meses, de uma nova usina de açucar, na localidade de Montes, Departamento de Canelones, que para isso se transformará em seu aspecto social e em sua economia agraria até converter-se num emporio de riqueza e a essa se seguirá, dentro de breve prazo, uma terceira usina, o que traduz um serio e positivo esforço, que o Poder Executivo deve proteger e estimular, com vistas à solução nacional do problema açucareiro. Isso justifica a manutenção, em favor desses industriais, da situação que havia sido criada pela lei de 5 de janeiro de 1888 e que agora se completa com as normas para a instalação de novas usinas de açucar". Existe, para estímulo da produção de açucar de beterraba, um verdadeiro monopolio da refina-

---

DIVERSAS

BRASIL: — Boletim Estatístico do Espírito Santo, n. 4; Economia, n. 17; Revista Agronômica, n. 46; Boletim da Associação Comercial de Pernambuco, n. 51; Boletim da Associação Comercial do Rio de Janeiro, n. 253; Revista do D.A.C., n. 6; Boletim da Cooperativa do I. de Pecuaria da Baía, n. 24; Organização de Herbarios, J. Cruz da Paixão; Rodriguesia, n. 13; Rural, n. 17; D.N.C., n. 86; Máquinas e Construções, n. 10; Mundo Automobilistico, n. 2; Boletim do Serviço de Imigração e Colonização, n. 2; Boletim do Porto do Recife, n. 3; Revista de Química Industrial, n. 101; Revista Comercial de Minas Gerais, n. 37; O Campo, n. 130; Diretrizes, n. 31; O Economista, n. 247; Bolettim da Câmara de Comercio Chileno-Brasileira, n. 44; O Sul-Mineiro Ilustrado; Boletim do M. das R. Exteriores, n. 19; Mensario Estatístico, n. 20; Prefeitura do Distrito Federal; Nossa Terra, n. 11; Boletim do M. da Agricultura, junho; Revista da Associação Comercial do Maranhão, n. 182 e 183.

ESTRANGEIRO: — Bulletin Mensuel de Renseignements Techniques, n. 9; Sugar News, n. 9; Revista de Agricultura, ns. 8 e 9; Technique Suisse, n. 2; Revista del Comercio Exterior, agosto; Revista de Estatística Municipal de Buenos Aires, ns. 632 e 633; Revista de Agricultura, setembro; Foreign Commerce Weekly, n. 3; El Rotariano Argentino, n. 164; Weekly Statistical Sugar Trade Journal, ns. 43 e 44; Fortnightly Review, n. 104; Revista de la Union Industrial Uruguaya, n. 36; Boletim de Estatistica Agropecuaria ,n. 519; Bulletin Mensuel de Statistique Agricole et Commerciale, n. 9; Sugar Beet Journal, n. 1; Brazil Today, n. 2; The Sugar Journal, n. 5; Gaceta Algodonera, n. 201; M.A.N.

ção de açucar, em favor de algumas firmas, que se comprometeram a fazer a instalação de fábricas e a promover a expansão das lavouras de beterraba.

Esse episodio, no meio de tantos outros da mesma especie, deve levar o produtor de açucar à convicção de que não deve contar com o mercado externo, para a colocação desse produto. Dia a dia, torna-se ainda mais fechada a economia do açucar, que deve considerar o comercio internacional como uma reminiscencia de simples valor histórico.

("Jornal do Brasil", 13-11-40).

A GUERRA E O AÇUCAR

Pessôas que fazem os seus julgamentos através de impressões vagas, são levadas a acreditar que a produção brasileira de açucar pode ter, no momento atual, uma grande margem de consumo, em consequencia da guerra que se alastra no Velho Continente. Se se pergunta qual a razão dessa esperança, dirão que na conflagração de 1914-1918 encontramos possibilidades inesperadas para a nossa produção. E que, se assim sucedeu em 1914, não há motivo para que o mesmo fato não se repita na conjuntura atual.

A verdade, porem, é outra, e muito diferente. Na guerra de 1914-1918, tivemos, realmente, possibilidades novas para a colocação de nossa produção. Basta lembrar que, em 1913, exportamos apenas 5.371 toneladas. De 1914 por diante, as saídas de açucar sobem consideravelmente:

	Toneladas
1914	31.875
1915	59.170
1916	54.438
1917	138.159
1918	115.634

Depois da guerra, aliás, é que se observou exportação maior. Em 1919 e 1920, vendemos ao estrangeiro 172.094 e 252.112 toneladas, respectivamente. Os preços só começaram a reagir a partir de 1916. Nos dois primeiros anos de guerra, as cotações foram quase equivalentes às que vinham sendo obtidas desde 1910.

Por que melhorou a exportação? Por um motivo muito simples: o decréscimo rápido da produção de açucar de beterraba, na Europa. De 1913 a 1920, a produção dessa mercadoria desceu de 8.257.000 a 2.567.000 toneladas. Decréscimo de 70%, correspondendo ao abandono das areas de lavoura de beterraba. E isso por uma razão facil de perceber. A guerra passada destruiu lavouras e fábricas, numa proporção que não tem paralelo com os sucessos da luta atual. Na França e na Polonia, foi enorme o número de usinas derrubadas pelas batalhas. Houve, ao lado dessa causa, outros fatores influentes, que não estão agindo, na guerra atual, com a mesma intensidade.

As estimativas das safras atuais, na Europa, não indicam ainda nenhuma redução provavel de produção. Ao contrario, tudo indica a possibilidade de uma produção pouco maior, que a de antes da guerra. A safra 1939-40 superou a de 1938-39 em 11,4%, ou pouco mais de 400.000 toneladas. As estimativas aceitas pelos melhores organizadores de estatísticas de açucar (F. O. Licht, Willet & Gray) admitem aumento de area plantada: mais 186 mil hectares que em 1939-40. Já entrava na estimativa o territorio da Polonia. Não figuravam ainda as consequencias da ocupação da França e da Bélgica. Mas quem supuser que essa ocupação poderia alterar aqueles dados, não encontraria apoio nos fatos. A rapidez da guerra não permitiu que a devastação das lavouras se aproximasse das consequencias da luta passada. Observa-se aumento de lavouras em diversos paises. Em suma, as destruições e perturbações resultantes da guerra serão inferiores à redução forçada no consumo e ao montante do aumento verificado em alguns paises.

Basta comparar esses fatos, para chegar à conclusão de que não basta a repetição da guerra, para que se renovem os mesmos episodios e circunstancias da conflagração mundial de 1914 a 1918.

("Jornal do Brasil", 24-11-40).

O açúcar constitue uma das melhores fontes de energia fisiológica de efeitos quasi imediatos. A sua utilização pelo homem se faz desde a primeira idade e a criança exige e pede substancias açucaradas, pois que o açúcar tem grande importância na formação do tecido muscular e no metabolismo geral. — Dr. Adrião Caminha Filho.

ÍNDICE

ALFABETICO E REMISSIVO DE MATERIAS E AUTORES

Julho a dezembro de 1940. Nos. 1 a 6 do 16.º volume de "Brasil Açucareiro"

— A —

ABASTECIMENTO

Sobre as possibilidades de faltar alcool-motor à Capital Federal .... Pág. 147
Do Distrito Federal — 90.000 sacos de Sergipe para as refinarias locais . . . . Pág. 326
Da metrópole britânica pelas colonias Pág. 393

ACONDICIONAMENTO

Açucar em caixões — pedido de S. A. Guedes . . . . Pág. 148
De alcool anidro do I.A.A. nos tanques da C.I.P.A. ..... Pág. 413

AÇUCAR DE BORDO

Sua situação nos Estados Unidos, em 1940 . . .. Pág. 378

AÇUCAR DE UVA

Seu aproveitamento na Grecia ..... Pág. 257

ADUBAÇÃO

Análise da folha da cana e adubação Pág. 58
Solos e adubos — W. W. G. Moir ... Pág. 62
Sugestões para melhorar e conservar a fertilidade dos solos ..... Pág. 79
I : I : I : — Adrião Caminha Filho .. Pág. 107
Sobre o suprimento de fertilizantes à lavoura canavieira da Australia. Pág. 310
Emprego da cianamida de calcio .... Pág. 387
Novas diretrizes para a da cana em Cuba . . .. Pág. 390
Experiencias sobre a cana de açucar em Trinidad e Porto Rico ..... Pág. 432
Aplicações do nitrogenio ..... Pág. 444

AGUARDENTE

Sobre montagem de um engenho da Cia. E. C. Laranjeiras ..... Pág. 328
Remoção de maquinismos de uma fábrica de Jerônico Ometo para Araras (S. Paulo) . . .. Pág. 328
Pedido dos produtores e comerciantes do R. G. do Sul para serem financiados pelo I.A.A. ..... Pág. 412
Montagem de um engenho do sr. Luiz Nicacio (Minas) ..... Pág. 412

ALCOOL

Em torno das estimativas de sua produção — 1940/41 . . .. Pág. 3
Sobre sua compra e venda, em varios paises europeus — artigo de Gileno Dé Carli . . . . Pág. 7
Produção anual na Bélgica . . .. Pág. 57
Modificação da fórmula de desnaturação do etílico, na França ..... Pág. 57
Sob a produção do de beterraba, na Italia — 1940 . . .. Pág. 57
Sua fabricação à base da sacarificação da madeira e ampliação de uma distilaria, na Italia ..... Pág. 57
Seu problema como combustivel, na India . . .. Pág. 58
Produção no país — posição em 30-6-40 . . .. Pág. 72
Fornecimento do anidro à Capital Federal . . .. Pág. 147
Sobre a produção e o consumo do motor, no país, de 1932 a 1939 — "Correio da Manhã" . . .. Pág. 168
Inicio da fabricação do anidro na Distilaria do Cabo . . .. Pág. 148
Sua produção à base de milho e sorgo Pág. 194
Sua produção à base de uma nova planta na Italia . . .. Pág. 232
Situação em Angola . . .. Pág. 232
Produção no país — posição em 31-8-40 . . . . Pág. 241
Venda de 10.500 hectolitros à Espanha . . .. Pág. 270
Sobre o desenvolvimento da produção do alcool motor — exposição do chefe da secção respectiva ... Pág. 270
Sobre a necessidade de seu consumo no país — "Ontem, hoje e amanhã" — Mario Melo ..... Pág. 272
Cessão de terreno para o depósito do alcool-motor . . .. Pág. 328
Sua produção no país — posição em 30-9-940 . . .. Pág. 337
Comentarios sobre a sua produção no país a 15-10-940 ..... Pág. 358
Amparo para os produtores gauchos Pág. 412
Sobre a distribuição do anidro em S. Paulo . . .. Pág. 413
Produção no país — posição em 31-10-940 . . .. Pág. 424
Sobre o consumo e a distribuição do motor, em Pernambuco, em 1940 Pág. 452
Ainda sobre o armazenamento do anidro, em S. Paulo — proposta da C.I.P.A. . . . . Pág. 508
Alcool motor — Agamenon Magalhães . . .. Pág. 517

Produção no país — posição em 30 de novembro de 1940 ..... Pág. 514

AUTARQUIAS

As autarquias ou entes autárquicos — lição do prof. Mario Bulhão .. Pág. 43
Sobre o incremento que estão tendo na Europa atual . . .. Pág. 246
As autarquias no direito público brasileiro — Oscar Saraiva ..... Pág. 330
Seu desenvolvimento no Brasil — "Jornal do Brasil" ..... Pág. 507

AUTO DE INFRAÇÃO

Contra a Usina Santo Antonio — Alagoas . . .. Pág. 60
Contra o Engenho Tamboril — Minas Gerais . . .. Pág. 60
Contra Benedito Pedra — Campos .. Pág. 60
Contra a Usina Flor do Rio e Pedras — Sergipe . . .. Pág. 60
Contra a Usina Jatiboca ..... Pág. 60
Contra a Usina Ouricurí — Alagoas Pág. 60
Contra Sertorio Souza — Cataguazes Pág. 60
Idem Engenho Petrolina — Goiaz .. Pág. 60
Contra a Usina S. José — Minas ... Pág 61
Contra as Usinas S. José do Junco, Tijuca e Santa Clara — Sergipe ... Pág. 61
Contra a Usina Pontal — Minas ... Pág. 61
Sobre o caso de uma usina de Macaé: "Forçando a mão" — "Jornal do Brasil"; "Produziu clandestinamente 118.020 sacos de açucar" — "Correio da Noite"; "Os interesses do Estado acima de quaisquer injunções" — "A Tarde" . . .. Pág 84 a Pág. 86
Contra a firma H. Fette & Cia. ..... Pág. 148
Contra a Usina S. Miguel — Mato Grosso . . .. Pág. 148
Contra J. Marques & Cia., Tancredo Costa & Cia. e Luzia Pedroza — Pernambuco . . .. Pág. 148
Contra a Usina Treze de Maio — Pernambuco . . .. Pág. 148
Contra Milhem Lotfi, Usina S. Benedito, engenho Sacramento, Usina Cruangi, Teixeira Miranda, engenho Boa Esperança e Usina Sta. Teresa . . . . Pág. 237
Sobre sonegação relativa a taxas passadas . . .. Pág. 325
Contra o engenho Valentim — Piauí Pág. 325
Contra a Usina Cruangí — Pernambuco . . .. Pág. 325
Contra Sebastião de Siqueira Filho e Usina Treze de Maio — Pernambuco . . . . Pág. 327
Contra a Usina Cristino Cruz — Pernambuco . . . . Pág. 327
Contra a U. Treze de Maio (Pernambuco) . . .. Pág. 413
Contra Cia. Açucareira e Fluvial Passos Ltda. . . .. Pág. 414

— B —

BAGAÇO

Sua utilização nos Estados Unidos .. Pág. 197
Como materia prima para o fabrico do papel . . .. Pág. 430

BALANCETE

Do I.A.A. — 31 de junho de 1940. Pág. 135
Voto de aprovação no C.C. do de janeiro de 1940 . . .. Pág. 149
Relatores do C.C. para o de março de 1940 . . .. Pág. 149
Sobre o balanço geral do I.A.A. no C.C. . . . . Pág. 149
Do I.A.A. — julho de 1940 ..... Pág. 219
Do I.A.A. — agosto de 1940 ..... Pág. 317
Aprovado o de abril do I.A.A., no C.C. . . . . Pág. 329
Sobre o de 1939, da Distilaria Central do Estado do Rio, no C.C. .. Pág. 329
Aprovados os de março e maio do I.A.A., no C.C. ..... Pág. 329
Do I.A.A. — 30-9-940 ..... Pág. 403
Do I.A.A. — 31-10-940 . ..... Pág. 496

BANGUÊ

Sobre seu financiamento em Alagoas Pág. 60
A eleição do delegado dos banguezeiros na C.E. do I.A.A. ..... Pág. 143
O financiamento da entre-safra, aos banguezeiros, de Pernambuco ... Pág. 251
Sobre um decreto do governo pernambucano, proíbindo exportação de açucar de fabricação banguê sem certificado de classificação . Pág. 263
Decreto 520, sobre o mesmo assunto. Pág. 284
Decreto-lei 2.619, do governo alagoano, sobre o assunto acima ..... Pág. 285
Membros da Comissão de Vendas e Defesa de Alagoas . . .. Pág. 359
Pedido de dispensa da cobrança da taxa sobre banguê em Minas .... Pág. 412
Sobre a defesa de seu açucar em Pernambuco pela respectiva Cooperativa . . .. Pág. 453
Sobre a defesa de seu açucar em Alagoas . . .. Pág. 453

BETERRABA

Produção de seu açucar na Europa — 1939 . . .. Pág. 37
Seu preço, na França em 1940 ..... Pág. 38
Area beterrabeira da Europa para o ano agrícola 1940/41 . . .. Pág. 44
A influencia da inversão parcial dos caldos de beterraba sobre a marcha da fermentação . . .. Pág. 114
Produção de seu açucar na Italia, em 1939/40 . . .. Pág. 123
Safras mundiais de seu açucar — 1939-40 . . .. Pág. 163
Areas de cultivo nos Estados Unidos Pág. 250
Area beterrabeira da Europa — 1939-40 e 1940-41 . . .. Pág. 252

Fomento do seu cultivo na Bulgaria Pág. 307
Produção e consumo de seu açucar, na França, em 1938-39 e 1939-40. Pág. 307
Areas de seu plantio na Russia a 1.º de maio de 1939 ..... Pág. 308
Plano para aumento de sua produção no Manchukuo . . .. Pág. 309
Sobre seu cultivo no sudoeste europeu — 1939-40 . . .. Pág. 392
Histórico de sua economia, no mundo, durante os últimos 25 anos .. Pág. 465
Produção na França em 1939-40 .... Pág. 493
Areas de cultivo e rendimento na Noruega — 1940 . . .. Pág. 493
Areas plantadas nos EE. UU. em 1939-40 . . . . Pág. 494

BONIFICAÇÃO

Retirada da bonificação aos produtores que excederem as respectivas quotas . . .. Pág. 451

— C —

CELULOSE

A descoberta de sua origem ..... Pág. 159.
Papel à sua base ..... Pág. 214
O bagaço de cana como materia prima para o fabrico da cana ..... Pág. 430

CENSO

Açucareiro do Hawaí, em 1939 ..... Pág. 495

CLASSIFICAÇÃO

Sobre o decreto n.º 520, do governo pernambucano, proíbindo a exportação de açucar, de fabricação de banguês, sem certificado de classificação de qualidade ..... Pág. 263
Decreto n.º 520, sobre assunto acima Pág. 284
Decreto-lei n.º 2.619, do governo alagoano, determinando que açucar de engenho só será exportado com certificado de classificação e qualidade . . . . Pág. 285
Decreto n.º 531, do governo pernambucano, proíbindo a exportação de açucar de qualquer qualidade sem certificado de classificação ..... Pág. 385

COLHEITA

De beterraba, na Bélgica, em 1939 .. Pág. 122
A importancia da entrega da cana fresca à usina . . .. Pág. 436

COLORIMETRIA

O colorímetro foto-elétrico ..... Pág. 236

COMBUSTIVEIS

O combustivel e a guerra — Gileno Dé Carli — (conclusão ..... Pág. 7
Combustão de melaço ..... Pág. 36
O combustivel e a guerra — Gileno Dé Carli . . .. Pág. 96
Decreto 1.937, do governo paraguaio, declarando obrigatorio o consumo do carburante nacional à base de nafta e alcool deshidratado ..... Pá. 182
A combustão de materiais lenhosos — Henry Kreisinger . . .. Pág. 795
Extraído de uma nova planta, na Italia . . .. Pág. 232
A crise do carburante na Europa ... Pág. 279
Lei constitucional n.º 4, do governo federal, sobre competencia da União em tributar combutiveis e lubrificantes líquidos, etc.. ..... Pág. 284
O seu problema em varios paises ... Pág. 408
O drama dos carburantes ..... Pág. 486

COMERCIO

A Argentina e o açucar — "Jornal do Brasil" . . .. Pág. 353

COMISSÃO EXECUTIVA

Resolução 18/40 dispondo sobre a defesa da safra 1940-41 ..... Pág. 100
Resolução 19/40 dispondo sobre a produção extra-limite de engenho de açucar e rapadura ..... Pág. 184
Resolução 20/40 dispondo sobre a cobrança da taxa de defesa e estatistica respectivamente sobre açucar de engenho e rapadura ..... Pág. 185
Resolução 21/40 dispondo sobre a produção extra-limite e redistribuição dos saldos da produção na safra 1940/41 . . .. Pág. 386

COMISSÕES

Ao fiscal Leovigildo V. da Silveira por um auto de infração ..... Pág. 237
Dos promotores públicos sobre arrecadações judiciais realizadas por conta do I.A.A. ..... Pág. 413
De fiscais — multas à Usina Azanha Pág. 508

COMPANHIA USINAS NACIONAIS

Sua situação de janeiro a março de 1940 . . .. Pág. 327

CONSUMO

Divisão geográfica do mundial — 1938-40 . . .. Pág. 12
De açucar na Noruega e Dinamarca — 1938-39 . . .. Pág. 37
De açucar, no Egito — 1938-39 ..... Pág. 40
"Per capita" de açucar nos Estados Unidos — 1939 ..... Pág. 40
Total de todos os tipos de açúcares de usinas e engenhos — junho de 1937, 38, 39 e 40 ..... Pág. 71
De açucar, na Belgica, Dinamarca e Hungria em 1938-39 . . .. Pág. 122

De açucar, na Italia, Suecia e Japão — 1939-40 — 1938-39 ..... Pág. 123
De açucar, em S. Domingos — estimativa do anual ..... Pág. 125
Total de todos os tipos de açúcares de usinas e engenhos — julho de 1937, 38, 39 e 40 ..... Pág. 155
De alcool motor, no país - 1938 e 1939 Pág. 168
Mundial de açucar — 1939-40 — (Lamborn) ..... Pág. 109
Decreto 1.937, do governo do Paraguai, tornando obrigatorio o consumo do carburante nacional ... Pág. 182
De açucar, em 1939 — Gileno Dé Carli ..... Pág. 178
De açucar, no México, de 1935 a 1939 Pág. 212
Total de todos os tipos de açucar, no país — agosto de 1937, 38, 39 e 40 Pág. 240
De açucar, na Turquia e no Egito em 1939-40 ..... Pág. 308
De açucar, no Canada, em 1939 .... Pág. 310
"Per capita" em 28 paises — 1938 e 1939 ..... Pág. 282
De açucar de beterraba, na França, em 1939-40 ..... Pág. 307
De açucar, na Holanda, Iugoslavia e Suiça — 1939-40 ..... Pág. 307
Total de todos os tipos de açucar de usina e engenho — setembro de 1937, 38, 39 e 40 ..... Pág. 336
De açucar no país — outubro de 1937, 38, 39 e 40 ..... Pág. 423
De açucar, em 1940, em Portugal ... Pág. 493
De açucar, em 1938-39, na Rumania Pág. 493
De açucar, em 1939, na Russia ..... Pág. 493
De açucar, em 1938-39, no Japão ... Pág. 494
De açucar no país — novembro de 1937, 38, 39 e 40 ..... Pág. 513

CONVENIOS

VII.º Congresso Internacional das Industrias Agrícolas, em Roma .... Pág. 94
A guerra e a convenção internacional do açucar ..... Pág. 160
A Inglaterra e o açucar — "Jornal do Brasil" ..... Pág. 258

COOPERATIVISMO

Mais um milagre do feixe de varas — Agamenon Magalhães ..... Pág. 95
Decreto-lei n. 504, do Interventor em Pernambuco, autorizando a Cooperativa dos Banguezeiros local a contratar empréstimos com o IAA. Pág. 98
Sobre a necessidade de se organizarem os senhores de engenho em Minas — "Revista Comercial de Minas Gerais" ..... Pág. 385
Comunicação ao I.A.A. da fundação da Cooperativa dos Usineiros de Pernambuco ..... Pág. 360
Belo exemplo de organização — Agamenon Magalhães ..... Pág. 410
Ação das de Pernambuco e Alagoas na defesa do açucar banguê .... Pág. 453
Sobre a ação da Cooperativa dos Usineiros de Pernambuco ..... Pág. 455

CULTIVO

Análise da folha da cana e adubação Pág. 58
Solos e adubos — W. W. G. Moir ... Pág. 62
A irrigação dos canaviais de Porto Rico — R. A. Gonzalez ..... Pág. 67
Sugestões para melhorar e conservar a fertilidade dos solos — Dionisio I. Aquino ..... Pág. 79
Emprego da olhadura da cana como semente — Artur H. Rosenfeld .. Pág. 81
I : I : I : — Adrião Caminha Filho ... Pág. 107
Novas variedades cultivadas em Mauricio ..... Pág. 142
Pesquisa científica e progresso agrícola ..... Pág. 149
Sobre o despalhe e sobre o palhiço da cana de açucar — Adrião Caminha Filho ..... Pág. 175
Tentativas para o da cana-planta no Iran ..... Pág. 395

— D —

DEFESA

Do açucar de tipo inferior ..... Pág. 60
Resolução 18/40 da Comissão Executiva do I.A.A. dispondo sobre a da safra 1940-41 ..... Pág. 100
Ponto de vista da Associação dos Usineiros de S. Paulo sobre o assunto acima, na C.E. ..... Pág. 147
Sobre a existencia de cerca de 30 engenhos de açucar e rapadura não inscritos no I.A.A. ..... Pág. 328
Da produção açucareira — Nelson Coutinho ..... Pág. 374
O governo do presidente Vargas impulsionou a industria açucareira brasileira — entrevista de Gileno Dé Carli ..... Pág. 377
Resolução 21/40 da C.E. dispondo sobre a produção extra-limite e redistribuição de saldos de produção na safra 1940-41 ..... Pág. 386
Limitação e excesso de produção de açucar — Francisco Watson ..... Pág. 411
Política sabia — "Jornal do Brasil". Pág. 443
Do açucar banguê em Pernambuco e Alagoas ..... Pág. 453

DELEGAÇÕES

A eleição do representante dos banguezeiros na C.E. do I.A.A. ... Pág. 143

DISTILARIAS

Ampliação de uma de alcool etílico em Roma ..... Pág. 57
Sobre fornecimento de material para a de Ponte Nova ..... Pág. 60
Sobre o funcionamento da de Pernambuco ..... Pág. 61
Conclusão dos trabalhos de construção da da U. Cucaú ..... Pág. 147

Inicio da fabricação do alcool anidro na do Cabo . . . . . Pág. 148
Inicio da fabricação em 2.ª técnica, na do Cabo . . . . . Pág. 174
A Distilaria do Cabo — Agamenon Magalhães . . . . . Pág. 214
Pagamento da 2.ª prestação da da Usina Cucaú . . . . . Pág. 238
Montagem de uma oficina mecânica na do Rio . . . . . Pág. 238
Inauguração da da U. Quissaman .. Pág. 269
Balancete da do Estado do Rio, no C.C. . . . . Pág. 329
Inaugurada, em Pernambuco, a "Distilaria Central Presidente Vargas" Pág. 361
Novo empréstimo à. Distilaria dos Produtores de Pernambuco ..... Pág. 412
Sobre o fornecimento de material à de Ponte Nova pela fábrica brasileira da Skoda S/A. ..... Pág. 509

DIVERSOS

Criação do Sindicato dos Usineiros de Açucar e Alcool de Minas Gerais .. Pág. 60
Sindicato dos Fabricantes de Doces de Campos — sobre criação de um Departamento anexo ao Instituto Pág. 92
A futura sede do I.A.A. — bases da concorrencia . . . . . Pág. 92
Voto de pesar no C.C. pelo falecimento do conselheiro Lauro Sampaio . . . . . Pág. 149
Designação de Gileno Dé Carli para uma missão no exterior ..... Pág. 238
Dr. Gileno Dé Carli — nota de "Cuba Economica y Financiera" ..... Pág. 267
Auxilio do I.A.A. ao Asilo de Mendigos de Pelotas ..... Pág. 325
Visita a S. Paulo dos srs. João Cleofas, Joaquim Bandeira e Alde Sampaio — voto de congratulações na C.E. ..... Pág. 326
Representação do I.A.A. na Feira Nacional de Industrias ..... Pág. 326
Proposta de Pena & França para as obras do Edificio Taquara ..... Pág. 328
Voto de louvor no C.C. a Francisco Vera . . . . . Pág. 329
Viagem do sr. Lima Teixeira ..... Pág. 329
Sobre 100 sacos destinados ao Nucleo Colonial de S. Bento ..... Pág. 413

— E —

ECONOMIA

O combustivel e a guerra — Gileno Dé Carli — (conclusão) ..... Pág. 7
O açucar nos paises afetados pela guerra . . . . . Pág. 10
O lubrificante nacional — Caminha Filho . . . . . Pág. 13
O contingentamento na Polonia — capítulo VII de "Pode a industria dirigir-se a si mesma?" ..... Pág. 30
O açucar e a guerra — palestra de Gileno Dé Carli no Rotary Club de Campos . . . . . Pág. 51
O açucar americano enfrenta uma nova crise . . . . . Pág. 75
O combustivel e a guerra — Gileno Dé Carli . . . . . Pág. 96
O contingentamento na Alemanha — capítulo VIII de "Pode a industria dirigir-se a si mesma?" .... Pág. 117
As repercussões do atual conflito europeu na açucareira — S. E. Levy & Co. . . . . Pág. 152
A guerra e a convenção internacional do açucar . . . . . Pág. 160
O açucar e o conflito europeu — "Diario de S. Paulo" ..... Pág. 166
Institutos — Joaquim Inojosa ..... Pág. 168
Decreto 1.567, do governo paraguaio, sobre o desenvolvimento da industria açucareira local ..... Pág. 181
O Instituto do Açucar e do Alcool do Brasil — Pedro Menendez Lees.. Pág. 215
O contingentamento na Alemanha — — capítulo VIII de "Pode a industria dirigir-se a si mesma?" .. Pág. 224
A situação dos extra-limites — proposta Barbosa Lima Sobrinho na C.E. . . . . Pág. 233
Açucareira, na Europa, durante a guerra . . . . . Pág. 244
A Inglaterra e o açucar — "Jornal do Brasil" . . . . . Pág. 258
O contingentamento na Italia — capítulo IX de "Pode a industria dirigir-se a si mesma?" ..... Pág. 273
A situação da industria açucareira nas Filipinas . . . . . Pág. 304
A política protecionista dos Estados Unidos e a industria açucareira de Cuba . . . . . Pág. 305
Defesa da produção açucareira — Nelson Coutinho . . . . . Pág. 374
O governo do presidente Vargas impulsionou a industria açucareira brasileira — entrevista de Gileno Dé Carli . . . . . Pág. 377
O contingentamento da França — capítulo X de "Pode a industria dirigir-se a si mesma?" ..... Pág. 382
Situação açucareira em diversos paises da Europa . . . . . Pág. 391
Cuba, o açucareiro do mundo — Charles Morrow Wilson ..... Pág. 414
A situação açucareira mundial, em 1940, vista por especialistas norte-americanos . . . . . Pág. 439
Política sabia — "Jornal do Brasil". Pág. 443
O açucar e a federação — "Jornal do Brasil" . . . . . Pág. 443
Memoria sobre o preço do açucar — d. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho . . . . . Pág. 451
Tendencias do desenvolvimento e transformações da industria açucareira mundial nos últimos 25 25 anos — dr. Hugo Ahlfeld .... Pág. 465
O drama dos carburantes ..... Pág. 486
Situação açucareira da Europa em 1940 — aspecto das culturas de beterraba . . . . . Pág. 492
O contingentamento na Espanha —

capítulo XI de "Pode a industria dirigir-se a si mesma?" ..... Pág. 510
Economia fechada (sobre dificuldades de colocação, atualmente, de açucar nos mercados externos) — "Jornal do Brasil" ..... Pág. 520
O açucar e a Federação — (sobre as condições atuais para a exportação em confronto com 1914-18) — "Jornal do Brasil" ..... Pág. 521

ESTIMATIVAS

Sobre a produção de açucar e alcool, no país — 1940-41 ..... Pág. 3
De F. O. Licht sobre a area beterrabeira da Europa em 1940-41 .... Pág. 44
De F. O. Licht sobre a produção européia de açucar — 1940-41 ..... Pág. 252
Da produção açucareira de Java em 1940 ..... Pág. 309
Do rendimento, por hectare, da beterraba e da produção de acucar da mesma qualidade, em 1940-41, nos Estados Unidos ..... Pág. 495

ESTOQUES

De açucar em 1939, nos Estados Unidos ..... Pág. 41
De açúcares de todos os tipos, no país — junho de 1937, 38, 39 e 40 .... Pág. 71
De açucar, nos Estados — posição em 30-6-940 ..... Pág. 73
De açucar em Java a 1.º de março de 1940 ..... Pág. 125
De açúcares de todos os tipos, no país julho de 1937, 38, 39 e 40 ..... Pág. 155
De açucar, nos Estados — posição em 31-7-940 ..... Pág. 157
De açucar, no país — agosto de 1937, 38, 39 e 40 ..... Pág. 240
Idem, nos Estados — posição em 31-8-40 ..... Pág. 242
De açucar em Java em 1939-40 ..... Pág. 309
Total dos tipos de açucar de usinas e engenho, no país — setembro de 1937, 38, 39 e 40 ..... Pág. 336
De açucar, nos Estados — posição em 30-9-940 ..... Pág. 338
De açucar, nos Estados — posição em 31-10-940 ..... Pág. 425
De açucar, nos Estados, a 15-10-940 . Pág. 358
De açucar, no país — outubro de 1937, 38, 39 e 40 ..... Pág. 423
De açucar no país — novembro de 1937, 38, 39 e 40 ..... Pág. 513
De açucar no país — posição em 30-11-940. ..... Pág. 515

EXPORTAÇÃO

Do açucar brasileiro para o Uruguai Pág. 5
De melaços e xaropes invertidos, por Cuba ..... Pág. 40
De açúcares de usinas e engenhos — junho de 1937, 38, 39 e 40 ..... Pág. 71
De açucar brasileiro para o Uruguai — comentarios do "Jornal do Brasil" ..... Pág. 84
Sobre o movimento da do país em 1939 ..... Pág. 91
De açucar refinado pelos EE. UU. — abril de 1940 ..... Pág. 125
De açucar pela República Dominicana em 1939 ..... Pág. 125
Idem do açucar javanês, em 1939-40 Pág. 125
De açucar da Australia até agosto de 1939 ..... Pág. 126
Pagamento dos saldos das quotas de exportação de Alagoas — ..... Pág. 147
De açucar de usinas e engenhos — julho de 1937, 38, 39 e 40 ..... Pág. 155
Confronto entre a situação atual e a da guerra passada — comentarios do "Diario de S. Paulo" ..... Pág. 166
Criado novo imposto sobre a de açucar, em S. Domingos ..... Pág. 211
Total de açúcares de usina e engenho — agosto de 1937, 38, 39 e 40 .... Pág. 240
Dificuldades de exportar para a Inglaterra, em virtude das importações de açucar das colonias britânicas ..... Pág. 267
De açucar pela Holanda em 1940 ... Pág. 307
De açucar por Java em 1939-40 .... Pág. 309
Norte-americanas de açucar refinado — 1913-1939 ..... Pág. 321
Açucar para o Uruguai — 26.000 toneladas de demerara ..... Pág. 326
Particular, do açucar extra-limite do Estado do Rio ..... Pág. 326
De açucar intra-limite de Pernambuco, por conta dos excessos de Rio e S. Paulo ..... Pág. 327
Total dos tipos de açúcares de usinas e engenhos — setembro de 1937, 38, 39 e 40 ..... Pág. 336
O açucar e a — "Jornal do Brasil" .. Pág. 352
Decreto n.º 531, do governo pernambucano, proíbindo a exportação de açucar de qualquer qualidade sem o certificado de classificação .... Pág. 385
De açucar, no país — outubro de 1937, 38, 39 e 40 ..... Pág. 423
Sobre a de açucar, pelo país, em 1939-40, e respectivo valor ..... Pág. 450
Açucar para Portugal ..... Pág. 452
Fixação das quotas mensais para Pernambuco e Alagoas — safras 1940-41 ..... Pág. 454
De excessos da produção açucareira do país, na safra 1940-41 ..... Pág. 464
Quotas da dos paises contratantes do Plano Chadbourne — de 1930 a 1935 ..... Pág. 478
De 200.000 toneladas da India para a Inglaterra ..... Pág. 493
Sobre as quotas da União Soviética, para 1939-40 ..... Pág. 493
Dos Estados Unidos em 1940 ..... Pág. 494
De açucar pelo país — novembro de 1937, 38, 39 e 40 ..... Pág. 513
O açucar e a Federação — "Jornal do Brasil" — (sobre as condições atuais em comparação com 1914-18) ..... Pág. 521

EXTRA-LIMITE

Alinea B da resolução 18/40 da Comissão Executiva do I.A.A. sobre os de 1940-41 . . . . . Pág. 100
Sobre a maneira de solucioná-lo, em Cuba — "Xaropes invertidos concentrados" — P. Menendez Lees Pág. 127
Saldo dos de Alagoas — sobre pagamento aos usineiros . . . . . Pág. 147
Saldo dos de Alagoas — sobre pagamento aos usineiros . . . . . Pág. 148
Pagamento de 29$000 por saco de açucar dos lotes do Pernambuco, destinados ao exterior . . . . . Pág. 148
Resolução 19/40, da C.E., dispondo sobre a produção extra-limite de engenho de açucar e rapadura . . Pág. 184
Comunicado do I.A.A. — sobre a persistencia do extra-limite no país Pág. 193
A situação dos extra-limites — proposta Barbosa Lima Sobrinho à C. E. . . . . Pág. 233
Saldo da produção extra-limite de Pernambuco — 100 mil sacos de Pernambuco para a Distilaria do Cabo — Exportação do de Alagoas em 1939-40 . . . . . Pág. 238
Sobre a produção de engenho de açucar e rapadura — ante-projeto na C.E. . . . . Pág. 327
Sobre as dificuldades do escoamento do remanescente do de Pernambuco — 1940 . . . . . Pág. 328
Sugestões para resolver o de Pernambuco em 1940-41 . . . . . Pág. 359
Carta do sr. Paulo Nogueira sobre a questão em todo o país . . . . . Pág. 359
Resolução 21-10 da C.E. sobre apreensão do de 1940-41 . . . . . Pág. 386
Proposta, na C. E., para o I.A.A. adquirir os de Pernambuco e Alagoas — 1940-41 . . . . . Pág. 412
Aprovação na C.E., do projeto de resolução relativo ao de 1940-41 Pág. 412
Bonificação para as exportações dos de Alagoas, Baía e Pernambuco . . Pág. 413
Reversão ao consumo do remanescente do da Baía, em 1940 . . . . . Pág. 413
Sugestões do sr. Barbosa Lima Sobrinho sobre retirada de bonificação às usinas que excederam a margem de bonificação . . . . . Pág. 451
Liberação de 13.784 sacos do da Baía Pág. 508

FILTRAGEM

Filtração dos caldos da cana de açucar . . . . . Pág. 66
Observações sobre o emprego de filtros rotativos . . . . . Pág. 70

— F —

FINANCIAMENTO

Decreto-lei 2.600, do governo alagoano, financiando a safra local de 1940-41 . . . . . Pág. 19
Aos banguês de Alagoas . . . . . Pág. 60
Decreto-lei 504, do interventor em Pernambuco, autorizando a Cooperativa dos Banguezeiros a contratar empréstimos com o I.A.A. . . Pág. 98
Da entre-safra aos banguezeiros de Pernambuco . . . . . Pág. 251
Sobre a criação do "Banco dos Lavradores de Cana de Açucar" — "O Jornal" . . . . . Pág. 258
Do Banco Agrícola do Paraguai aos industriais de açucar daquele país Pág. 396
Pedido dos produtores e comerciande de alcool e aguardente do R. G. do Sul para serem financiados . . . . . Pág. 412
Empréstimo de 500:000$000 à Distilaria dos Produtores de Pernambuco . . . . . Pág. 412
Inicio das operações de retrovenda para Alagoas e Pernambuco — 1940-41 . . . . . Pág. 413
De 50.000 sacos de açucar do comercio livre de Sergipe . . . . . Pág. 413
Do açucar banguê em Alagoas — 1940 Pág. 453
Das safras de Pernambuco e Alagoas — retificação à nota da pág. 413 Pág. 456

FISCALIZAÇÃO

Sobre regulamentação do decreto-lei n. 1.831 . . . . . Pág. 4
Decreto federal n. 5.890 prorrogando o prazo para obrigatoriedade de contadores automáticos nas fábricas de aguardente e alcool . . . . . Pág. 21
A respeito de bonificação a um fiscal Pág. 237

FITO-PATOLOGIA

Pragas da cana de açucar . . . . . Pág. 11
O problema dos ratos em Queensland e em outras areas canavieiras . . . . Pág. 46
As pragas que perseguem o agricultor — d. Bento Pickel . . . . . Pág. 247
Combate às pragas que atacam as beterrabas no Manchukuo . . . . . Pág. 309
Controle de parasitos no Hawaí . . . . Pág. 311
Parasitas da cana de açucar no Perú Pág. 323
Causas determinantes da morte das canas . . . . . Pág. 381
Há mosaico em Sergipe — Adrião Caminha Filho . . . . . Pág. 398
As pragas que perseguem o agricultor — D. Bento Pickel — (cont.). Pág. 427

FORNALHA

Sobre o seu uso nos antigos engenhos — nota 7 . . . . . Pág. 462

FORNECIMENTO

De alcool anidro ao Distrito Federal Pág. 147
De canas — reforma da lei 178 . . . . . Pág. 149
De melaço a um comprador de Nova York e à Administración Nacional de Combustibles y Portland, do Uruguai . . . . . Pág. 237

Preço do carro de cana, em Campos — "Correio da Manhã" ..... Pág. 259
Acordo entre usineiros e fornecedores do Estado do Rio ..... Pág. 267
De canas — do sr. J. A. Rodrigues Teixeira à U. Terra Nova ..... Pág. 326
De canas — Consulta da "Societé Sucréries de Rio Branco" ..... Pág. 327
De canas — sobre interpretação do do art. 1.º da lei n.º 178 ..... Pág. 327
Lista dos fornecedores de cana da U. Barcelos, que não completaram as respectivas quotas ..... Pág. 328
De canas — da Usina S. José do Junco por J. Soares da Costa .... Pág. 329
De canas — sobre o acordo entre usineiros e fornecedores fluminenses Pág. 329
De canas — fixação das quotas — consulta do sr. O. Cordeiro à C.E. Pág. 412
Lavoura canavieira de Campos — carta do sr. Luiz Guaraná ao Presidente do I.A.A. e comentarios do "Brasil Açucareiro" ..... Pág. 422
De canas — consulta dos fornecedores da Usina Paranaguá — (Baía) Pág. 508
Caso Alberto José Barreto contra a Usina Paraguassú — (Baía) .... Pág. 509
Sobre o dissidio entre Francisco Ferreira Gomes e a U. Barcelos .... Pág. 509
Sobre a existencia jurídica da Comissão Reguladora das Transações de Compra e Venda entre Lavradores e Usineiros de Campos ..... Pág. 509

FUNCIONALISMO

Reajustamento do do I.A.A. no C.C. Pág. 62
Proposta para uma comissão mixta estudar o reajustamento do I.A.A. Pág. 149
Declaração do Conselho Consultivo sobre o reajustamento dos vencimentos ..... Pág. 329

— G —

GENÉTICA

Uma variedade paulista de cana de açucar ..... Pág. 346

GEOGRAFIA ECONOMICA

Divisão geográfica da produção e do consumo mundial de açucar — 1938, 39 e 40 ..... Pág. 12
O contingentamento na Polonia — capítulo VII de "Pode a industria dirigir-se a si mesma?" ..... Pág. 30
Area beterrabeira da Europa para o ano agrícola 1940-41 ..... Pág. 44
Alemanha açucareira — capítulo de "Pode a industria dirigir-se a si mesma?" ..... Pág. 117
Na Europa: o racionamento na Alemanha — Na França — Controle do governo britânico — Quotas para as industrias inglesas — O suprimento na Italia — Na Hungria — A situação na Holanda, Bélgica, Suiça, Noruega e Russia Pág. 244
Areas de cultivo nos EE. UU. ..... Pág. 250
Areas de cultivo na Inglaterra e Italia ..... Pág. 253
Areas beterrabeiras da Europa — 1939-40 e 1940-41 ..... Pág. 252
Areas de plantio na Italia e Russia. Pág. 254
Areas de plantio da beterraba na Turquia em 1940 ..... Pág. 308
Areas da Russia a 1.º de maio de 1939 Pág. 308
A industria açucareira da Polonia — entrevista do sr. Roman A. Przeworski a "Brasil Açucareiro" .... Pág. 380
O contingentamento na França — Capítulo X de "Pode a industria dirigir-se a si mesma?" ..... Pág. 382
Situação açucareira em diversos paises da Europa ..... Pág. 391
Cuba, o açucareiro do mundo ..... Pág. 414
A situação açucareira em diversos paises, vista por especialistas norte-americanos ..... Pág. 439
Situação das culturas de beterraba em 1939, na Europa ..... Pág. 492

— H —

HISTORICO

Da industria açucareira polonesa ... Pág. 30
Depois da malograda colonização de sua capitania, qual o destino de Pero de Goes? — Alberto Lamego Pág. 45
Origens históricas da industria açucareira em Pernambuco — F. A. Pereira da Costa ..... Pág. 53
Da irrigação em Porto Rico — R. A. Gonzalez ..... Pág. 67
O centenario do primeiro polarímetro — D. Sidersky ..... Pág. 115
Da industria açucareira alemã — capítulo VIII de "Pode a industria dirigir-se a si mesma?" ..... Pág. 117
Origens históricas da industria açucareira em Pernambuco — F. A. Pereira da Costa ..... Pág. 138
Origens históricas da industria açucareira em Pernambuco — F. A. Pereira da Costa ..... Pág. 198
Origens históricas da industria açucareira em Pernambuco — F. A. Pereira da Costa ..... Pág. 293
Latifundios açucareiros no Brasil — Vasconcelos Torres ..... Pág. 322
Da industria açucareira italiana .... Pág. 273
O ciclo do açucar em Campos — Alberto Lamego ..... Pág. 340
Memoria sobre o preço do açucar — d. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho ..... Pág. 451
Tendencias do desenvolvimento e transformações da industria açucareira mundial nos últimos 25 anos — dr. Hugo Ahlfeld ..... Pág. 465
Da industria açucareira e da lavoura da cana e beterraba na Espanha.. Pág. 510

— I —

IMPORTAÇÃO

De açucar na Grã-Bretanha, em 1939-40 . . .. Pág. 94
De açucar dos EE. UU. pela França. — junho de 1940 ..... Pág. 122
De açucar pela Noruega, em 1939 .. Pág. 123
De açucar pela Suecia em 1938-39 .. Pág. 123
Decreto do governo do Uruguai, permitindo a importação de 7.000 sacos de açucar crú. ..... Pág. 180
Elevação dos impostos sobre a de açucar, na Bélgica . .. . Pág. 206
De açucar pelo Egito em 1939-40 ... Pág. 308
De açucar da India pela Inglaterra — 1940 . . .. Pág. 493
De açucar pela Bolivia, em 1939 .... Pág. 494

INOVAÇÕES

Combustivel extraido do jacinto .... Pág. 408
Suco de laranja em vez de gasolina — Agua de bica e pílulas como sucedaneo da gasolina ..... Pág. 409
Pode-se extrair o açucar da tâmara? Pág. 456
O drama dos carburantes — gardol, nacionine, carburol, um economisador de gasolina . . .. Pág. 488
Açucar engarrafado . . .. Pág. 507

INSCRIÇÃO DE FABRICA

Despachos do Presidente do I.A.A. Pág. 22
Do Engenho Vale — Alagoas ..... Pág. 60
Do Engenho Pedreiras — Pernambuco . . .. Pág. 61
Despachos do Presidente do I.A.A. Pág. 102
Transferencia de — requerimento de Cipriano Chaves . . .. Pág. 148
Despachos do Presidente do I.A.A. Pág. 186
Despachos do Presidente do I.A.A. Pág. 288
Transferencia do engenho Sta. Catarina, (Alagoas), para os nomes dos srs. Mario e Ramiro Vieira Mergulhão . . .. Pág. 326
Sobre a existencia de cerca de 30 engenhos não inscritos no I.A.A. Pág. 328
Despachos do Presidente do I.A.A. Pág. 387
Despachos do Presidente do I.A.A. Pág. 479

INSTALAÇÃO DE FABRICA

Montagem de um engenho em Itaguaí Pág. 60
Montagem de um engenho de aguardente, em Carangola (Minas) ... Pág. 412

IRRIGAÇÃO

Dos canaviais de Porto Rico — R. A. Gonzalez . . .. Pág. 67
Caraviais a irrigar — Apolonio Sales Pág. 518

— L —

LEGISLAÇÃO

Sobre a regulamentação do decreto-lei n. 1.831 ..... Pág. 4
Decreto-lei n. 2.311, do governo federal, sobre regulamentação da arrecadação das taxas de defesa e estatística . . .. Pág. 19
Decreto-lei 2.600, do governo alagoano, sobre financiamento da safra 1940-41 . . .. Pág. 19
Decreto 5.890, do governo federal, prorrogando o prazo para obrigatoriedade de contadores automáticos nas fábricas de aguardente e alcool. . . .. Pág. 21
As autarquias ou entes autárquicos — lição do prof. Mario Bulhão .. Pág. 48
Decreto-lei 285, do interventor em Sergipe, isentando de impostos 60.000 sacos de açucar destinados ao exterior . . .. Pág. 98
Decreto-lei 504, do interventor em Pernambuco, autorizando a Cooperativa dos Banguezeiros a contratar empréstimos com o I.A.A.. Pág. 98
O I.A.A. perante o judiciario — caso da Usina Miranda ..... Pág. 112
Proposta no C.C. para reforma da lei n.º 178 . . .. Pág. 149
Decreto-lei 285, do governo sergipano, isentando de impostos 60.000 sacos de açucar que se destinarem à exportação . . .. Pág. 180
Decreto do governo do Uruguai permitindo a importação de 7.000 toneladas de açucar crú ..... Pág. 180
Decreto 1.567 do governo do Paraguai, estabelecendo a fiscalização do desenvolvimento da industrialização da cana de açucar ... Pág. 181
Decreto 1.937 do governo paraguaio, tornando obrigatorio o consumo do carburante nacional . ..... Pág. 182
Projetos Maloney, Cummings e Barry, na legislação estadunidense . Pág. 209
Sobre a regulamentação do decreto-lei n. 1.831 . . .. Pág. 269
Lei constitucional n.º 3, do governo federal, sobre competencia exclusiva dos Estados na decretação de certos impostos . . .. Pág. 283
Lei constitucional n. 4, do governo federal, sobre a competencia da União em tributar a produção e o comercio, combustiveis e lubrificantes líquidos, etc. ..... Pág. 284
Decreto n. 520, do governo pernambucano, sobre despacho de açucar, de fabricação banguê, sem certificado de classificação e qualidade Pág. 284
Decreto-lei n. 2.619, do governo alagoano, determinando que açucar de engenho só será exportado com certificado de classificação e qualidade . . .. Pág. 285

Sobre reforma da lei n. 178 ..... Pág. 329
Autarquias no direito público brasileiro — Oscar Saraiva ..... Pág. 330
Decreto n. 531, do governo pernambucano, proíbindo a exportação de açucar de qualquer qualidade sem certificado de classificação ..... Pág. 385
Aprovação da resolução Cummings nos EE. UU. ..... Pág. 395
Interpretação da lei 178 na C.E. ... Pág. 412
Lei estabilizando a industria açucareira na Australia ..... Pág. 396

LIBERAÇÃO DE EXCESSOS

Redistribuição do remanescente do saldo da produção extra-limite de Pernambuco — 1939 ..... Pág. 238

LIMITAÇÃO

O contingentamento na Polonia — capítulo VII de "Pode a industria dirigir-se a si mesma?" ..... Pág. 30
Aumento de quota da Usina Ipanema — Goiaz ..... Pág. 60
Aumento de quota da Sociedade Cooperativa Pedreira Limitada — Santa Catarina ..... Pág. 60
Da Usina Cachoeirinha — S. Paulo. Pág. 60
Incorporação de quota do Engenho S. José — Minas ..... Pág. 60
Do Engenho Vale — Alagoas ..... Pág. 60
Incorporação de quotas de diversos engenhos à Usina Itaquerê — São Paulo ..... Pág. 60
Utilização da quota da Usina S. João pela Usina Ubaense ..... Pág. 61
Fixação das quotas dos engenhos Vale (Alagoas) e Galante (Sergipe) Pág. 61
Incorporação da quota do engenho Catucá à Usina Santo Antonio — Alagoas ..... Pág. 61
Arquivamento do pedido de incorporação de quotas de diversos engenhos à Usina Itaquerê — S. Paulo Pág. 61
Incorporação de quotas de diversos engenhos à Usina Itaquerê — São Paulo ..... Pág. 61
Incorporação das quotas dos engenhos de Augusto Vilela Pedras e Alcides Monteiro à Usina Volta Grande — Minas ..... Pág. 61
Incorporação das quotas dos engenhos de Erotides S. Moura e Maria M. de Carvalho à Usina Santa Maria — Estado do Rio ..... Pág. 61
Incorporação da quota do engenho de Martiniano Muschik à Usina Volta Grande — Minas ..... Pág. 61
Incorporação da quota do engenho de José T. Tisano à Usina Pontal ... Pág. 61
Aumento da quota do engenho Pedreiras — Pernambuco ..... Pág. 61
Aumento da quota do engenho S. José — Estado do Rio ..... Pág. 61
Das usinas do país por grupos de capacidade de produção ..... Pág. 77
Tabela de preços para pagamento do açucar da quota de equilibrio — safra 1940/41 ..... Pág. 101
O I.A.A. perante o judiciario — sobre fixação da quota da Usina Miranda, de S. Paulo ..... Pág. 112
O contingentamento na Alemanha — capítulo VIII de "Pode a industria dirigir-se a si mesma?" ..... Pág. 117
Incorporação de quotas dos engenhos Santa Brígida, João Vitti, Santa Maria da Ponta do Meio e Cachoeira à Usina Costa Pinto (S. Paulo) Pág. 147
Incorporação de quota do engenho Primavera à Usina Boa Vista (S. Paulo) ..... Pág. 147
Sobre o pagamento do saldo apurado com a quota de exportação aos usineiros de Alagoas ..... Pág. 147
Aumentos de quotas das Usinas Novo Horizonte, Santa Isabel e Tanguá Pág. 148
Utilização da do engenho Recurso pela Usina Central em Sergipe .. Pág. 148
Transferencia da quota do engenho Japaratuba para a Usina Cupuava (S. Paulo) ..... Pág. 148
Transferencia das quotas dos engenhos S. João, S. José, Canal Torto, N. S. da Aparecida às Usinas Santa Rosa e Costa Pinto (Minas) .. Pág. 148
Pagamento aos produtores de Pernambuco do reajustamento da quota de equilibrio ..... Pág. 148
Aviso do Engenho Inhamarema de haver atingido seu limite ..... Pág. 148
Incorporação da quota do engenho de G. Brino Cenedese & Filhos à Usina Costa Pinto (Minas) ..... Pág. 148
Idem da quota do engenho Cachoeira à Usina Volta Grande (Minas) ... Pág. 148
Transferencia de inscrição de quota — requerimento de Cipriano Chaves ..... Pág. 148
Aumento de quota — caso da Usina Ariadnópolis, no M. da Agricultura Pág. 174
Aumento das quotas das usinas fluminenses — caso de um advogado no foro de Niteroi ..... Pág. 175
De açucar de engenho e rapadura — — resolução 19/40 da C.E. ..... Pág. 184
Quotas do açucar de cana e beterraba, nos EE. UU. — projeto Maloney Pág. 209
Quotas de importação de refinados, nos EE. UU. projeto Barry ..... Pág. 210
O contingentamento na Alemanha — capítulo VIII de "Pode a industria dirigir-se a si mesma?" ..... Pág. 224
Quota de importação de Alagoas — importancia apurada ..... Pág. 238
Incorporação da quota do Engenho Bananeira à U. Alegria — (Alagoas) ..... Pág. 238
Reajustamento das quotas de equilibrio, na C.E. ..... Pág. 271
O contingentamento na Italia — capítulo IX de "Pode a industria dirigir-se a si mesma?" ..... Pág. 273
Transferencia de quota do engenho Oriental — Incorporação de quotas dos engenhos dos srs. Alki-

min Luiz da Silva, Isidro Ferreira Braga, Manuel Pereira de Jesus, Sebastião Francisco do Rego, Joaquim Damasceno Neto, Sebastião Vargas Correia, Florival de Souza Leite, Antonio Romero, Joaquim Pedro de Oliveira e Silva, Joaquim de Siqueira Prado, Albano Zocca, Umberto Aldrovandi, Benedito Moreira dos Santos, Antonio Moreira Ortiz, Antenor Vasconcelos Cardoso, Brazilio Antonio Barbosa, Flamino Domingos Dias, Evangelista Barbosa Sandoval, Ettore Bertoliere, Mariano Ferreira de Sousa, Moisés José Dias, João Manuel Martins, Conceição Justino Pereira, Juvenal Rodrigues da Silva, Domingos Mantovani, Antonio José Filho, Francisco Pinheiro da Silva, Joaquim Vilela dos Reis, José Antonio Siqueira Guilherme dos Reis, Antonio Ribeiro de Oliveira, Evangelista Barbosa Lima, José Alves de Sousa, João de Paula Santos, Américo Rodrigues de Paula, Irmãos Figueiredo, Durval Magalhães de Macedo, Antonio de Souza Freire, Yorio Dok, José Olimpio Martins, Joaquim Pereira Pinho e e Ariki Quiski . . . . . Pág. 325

Incorporação de quota do engenho Tonon à Usina Costa Pinto ..... Pág. 326

Idem do engenho de Vilela & Irmão; do do sr. Domingos Caputo; do do sr. J. P. Vieira e Silva à U. Itaquerê; das usinas de José Gobbi e Américo Moreira da Silva à U. da Pedra; dos de Luiz Breda e Gabriel de Morais à U. Costa Pinto; do de Luiz Geraldo & Filho à U. Monte Alegre; dos dos srs. Manuel de Azevedo, Manuel Pereira da Silva, José Francisco Cardoso, Antonio Gomes da Silveira, Ambrosina de Vargas Coimbra e Alexandre José V. Machado à U. Santa Isabel (Estado do Rio) Pág. 326

Do engenho de José Vital de Oliveira à U. Santa Maria ..... Pág. 326

Do engenho Sta. Catarina à Sto. Antonio (Alagoas) ..... Pág. 326

Do engenho de José G. de Oliveira à U. Itaquerê . . . . . Pág. 326

Do engenho de José Cândido de Sousa à U. Monte Alegre ..... Pág. 326

Aumento de quota da Usina Sta. Terezinha (Minas) . . . . . Pág. 327

Incorporação de quotas dos engenhos de Domingos Pinzone, Custodio Teixeira Dutra, Justino Marques Barbosa ao engenho Antonio A. Ribeiro (Minas): dos engenhos de Pedro Colleti, Bartolo Tonon e Felice Zannolli à U. Costa Pinto .. Pág. 327

Dos engenhos de José Lopes Medina e Moacir e Nilcéia Vasques Vieira à U. Volta Grande; do engenho Anhumes à U. Campo Verde .... Pág. 327

Incorporação de quota do engenho Proteção à U. Alegria; dos engenhos de Vitorio Calegaro, Floriano Pinto Sampaio e Raul Lacerda à U. Costa Pinto .. . . . . Pág. 329

Transferencia de quota do engenho de Moacir e Nilcéia Vasques Vieira à U. Volta Grande; do engenho Anhumas . . . . . Pág. 328

Moagem da quota da U. Sta. Rosa nas Usinas S. João e S. Sebastião Pág. 328

Reajustamento da quota da U. Pitanga (Baía) . . . . . Pág. 329

O contingentamento na França — capítulo X de "Pode a industria dirigir-se- a si mesma?" ..... Pág. 382

Aprovação da resolução Cummings nos EE. UU. ..... Pág. 395

E excesso de produção de açucar — Francisco Watson . . . . . Pág. 411

Fixação das quotas de fornecimento de cana (lei 178) na Comissão Executiva . . . . . Pág. 412

Incorporação da quota do engenho S. José à U. Costa Pinto ..... Pág. 412

Incorporação da do engenho do sr. Geraldo F. Montes à U. Volta Grande (Minas) . . . . . Pág. 412

Incorporação da do engenho a usinas provisoriamente . . . . . Pág. 413

Incorporação da do engenho de Simão Barbosa ao engenho Varjão (S. Paulo) . . . . . Pág. 413

Incorporação das quotas dos engenhos dos srs. Francisco Teotonio Correia, Nilo de Sá Vieira, Heitor de Castro França, José Pedro da Silva, Luiz Veloso da Silva à U. Pedrão . . . . . Pág. 413

Incorporação da quota do engenho do sr. Alvaro B. de Miranda à U. Volta Grande . . . . . Pág. 413

Incorporação da quota do engenho do sr. Wasmando M. Nogueira à U. Santa Rosa . . . . . Pág. 414

Fixação das quotas mensais de exportação para Pernambuco e Alagoas Pág. 454

Quotas de exportação dos paises contratantes da Convenção de Chadbourne — 1930-1935 ..... Pág. 478

Incorporação de quotas dos engenhos Sacramento, Pacas, Ipiranga, Levada, Tapuia e Unussú à U. Santo Antonio (Alagoas) . . . . . Pág. 508

Idem do engenho de Ricardo Moretti e Custodio R. A. Junqueira à U. Varjão (S. Paulo) ..... Pág. 508

Idem de Serafim T. dos Santos à U. Lambari (S. Paulo) ..... Pág. 508

Incorporação de quota do engenho Maxicoaba ao engenho Juá (Pernambuco) . . . . . Pág. 508

Transferencia de quota da Usina Pumatí para a Usina Santa Teresinha de Jesus (Pernambuco) ... Pág. 508

Quota de produção — caso do engenho Sobrado. . . . . Pág. 508

Incorporação da quota do engenho de Antonio Pedro de Oliveira e Antonio Ribeiro dos Santos à U. Varjão . . . . . Pág. 508
Aumento de quota — Usina Ilha Bela Pág. 508
Incorporação de quota dos engenhos S. José, Domingues e Panela .... Pág. 509
Quotas das usinas do Estado do Rio — revisão — memorial da U. Santa Ana S/A. ..... Pág. 509
Incorporação de quota do engenho de Agelio Doréia à Usina São Francisco . . .. Pág. 509
Incorporação de engenho de Antonio E. A. Pereira à Usina Barra (Pernambuco) . . .. Pág. 509
Idem do engenho de José Augusto Pedro à Usina Volta Grande .... Pág. 509
Incorporação da quota do engenho Luz (Pernambuco) à U. Serra Grande (Alagoas) . . .. Pág. 509
Utilização provisoria de quota do engenho Roncador na Usina Santo Antonio . . .. Pág. 509
O contingentamento na Espanha — — capitulo XI de "Pode a industria dirigir-se a si mesma?" ..... Pág. 510

LUBRIFICANTES

O lubrificante nacional — Adrião Caminha Filho . . .. Pág. 13

— M —

MAQUINARIO

Auto de apreensão contra o do Engenho Sacramento . . .. Pág. 237
Auto de apreensão contra o do Engenho Boa Esperança . . .. Pág. 237
Sobre substituição do do Engenho Varjão — S. Paulo . . .. Pág. 238
Remoção do de uma fábrica de aguardente de Jerônimo Ometo para Araras (São Paulo) ..... Pág. 328
Acerca do desmonte e lacramento dos dos engenhos Sacramento, Pacas, Ipiranga, Levada, Tapuia e Unussú . . .. Pág. 508
Sobre o do engenho Roncador e o da Usina Ponte Queimada ..... Pág. 509

MEDICINA

O coração é uma bomba que exige estimulantes . . .. Pág. 121
A vitamina K e a cana de açucar ... Pág. 154
Sub-alimentação dos operarios que trabalham em usinas de açucar — Vasconcelos Torres . . .. Pág. 238
O açucar na dieta — Dr. Joseph Z. Schneider . . .. Pág. 343
O açucar na cirurgia . . .. Pág. 376
Caldo de cana — D. B. — "Jornal do Brasil" . . .. Pág. 445

MELAÇOS

Sobre sua combustão ..... Pág. 36
Sua exportação em Cuba — 1939 ... Pág. 40
Produção de melaços finais, em Cuba — 1940 . . .. Pág. 125
Fabricação dos invertidos em Cuba — 1940 . . .. Pág. 209
Sobre o fornecimento de 7 mil toneladas a um comprador novayorkino e a uma empresa uruguaia . .... Pág. 237
Sobre o fornecimento a uma empresa uruguaia . . .. Pág. 326

MERCADOS

Normalização do fluminense com distribuição de quotas do lote vendido à C. U. N. ..... Pág. 94
Perspectivas do açucareiro ante a guerra . . .. Pág. 271
Controle do mundial de açucar pela Inglaterra, ante as necessidades de guerra . . .. Pág. 352
Situação dos da América Central ante a guerra . . . . Pág. 451
Condições atuais dos externos em virtude da guerra "Economia fechada" — "Jornal do Brasil" .... Pág. 520

MOAGEM

Compressão da cana de açucar nas moendas . . .. Pág. 83
Na safra cubana em 1939 ..... Pág. 124
Resultado da das usinas cubanas até abril de 1940 . . .. Pág. 208
Da quota da Usina Santa Rosa nas Usinas S. João e S. Sebastião .. Pág. 328
De canas do engenho Santa Catarina na U. Sto. Antonio (Alagoas) ... Pág. 414
A desintegração da cana antes da moagem . . .. Pág. 450
Do saldo da materia prima da Usina Ponte Queimada na Usina Jatibocá . . .. Pág. 509

MOVIMENTO

Mundial do açucar — 1925/1938 ..... Pág. 475

— O —

ORÇAMENTO

Do I.A.A. — posição em 30-6-940 . Pág. 137
Do I.A.A. — posição em 31-7-940.. Pág. 221
Do I.A.A. — posição em 31-8-940.. Pág. 320
DO I.A.A. — posição em 30-9-940.. Pág. 405
Do I.A.A. — posição em 31-10-940.. Pág. 498

— P —

PLANTADORES

Sobre a situação dos fluminenses ante os usineiros — "Correio da Manhã" Pág. 259

PLUVIOMETRIA

Plano de previsão das safras de açucar — Gileno Dé Carli ..... Pág. 499

POLARIZAÇÃO

O centenario do primeiro polarímetro — D. Sidersky ..... Pág. 115

PREÇOS

Do açucar, no país — junho de 1937, 38, 39 e 40 ..... Pág. 71
Idem Idem, durante junho de 1940 — medias mensais ..... Pág. 74
Tabela para pagamento do açucar da quota de equilibrio - safra 1940-41 Pág. 101
Sobre os que são pagos por cana aos lavradores argentinos ..... Pág. 124
De açucar, no país — julho de 1937, 38, 39 e 40 ..... Pág. 155
Idem Idem, durante julho de 1940 — medias mensais ..... Pág. 158
Sua regularização na Venezuela .... Pág. 122
Durante o mês de agosto de 1940, de açucar, no país ..... Pág. 243
Do açucar refinado em 38 paises — 1938-39 ..... Pág. 281
De açucar na India em 1939-40 ..... Pág. 308
Aumento dos de açucar no Canadá, em 1939 ..... Pág. 310
De açúcares de todos os tipos nas praças nacionais — setembro de 1937, 38, 39 e 40 ..... Pág. 336
De açucar, nas praças nacionais, durante setembro de 1940 ..... Pág. 339
De açucar, nas praças nacionais — outubro de 1937, 38, 39 e 40 ..... Pág. 422
De açucar, no país, durante o mês de outubro ..... Pág. 426
Memoria sobre o do açucar — d. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho ..... Pág. 451
Medios do açucar bruto na bolsa de Nova York — 1900-1937 ..... Pág. 476
De açucar no país — novembro de 1937, 38, 39 e 40 ..... Pág. 513
De açucar no país durante o mês de novembro de 1940 ..... Pág. 516

PRODUÇÃO

Sobre as estimativas da de açucar em 1940-41 ..... Pág. 3
Escrituração da de 1940-41, no país.. Pág. 4
Nos paises afetados pela guerra — 1934-39 ..... Pág. 10
Divisão geográfica da de açucar, no mundo — 1938-40 ..... Pág. 12
Da baga de mamona, no país — art. Caminha Filho ..... Pág. 13
De açucar de beterraba, na Europa — 1938-40 ..... Pág. 37
De açucar de beterraba na Dinamarca, Succia, Lituania, Japão, Mauricio e Egito — 1939 ..... Pág. 37
Anual, de alcool, na Bélgica ..... Pág. 57
De açúcares de usina, no país — junho de 1937, 38, 39 e 40 ..... Pág. 71
Total, de açucar, no país — posição em 30-6-40 ..... Pág. 72
De açucar, na Bélgica, em 1939-40 .. Pág. 122
De açucar, na Dinamarca e Hungria — 1938-39 e 1939-40 ..... Pág. 122
De açucar, na Italia, Suecia, Japão, Cuba, S. Domingos, Java e Porto Rico — 1939-40 ..... Pág. 123
De açucar, em 1939, no Hawaí ..... Pág. 126
De açucar, no país — julho de 1937, 38, 39 e 40 ..... Pág. 155
Total de açucar, no país — posição em 31-7-940 ..... Pág. 156
Safras açucareiras mundiais — 1937-38 1938-39 e 1939-40 — Willett and Gray ..... Pág. 162
De S. Paulo, com especificações e valor — "O Diario" ..... Pág. 167
De alcool motor, no país, de 1932 a 1939 ..... Pág. 168
Sobre a de 1940-41, de açucar, no país — primeiros dois meses ..... Pág. 173
Resolução 19/40, da C.E., sobre a extra-limite de engenho de açucar e rapadura ..... Pág. 184
Sobre o crescente excesso da de açucar, no país — comunicado do I.A.A. ..... Pág. 193
Cubana, de açucar, até março de 1940 — por usina ..... Pág. 208
Do México, de açucar, em -939/40 .. Pág. 212
Sobre o aumento da de açucar, no país, de 1933 a 1940 ..... Pág. 233
De açucar, no país — agosto de 1937, 38, 39 e 40 ..... Pág. 240
Total de açucar, no país — posição em 31-8-940 ..... Pág. 241
De açucar, na Italia — 1939-40 ..... Pág. 245
De acucar de cana e beterraba, nos EE. UU. — 1939 ..... Pág. 250
Safras açucareiras mundiais — Willet & Gray — retificação ..... Pág. 269
Sobre o desenvolvimento da de alcool motor — exposição do chefe da secção respectiva ..... Pág. 270
De açucar, na França, em 1939-40 .. Pág. 307
De açucar, na Holanda — 1939-40 .. Pág. 307
De açucar, na Iugoslavia em 1939-40 Pág. 307
De acucar, na Rumania, Suiça, Turquia, Egito, India — 1939-40..... Pág. 380
De açucar, no Manchukuo — 1939-40 Pág. 309
De açucar do Canadá ..... Pág. 310
De açucar, da Australia ..... Pág. 310
Açucareira mundial — 1937-38 — 1938-39 e 1939-40 ..... Pág. 316
Sobre a de rapadura e de açucar de engenho — ante-projeto na C.E. Pág. 327
Total dos tipos de açúcares de usinas e engenhos — setembro de 1937, 38, 39 e 40 ..... Pág. 336
Total de açucar e alcool, no país — posição em 30-9-40 ..... Pág. 337
De açucar de Java em 1940 — estimativa ..... Pág. 309
Sobre a de açucar e alcool, no país, no mês de setembro de 1940 .... Pág. 357
Defesa da açucareira — Nelson Cou-

tinho . . .. Pág. 374
Resolução 21/40 da C.E. sobre a extra-limite e redistribuição dos saldos na safra 1940/41 . . .. Pág. 386
De açucar bruto no sudoeste europeu — 1937 a 1939 ..... Pág. 392
Limitação e excesso de produção de açucar — Francisco Watson . . .. Pág. 411
Total dos tipos de açucar de usinas e engenhos — outubro de 1937, 38, 39 e 40 . . .. Pág. 423
Total de açucar no país — posição em 31-10-940 . . .. Pág. 424
Situação da nossa, ante as perspectivas dos mercados externos ..... Pág. 451
Sobre a conduta do I.A.A. ante as usinas fluminenses que excederem a margem bonificada ..... Pág. 451
Financiamento da do banguê em Pernambuco e Alagoas ..... Pág. 453
Açucareira mundial — 1900-1914 ... Pág. 469
Açucareira mundial — 1914-1925 ... Pág. 470
Açucareira mundial — 1926-1938 ... Pág. 471
Açucareira mundial — por paises — 1900-1938 . . .. Pág. 472
De beterraba, na França, em 1940 .. Pág. 493
De açucar, na Rumania, em 1939-40. Pág. 493
De açucar na Russia — 1939-40 ..... Pág. 493
De açucar, na União Sul-Africana — 1939-40 . . .. Pág. 493
De açucar no Japão — 1939-40 ..... Pág. 493
Da Argentina — 1935-1939 ..... Pág. 494
De açucar, no Hawaí — 1939-40 .... Pág. 495
De açucar de todos os tipos no país — novembro de 1937, 38, 39 e 40 Pág. 513
Total de açucar no país — posição em 30-11-940 . . .. Pág. 514

PROTECIONISMO

A política protecionista dos Estados Unidos e a industria açucareira de Cuba . . .. Pág. 305

PUBLICAÇÕES

Reapareceu o "Archief" ..... Pág. 77
Recebidas: "O Eco" — "Revista do I.R.B. — "Manual prático do "chauffeur" sem mestre", de M. Antunes Filho — "Catálogo dos insetos encontrados em Pelotas e seus arredores" — "Boletim Técnico da Secretaria de Viação e Obras Públicas de Pernambuco" — "Anuario Azucarero de Cuba" — "Memoria explicativa de um mapa geológico" — "Distribución de enemigos naturales de las moscas de las frutas para su control biologigico" — Diversas . . .. Pág. 83

Sobre a impressão das da Secção de Estatística . . .. Pág. 92
"Dois livros sobre o açucar" — Breno Pinheiro — Uma carta do tenente-coronel Inacio José Veríssimo . . . . Pág. 131
Recebidas: "Anuario Estatístico do Brasil — 1938; "Trabalhos do Ministerio da Agricultura da República Argentina" — "Historia Contemporanea do Açucar no Brasil" — Gileno Dé Carli — "Aspectos açucareiros de Pernambuco" — Gileno Dé Carli — "Publicações do Instituto Nacional de Tecnologia — Diversas ..... Pág. 164
Recebidas: "Dois anos de administração — Novais Filho" — "Boletim do porto do Recife — 1940" — "Revista do Serviço Público" — "Padronização dos orçamentos estaduais e municipais" — "Uma publicação da estação experimental do frio de Montevidéu" — "Mamona, a baga que vale ouro" — — "La industria azucarera en la Republica Argentina" — "Alcool e distilaria — prof. Jaime Rocha de Almeida" — "Revista de Estadistica Municipal de la ciudad de Buenos Aires" — "ABC do motor Diesel — M. Antunes Filho" — "Publicações da estação experimental agrícola de Tucuman" — — Diversas . . .. Pág. 254
Nota sobre o Anuario Açucareiro de 1940 . . .. Pág. 265
"Aspectos Açucareiros de Pernambuco" — Agamenon Magalhães .... Pág. 292
Recebidas: — Brazil Today" — "Estudio sobre metodos para la investigacion de azucares en las melazas — R. Saccone e H. Tabler — "Consumo de alimentos en la zona urbana de Puerto Rico — Diaz Pacheco; "Relatorio de Comissão de vendas dos Usineiros de Alagoas — 1940; "Publicações do Ministerio do Fomento do Perú"; "Finanças do Brasil"; "Boletim Técnico da Secretaria de Viação e Obras Públicas de Pernambuco Diversas . . .. Pág. 350
Recebidas: "Brasil — 1939-40" — "Boletim do Ministerio da Agricultura, Comercio e Industria do Paraguai" — "Boletim Estatístico do Espírito Santo" — "Terra fluminense — Azevedo Filho" — "A Santa Inquisição do Café — Benedito Mergulhão" — "Utilización de un subproducto de la industria azucarera" — Enrique Casanovas — "El alcohol y el petroleo en la Republica Argentina" — Diversas Pág. 441
Sobre o "Anuario Açucareiro" de 1940 Pág. 450
Recebidas: "Prefeitura do Distrito Federal 1940" — "Publicações do Ministerio da Agricultura 1940" — "Ligação ferroviaria Brasil-Bolivia" — "Boletim do Instituto Nacional do Mate" — "Revista de Agricultura, Industria y Comercio de Porto Rico" — Diversas ..... Pág. 519

PUBLICIDADE

Exposição de cana de açucar e derivados, em Campos ..... Pág. 29

— Q —

QUIMICA

Relação entre a viscosidade e a supersaturação nas soluções industriais de açucar ..... Pág. 6
Poder adoçante do açucar ..... Pág. 12
O uso do ácido fosfóriço na fabricação do açucar de cana ..... Pág. 29
Combustão de melaço ..... Pág. 36
Modificação da fórmula de desnaturação do alcool etílico, na França .. Pág. 57
Filtração dos caldos de cana de açucar ..... Pág. 66
Observações sobre o emprego de filtros rotativos ..... Pág. 70
Da preparação dum ênzima ..... Pág. 97
A influencia da inversão parcial da sacarose dos caldos de beterraba sobre a marcha da fermentação .. Pág. 114
Xaropes invertidos concentrados — Pedro Menendez Lees ..... Pág. 127
Processo de sulfitação do açucar branco na India ..... Pág. 239
Por que os refinadores impugnam o recebimento dos cristais molhados? — Ademar Vieira ..... Pág. 231
Composição química dos caldos de variedades cultivadas na Luiziana.. Pág. 266
O problema da decantação — J. G. Alves Pimentel ..... Pág. 347
Materias estranhas na cana ..... Pág. 396
Novo sistema para medir a garapa .. Pág. 402
Pode-se extrair o açucar da tâmara? Pág. 456

RACIONAMENTO

De açucar, em varios países europeus Pág. 122
De açucar, na Inglaterra ..... Pág. 206
De açucar, na Alemanha, França, Inglaterra, Italia, Hungria, Holanda, Suiça, Noruega e União Soviética Pág. 244
De varios carburantes, na Espanha, França, Inglaterra e Italia ..... Pág. 279

RAPADURA

Sobre a produção extra-limites de engenhos de — resolução 1940 da C.E. ..... Pág. 184
Em torno da cobrança da taxa sobre — resolução 20/40 da C.E. ..... Pág. 184
Sobre comentarios de "A União" em torno da política do I.A.A. em relação à rapadura ..... Pág. 264
Cobrança da taxa de defesa e estatística sobre — ante-projeto na C.E. Pág. 327
Sobre a produção extra-limite de — ante-projeto na C.E. ..... Pág. 327
Existencia de cerca de 30 engenhos, de, não inscritos no I.A.A. ..... Pág. 328

REAJUSTAMENTO

De vencimentos do funcionalismo do I.A.A. ..... Pág. 6
Proposta para uma comissão mixta estudar o assunto acima ..... Pág. 149
Declaração do Conselho Consultivo sobre o mesmo assunto ..... Pág. 329

REFINARIA

Por que os refinadores impugnam o recebimento dos cristais molhados? — Ademar Vieira ..... Pág. 231
Sobre o funcionamento da da Usina De Cillo — S. Paulo ..... Pág. 328
Fabrico das refinarias canadenses em 1940 ..... Pág. 494

REGISTRO

Do engenho Bom Retiro — Pernambuco ..... Pág. 148
Do Engenho Jundiá de Cima ..... Pág. 237
Do engenho Oriental ..... Pág. 325
Transferencia do do engenho Capivara — (Alagoas) ..... Pág. 509

RENDIMENTO

De açucar, por hectare, em varios paises — 1934 a 1938 ..... Pág. 466
Da beterraba, por hectare, na Dinamarca, em 1940 ..... Pág. 492
Da cana, na Argentina, em 1938 .... Pág. 494
Estimativa do da beterraba, por hectare, nos Estados Unidos, em 1940 Pág. 495
De variedades de cana de Porto Rico Pág. 518

RETROVENDA

Inicio das operações para Alagoas e Pernambuco — 1940 ..... Pág. 413

RETURBINIZAÇÃO

De açucar, na Usina Olho Dagua .... Pág. 508

— S —

SAFRAS

De beterraba, na Irlanda, em 1940.. Pág. 123
Estimativa da de açucar de S. Domingos — 1939-40 ..... Pág. 125
Limitação oficial da de Java em 1940 Pág. 125
Novo "record" da australiana de açucar em 1940 ..... Pág. 126
De açucar, em 1939, no Hawaí ..... Pág. 126
Defesa da do Brasil em 1940-41, na C.E. ..... Pág. 147
Açucareiras mundiais — 1937 a 1940 — Willett & Gray ..... Pág. 162
Resultados da brasileira de açucar, em 1940-41, nos dois primeiros meses ..... Pág. 173
Término da moagem da cubana, em 1940 ..... Pág. 208

Açucareira, nos EE. UU., em 1939 .. Pág. 250
Perspectiva da de açucar, na Europa, em 1940 . . .. Pág. 252
Açucareiras mundiais — Willett & Gray — retificação ..... Pág. 269
Açucareiras mundiais — 1937-38 — 1938-39 e 1939-40 ..... Pág. 316
Situação da de Sergipe em setembro de 1940 . . .. Pág. 327
De açucar em 1940 — Cuba ..... Pág. 394
Da União Sul-Africana — 1934-40.. Pág. 493
De açucar, na Argentina, em 1940... Pág. 494
Plano de previsão das de açucar — Gileno Dé Carli . ..... Pág. 499

SALDOS

Redistribuição do das usinas sergipanas na safra 39-40 . . .. Pág. 147
Pagamento do apurado p/conta do. açucar extra-limite de Alagoas.. Pág. 147
Redistribuição do remanescente do da produção extra-limite de Pernambuco . . .. Pág. 238

SOLOS

Solos e adubos — W. W. G. Moir ... Pág. 62
A irrigação dos canaviais de Porto Rico — R. A. Gonzalez ..... Pág. 67
Sugestões para melhorar e conservar a fertilidade dos solos — Dionisio I. Aquino . . .. Pág. 79

SORGO

Possibilidades de sua utilização para produzir açucar e alcool ..... Pág. 194

SUB-PRODUTOS

Farelo de cana — Sua adoção no Exército . . .. Pág. 95
O bagaço e sua utilização nos EE. UU. Pág. 197
Papel de celulose ..... Pág. 214
Plano industrial para incrementar a fabricação de papel de imprensa — Ernesto Geiger . . .. Pág. 312
O bagaço da cana como materia prima para o fabrico de papel ..... Pág. 430

— T —

TRANSFERENCIA DE ENGENHO

Remoção de fábrica de aguardente de Jerônico Ometo para Araras (São Paulo) . . .. Pág. 328
De Joaquim José de Aquino, do Ceará para o Rio Grande do Norte .... Pág. 328

TRANSPORTE

De açucar, em Minas, pelos vagões da Leopoldina . . .. Pág. 412

TRIBUTAÇÃO

Decreto-lei 2.311, do governo federal, sobre regulamentação da arrecadação das taxas de defesa e estatística e dá outras providencias .... Pág. 19
Falta de pagamento de taxas pela Usina Jatiboca . . .. Pág. 60
Sobre sonegação de taxas por uma usina de Macaé : "Forçando a mão" — "Jornal do Brasil"; "Produziu clandestinamente 118.020 sacos de açucar — "Correio da Noite"; "Os interesses do Estado acima de quaisquer injunções" — "A Tarde" Pág. 84
Decreto-lei 285, do interventor em Sergipe, isentando de impostos 60.000 sacos de açucar que se destinarem à exportação . . .. Pág. 98
Art. 6.º do decreto lei 504, do interventor em Pernambuco, criando taxa especial sobre açucar de engenho . . .. Pág. 99
Resolução da C.E. sobre o regime atual das taxas de defesa ..... Pág. 147
Sobre comissões pagas aos coletores federais pela arrecadação das taxas de engenhos ..... Pág. 147
Decreto-lei 285, do governo sergipano, isentando de imposto 60.000 sacos de açucar que se destinarem à exportação ..... Pág. 180
Resolução 20/40, da C.E., dispondo sobre cobrança da taxa sobre açucar de engenho e rapadura ..... Pág. 184
Elevação dos impostos sobre importação de açucar, na Bélgica ..... Pág. 206
Idem sobre os do consumo, na Índia Pág. 207
Criado novo imposto sobre a exportação de açucar, em S. Domingos... Pág. 211
Lei constitucional n.º 4, do governo federal, sobre competencia da União em tributar a produção e o comercio, combustiveis e lubrificantes líquidos, etc. ..... Pág. 284
Cobrança das taxas de defesa e estatística sobre açucar de engenho e rapadura — ante-projeto na C.E. Pág. 327
Elevação do imposto de restrição sobre a gasolina na Espanha ..... Pág. 279
Pedido de dispensa da cobrança da taxa sobre banguês, em Minas ... Pág. 412
Pagamento de taxas por A. Fonseca & Cia. . . .. Pág. 413
Cobrança de taxas à Usina Recurso (Maranhão) . . .. Pág. 508
Pagamento de taxas — requerimento de d. Belmira Rezende (Minas).. Pág. 509

— U —

USINAS

Sua limitação por grupos de capacidade de produção ..... Pág. 77
Cucaú — Pernambuco — conclusão de sua distilaria . . .. Pág. 147
A maior da Europa . . .. Pág. 150
Inauguração da distilaria da U. Quissaman . . .. Pág. 269

— V —

VARIEDADES

Sobre o aparecimento de duas novas em Mauricio . . . . . Pág. 142
Composição química dos caldos das variedades cultivadas na Luiziana Pág. 266
Novas variedades na Ilha Mauricio.. Pág. 272
Uma variedade paulista da cana de açucar . . . . . Pág. 346
Obtenção da B. 3013 em Barbados.. Pág. 386
Experiencias com as cultivadas na Luiziana . . . . . Pág. 544
Rendimentos das de Porto Rico .... Pág. 518

VENDAS

De 140 sacos apreendidos à Usina Lambarí . . . . . Pág. 61
Valor das nossas de açucar para a Europa, antes e depois de 1914.. Pág. 166
Sobre a de 10.500 hectolitros de alcool à Espanha . . . . . Pág. 270
De açucar, para consumo e exportação, no Canadá, em 1939 ..... Pág. 494

INDICE POR ESTADOS E PAISES

— A —

ALAGOAS

Decreto-lei 2.600, do governo local, dispondo sobre o financiamento da safra 1940-41 . . . . . Pág. 19
Financiamento de banguês na C.E. do I.A.A. . . . . Pág. 60
Decreto-lei n. 2.619, do governo local, determinando que açucar de engenho só será exportado com certificado de classificação e qualidade . . . . . Pág. 285
Membros da Comissão de Vendas e Defesa do Açucar Banguê ..... Pág. 359
Financiamento do seu açucar banguê Pág. 453

ALEMANHA

Sobre sua industria açucareira — capítulo VIII de "Pode a industria dirigir-se-a si mesma?" ..... Pág. 117
O contingentamento na — capítulo VIII de "Pode a industria dirigir-se a si mesma?" ..... Pág. 224
Racionamento do açucar ..... Pág. 244
Reforçada sua posição, em 1940, como produtora de açucar ..... Pág. 253

ARGENTINA

Agitação entre lavradores da cana, em Tucuman . . . . . Pág. 124
Situação da industria açucareira em 1939 . . . . . Pág. 208
Situação açucareira em 1939-40 .... Pág. 309
A Argentina e o açucar — "Jornal do Brasil" . . . . . Pág. 353
Produção de açucar — 1935-39 — rendimentos da cana, em 1938 ..... Pág. 494

AUSTRALIA

Produção e exportação de açucar em 1939-40 . . . . . Pág. 126
Sobre o suprimento de fertilizantes à sua lavoura canavieira — Produção de açucar em 1939-40 ..... Pág. 310
Progride a industria do açucar na Australia — Colin W. Waddell .. Pág. 324
Lei estabilizando a industria açucareira . . . . . Pág. 396

— B —

BELGICA

Situação açucareira em 1939 ..... Pág. 37
Produção de alcool industrial — 1939 Pág. 57
Situação açucareira em 1939-40 .... Pág. 122
Novos impostos sobre o açucar ..... Pág. 206
Sua economia açucareira ..... Pág. 246

BOLIVIA

Importação de açucar em 1939 .... Pág. 494

BULGARIA

Fomento do cultivo da beterraba ... Pág. 307

— C —

CANADA'

Aumento nos preços do açucar ..... Pág. 310
Fabrico de açucar refinado — vendas para consumo e exportação — importação de açucar — 1939-40 ... Pág. 494

CHINA

Instalação de uma filial da "Meiji Sugar Manufacturing Company", em Shangai . . . . . Pág. 208

CUBA

Movimento açucareiro em 1939 ..... Pág. 40
Término da moagem e produção de melaços finais . . . . . Pág. 124
Movimento da safra de 1940 ..... Pág. 209
Sobre a política protecionista dos Estados Unidos e a sua industria açucareira . . . . . Pág. 305
Safra açucareira em 1940 ..... Pág. 394
Novas diretrizes para a adubação da cana . . . . . Pág. 400
Cuba, o açucareiro do mundo — Charles Morrow Wilson ..... Pág. 414

— D —

DINAMARCA

Movimento açucareiro — 1939 ..... Pág. 37
Produção e consumo em 1938-39 e 39-40 . . .. Pág. 122
Aumento das areas de plantio de beterraba e rendimento por hectare Pág. 492

— E —

EGITO

Consumo de açucar em 1939 — Idem "per capita" . . .. Pág. 40
Fornecimento de açucar ao Sudan .. Pág. 207
Produção, consumo e importação de açucar em 1939-40 ..... Pág. 308

ESPANHA

Situação dos carburantes — impostos sobre a gasolina ..... Pág. 279
Histórico de seu açucar — contingentamento — capítulo XI de "Pode a industria dirigir-se a si mesma?" Pág. 510

ESTADO DO RIO

Acordo entre usineiros e fornecedores . . . . Pág. 267
O ciclo do açucar em Campos — Alberto Lamego . . .. Pág. 340

ESTADOS UNIDOS

Situação do açucar: aumento de 8,43 por cento em 5 anos; consumo "per capita"; setembro, o mês de maior entregas — estoques ..... Pág. 40
Exportação de açucar em 1940 ..... Pág. 125
Utilização industrial do bagaço ..... Pág. 197
Sobre os projetos de lei Maloney e Barry . . .. Pág. 209
Sobre sua safra açucareira em 1939. Pág. 250
Situação do açucar de bordo em 1940 Pág. 378
Sobre entregas e estoques de açucar em 1940 — Aprovação da resolução Commings . . .. Pág. 394
Exportação de açucar, de janeiro a agosto de 1940 — area beterrabeira para 40-41 e produção do açucar de beterraba para a safra de 1941 . . .. Pág. 494

— F —

FILIPINAS

Sobre a situação de sua industria açucareira em 1940 ..... Pág. 304

Situação açucareira — escassez e excesso de açucar . . .. Pág. 394

FRANÇA

Situação açucareira em 1939 ..... Pág. 38
Modificação na fórmula de desnaturação do alcool etílico ..... Pág. 57
Importação de açucar refinado dos Estados Unidos . . .. Pág. 122
Crise de carburantes ..... Pág. 279
Produção e consumo de açucar em 1939-40 . . .. Pág. 307
Plantação de cana de açucar na Guiné . . . . Pág. 311
Sobre o contingentamento de seu açucar — capítulo X de "Pode a industria dirigir-se a si mesma?... Pág. 382
Diminuição da produção beterrabeira, em 1939 . . .. Pág. 493

— G —

GRECIA

Utilização do açucar de uva ..... Pág. 257

GUATEMALA

Produção e consumo de açucar em 1939 . . .. Pág. 310

— H —

HAWAÍ

Produção e safra de açucar em 1939. Pág. 126
Sobre sua situação açucareira em 1939 . . .. Pág. 211
Situação do açucar — controle de parasitas . . .. Pág. 311
Censo açucareiro em 1939 ..... Pág. 495

HOLANDA

Racionamento do açucar ..... Pág. 245
Produção, exportação e consumo de açucar, em 1939-40 . . .. Pág. 307

HUNGRIA

Consumo e produção de açucar até 31 de agosto de 1939 ..... Pág. 122
Situação açucareira, em 1939-40 .... Pág. 245
Situação das beterrabas em 1940 ... Pág. 307
Produção e consumo de açucar em 1939 . . .. Pág. 493

— I —

INDIA

Situação do alcool combustivel ..... Pág. 58
Situação açucareira . . .. Pág. 207
Produção e preços do açucar em 1939-40 . . .. Pág. 308

INGLATERRA

Situação de seu mercado de açucar ante a guerra . . .. Pág. 206

Controle do governo na economia açucareira — Quotas para as industrias inglesas . . .. Pág. 245
A Inglaterra e o açucar — "Jornal do Brasil" . . .. Pág. 258
Medidas restritivas sobre o consumo de essencia . . . . Pág. 280
Medidas para controlar o mercado açucareiro, ante as necessidades de guerra — "Jornal do Brasil" .... Pág. 352
Sobre o abastecimento de açucar para a metrópole pelas colonias ..... Pág. 393
Importação de uma partida de 200 mil toneladas de açucar da India Pág. 493

IRAN

Tentativas para o plantio da cana-planta . . . . Pág. 393

IRLANDA

Safra de beterraba e consumo de açucar em 1940 ..... Pág. 123

ITALIA

Produção de alcool de beterraba; Alcool à base de madeira; Ampliação de uma distilaria de alcool etílico . . .. Pág. 123
Produção e consumo de açucar em 1939-40 . . .. Pág. 123
Produção de alcool à base de uma nova planta . . .. Pág. 232
Sobre seu suprimento de açucar .... Pág. 245
Aumento da area de plantio de beterrabas . . .. Pág. 254
Sobre o contingentamento de açucar — capítulo IX de "Pode a industria dirigir-se a si mesma?" .... Pág. 273
Situação dos carburantes em 1940 — racionamento . . .. Pág. 280

IUGOSLAVIA

Produção de açucar em 1939-40; consumo em 1938-39 . ..... Pág. 307

— J —

JAPÃO

Movimento açucareiro em 1939 ..... Pág. 38
Produção de açucar — falta do produto — para o consumo em 1940. Pág. 123
Produção e consumo, na safra 1939-40 Pág. 494

JAVA

Exportação, estoques, produção safras em 1940 ..... Pág. 125
Estimativa da produção de açucar em 1940; estoques e exportações .... Pág. 309

— L —

LITUANIA

Movimento açucareiro em 1939 ..... Pág. 38

— M —

MANCHUKUO

Plano para aumentar a produção de beterrabas; combate às pragas da lavoura beterrabeira ..... Pág. 309

MAURICIO

Area canavieira — Produção de açucar — Mercado do produto em 1939 . . .. Pág. 39

MEXICO

Produção e consumo de açucar — 1934 a 1939 . . . . Pág. 212

MINAS GERAIS

Criação do Sindicato local de Usineiros de Açucar e Alcool ..... Pág. 60

— N —

NORUEGA

Movimento açucareiro — 1939 ..... Pág. 37
Importação e racionamento de açucar em 1939 . . .. Pág. 123
Situação açucareira em 1940 e racionamento do açucar . . .. Pág. 246

— P —

PARAGUAI

Decreto 1.567, estabelecendo a fiscalização do desenvolvimento da industria da cana de açucar ..... Pág. 181
Decreto 1.937, declarando obrigatorio o consumo do carburante nacional . . .. Pág. 182
Financiamento aos industriais de açucar pelo Banco Agrícola . . .. Pág. 395

PERNAMBUCO

Origens históricas de sua industria açucareira — F. A. Pereira da Costa . . .. Pág. 53
Decreto-lei 504, do interventor local, autorizando a Cooperativa dos Banguezeiros a contratar empréstimos com o I.A.A. ..... Pág. 98
Origens históricas de sua industria açucareira — F. A. Pereira da Costa . . .. Pág. 138
Origens históricas de sua industria açucareira — F. A. Pereira da Costa . . .. Pág. 198
Financiamento, na entre-safra, aos

seus banguezeiros . . . . . Pág. 251
Decreto 520, do governo local, sobre despacho de açucar de fabricação banguê com certificado de classificação e qualidade . . . . . Pág. 284
Origens históricas de sua industria açucareira — F. A. Pereira da Costa — (conclusão) . . . . . Pág. 293
Inaugurada a "Distilaria Central Presidente Vargas" . . . . . Pág. 361
Decreto n.º 531, do governo local, proíbindo a exportação de açucar de qualquer qualidade sem certificado de classificação . . . . . Pág. 385
Defesa do seu açucar banguê pela respectiva Cooperativa . . . . . Pág. 453
Carga e descarga mecânica de açucar no seu porto . . . . . Pág. 512

PERÚ

Parasitas da broca da cana . . . . . Pág. 323

POLONIA

O contingentamento do açucar — capítulo VII de "Pode a industria dirigir-se a si mesma?" . . . . . Pág. 30
Sobre a situação da sua industria açucareira — entrevista do sr. Roman A. Przeworski . . . . . Pág. 380

PORTO RICO

Situação açucareira em 1940 . . . . . Pág. 125
Experiencias com a cana de açucar. Pág. 432
Rendimentos das suas variedades de cana . . . . . Pág. 518

PORTUGAL

Sobre o problema da produção do alcool em Angola . . . . . Pág. 232
Açucar do Brasil para Portugal . . . . Pág. 452
Fixação do consumo provavel em 1940-41 . . . . . Pág. 493

— R —

RUMANIA

Produção de açucar bruto em 1939-40 Pág. 308
Produção e consumo de açucar em 1939-40 — fábricas existentes até aquela data . . . . . Pág. 493

— S —

SÃO DOMINGOS

Safra açucareira de 1939-40 — Consumo e exportação em 1939 . . . . . Pág. 125

BRASIL AÇUCAREIRO

Criado um novo imposto sobre exp tação de açucar . . . . . Pág. 211

SERGIPE

Decreto-lei 285, do interventor local, dispondo sobre isenção de impostos sobre 60.000 sacos de açucar que se destinarem à exportação. Pág. 98
Redistribuição de saldos de usina . . . Pág. 147
Decreto-lei 285, do governo local, isentando de impostos 60.000 sacos de açucar que se destinarem à exportação . . . . . Pág. 180
Situação da sua safra de açucar em setembro de 1940 . . . . . Pág. 327
Há mosaico em Sergipe — Adrião Caminha Filho . . . . . Pág. 398
Financiamento de 50.000 sacos de Açucar do comercio livre local . . Pág. 413

SUECIA

Situação açucareira em 1938-39 . . . . . Pág. 37
Produção, consumo, importação e exportação de açucar em 1939-40 . . Pág. 123

SUIÇA

Controle da industria açucareira . . . Pág. 246
Produção de açucar em 1939-40 e consumo em 1938-39 . . . . . Pág. 308

— T —

TRINIDAD

Experiencias com a cana de açucar Pág. 432

TURQUIA

Produção e consumo de açucar, em 1939-40 — areas de plantio . . . . . Pág. 308

— U —

UNIÃO SOVIETICA

Situação açucareira em 1939-40 . . . . Pág. 246
Areas de plantio de beterraba a 1.º de maio de 1939 . . . . . Pág. 308
Produção, consumo de açucar em 1939-40 — quotas internacionais de exportação — 1940 . . . . . Pág. 493

UNIÃO SUL-AFRICANA

Safras açucareiras 1934 a 1939 . . . . . Pág. 494

URUGUAI

Permitida a importação de açucar crú Pág. 180

INDICE POR AUTORES

— A —

Ahlfeld (dr. Hugo) — Tendencias do desenvolvimento e transformações da industria açucareira mundial nos últimos 25 anos ..... Pág. 465
Aquino (Dionisio I.) — Sugestões para melhorar e desenvolver a fertilidade dos solos ..... Pág. 79
Azeredo Coutinho (d. José Joaquim da Cunha de) — Memoria sobre o preço do açucar ..... Pág. 457

— B —

Beauchamp (C. E.) — Novas diretrizes para a adubação da cana em Cuba. Pág. 400
Borden (R. J.) — Aplicações do nitrogenio (resumo) ..... Pág. 444
Bulhão (Mario) — As autarquias ou entes autárquicos — (palestra) .... Pág. 48

— C —

Caminha Filho (Adrião) — O lubrificante nacional ..... Pág. 13
Caminha Filho (Adrião) — I : I : I .... Pág. 107
Caminha Filho (Adrião) — Sobre o despalhe e sobre o palhiço da cana de açucar ..... Pág. 175
Caminha Filho (Adrião) — Há mosaico em Sergipe ..... Pág. 398
Cassoutte (Paul) — Pode-se extrair o açucar da tâmara? — (resumo) ... Pág. 456
Coutinho (Nelson) — Defesa da produção açucareira ..... Pág. 374
Crespo (Estanislao S.) — A política protecionista dos Estados Unidos e a industria açucareira de Cuba — (resumo) ..... Pág. 305
Cross (William E.) — O bagaço da cana como materia prima para o fabrico de papel ..... Pág. 430
Cross (William E.) — A importancia da entrega da cana fresca à usina — (palestra) ..... Pág. 436

— D —

D. B. — Caldo de cana ..... Pág. 445
Dé Carli (Gileno) — O combustivel e a guerra ..... Pág. 7
Dé Carli (Gileno) — O açucar e a guerra — (palestra) ..... Pág. 51
Dé Carli (Gileno) — O combustivel e a guerra ..... Pág. 96
Dé Carli (Gileno) — Consumo de açucar em 1939 ..... Pág. 176
Dé Carli (Gileno) — O governo do Presidente Vargas, impulsionou a industria açucareira brasileira — (entrevista) ..... Pág. 377
Dé Carli (Gileno) — Plano de previsão das safras de açucar ..... Pág. 499

— F —

Faroux (Charles) — O drama dos carburantes ..... Pág. 486

— G —

Geiger (Ernesto) — Plano industrial para fabricação de papel de imprensa ..... Pág. 312
Gonzalez (R. A.) — A irrigação dos canaviais de Porto Rico ..... Pág. 67
Gordon (A.) — Emprego da cianamida de calcio — (resumo) ..... Pág. 390
Gray (Willett and) — Safras açucareiras mundiais ..... Pág. 162
Gray (Willett and) — Safras açucareiras mundiais ..... Pág. 316
Guaraná (Luiz) — Carta ao Presidente do I.A.A. ..... Pág. 422
Gyulay — Relação entre a viscosidade e a supersaturação nas soluções industriais de açucar (resumo) ..... Pág. 6

— H —

Habif (N.) — Combustão de melaço — (resumo) ..... Pág. 36
Hance (F. E.) — Análise da folha da cana e adubação — (resumo) ..... Pág. 58

— I —

Inojosa (Joaquim) — Institutos ..... Pág. 168

— J —

Jenkins (G. H.) — Observações sobre o emprego de filtros rotativos — (resumo) ..... Pág. 70

— K —

Karpoor (A. N.) — Processo de sulfitação do açucar branco na India — (resumo) ..... Pág. 239
Kreisinger (Henry) — A combustão de materiais lenhosos ..... Pág. 195

— L —

Lamborn (Ody H.) — O açucar americano enfrenta uma nova crise ..... Pág. 75
Lamborn (& Company) — Consumo mundial de açucar — (resumo) ... Pág. 109
Lamborn (& Company) — A situação açucareira mundial ..... Pág. 439
Lamego (Alberto) — Depois da malograda colonização da sua capitania, qual o destino de Pero de Goes? .. Pág. 45
Lamego (Alberto) — O ciclo do açucar de Campos ..... Pág. 340
Leão (Manuel) — O financiamento da entre-safra, aos banguezeiros, em

Pernambuco — (parecer) ..... Pág. 251
Licht (F. O.) — Area beterrabeira da Europa para o ano agrícola 1940-41 Pág. 44
Licht (F. O.) — Perspectiva da safra açucareira européia — (estimativa) Pág. 252

— M —

Magalhães (Agamenon) — Mais um milagre do feixe de varas ..... Pág. 95
Magalhães (Agamenon) — A Distilaria do Cabo ..... Pág. 214
Magalhães (Agamenon) — Aspectos açucareiros de Pernambuco ..... Pág. 292
Magalhães (Agamenon) — Belo exemploo de organização ..... Pág. 410
Magalhães (Agamenon) — Alcool motor ..... Pág. 517
Martin (J. P.) — Causas determinantes da morte das canas — (resumo) ... Pág. 381
Martraire (M.) — A influencia da inversão parcial da sacarose dos caldos de beterraba sobre a marcha da fermentação — (resumo) ..... Pág. 114
McNulty (M. J.) — Filtração dos caldos de cana de açucar — (resumo) Pág. 66
Meade (J. P.) — O uso do ácido fosfórico na fabricação do açucar de cana — (resumo) ..... Pág. 29
Melo (Mario) — Ontem, hoje e amanhã Pág. 272
Menendez Lees (Pedro) — Xaropes invertidos concentrados ..... Pág. 127
Menendez Lees (Pedro) — O Instituto do Açucar e do Alcool do Brasil ... Pág. 215
Michel — Relação entre a viscosidade e a supersaturação nas soluções industriais de açucar — (resumo) ..... Pág. 6
Moir (W. W. G.) — Solos e adubos — (conclusão) ..... Pág. 62

— N —

Nogueira (Paulo A.) — A questão do extra-limite — (carta) ..... Pág. 359

— P —

Pereira da Costa (F. A.) — Origens históricas da industria açucareira de Pernambuco — (continuação) .... Pág. 53
Pereira da Costa (F. A.) — Origens históricas da industria açucareira de Pernambuco — (continuação) .... Pág. 138
Pereira da Costa (F. A.) — Origens históricas da industria açucareira de Pernambuco — (conclusão) ..... Pág. 293
Pereira de Lira (Salvador) — Uma variedade paulista de cana de açucar — (carta) ..... Pág. 346
Pikel (D. Bento) — As pragas que perseguem o agricultor ..... Pág. 247
Pikel (D. Bento) — As pragas que perseguem o agricultor ..... Pág. 427
Pimentel (J. G. Alves) — O problema da decantação ..... Pág. 347
Pinheiro (Breno) — Dois livros sobre o açucar ..... Pág. 131
Przeworski (Roman A.) — A industria açucareira da Polonia — (entrevista) Pág. 380

— R —

Renner — Poder adoçante do açucar — (resumo) ..... Pág. 12
Rosenfeld (A. H.) — Emprego da olhadura da cana como semente ..... Pág. 81

— S —

Sales (Apolonio) — Canaviais a irrigar Pág. 518
Saraiva (Oscar) — Autarquias no direito público brasileiro ..... Pág. 330
Schneider (dr. Joseph Z.) — O açucar na dieta ..... Pág. 343
Siderski (D.) — O centenario do primeiro polarímetro ..... Pág. 115
Sobrinho (Barbosa Lima) — A situação dos extra-limites — (proposta) Pág. 233
Sobrinho (Barbosa Lima) — Discurso na "Distilaria Central Presidente Vargas" ..... Pág. 361

— T —

Torres (Vasconcelos) — Sub-alimentação dos operarios que trabalham em usinas de açucar ..... Pág. 8
Torres (Vasconcelos) — Latifundios açucareiros no Brasil ..... Pág. 322
Tromp (L. A.) — Compressão da cana de açucar nas moendas — (resumo) Pág. 83

— V —

Veríssimo (Inacio José) — Carta ao sr. Gileno Dé Carli ..... Pág. 133
Vieira (Ademar) — Por que os refinadores impugnam o recebimento dos cristais molhados? ..... Pág. 231

— W —

Waddell (Colin W.) — Progride a industria do açucar na Australia ... Pág. 324
Wallerstein (Leo) — Da preparação de um ênzima — (resumo) ..... Pág. 97
Watson (Francisco) — Limitação e excesso de produção de açucar ..... Pág. 411
Weyrauch (Wolfgang) — Parasitas da broca da cana no Perú ..... Pág. 323
Willcox (O. W.) — Pode a industria dirigir-se a si mesma? — capítulo VII — O contingentamento na Polonia ..... Pág. 30
Willcox (O. W.) — Pode a industria dirigir-se a si mesma? — capítulo VIII — O contingentamento na Alemanha ..... Pág. 117
Willcox (O. W.) — Pode a industria dirigir-se a si mesma? — capítulo VIII — (continuação) — O contingentamento na Alemanha ..... Pág. 224
Willcox (O. W.) — Pode a industria dirigir-se a si mesma? — capítulo IX — O contingentamento na Italia Pág. 273

Willcox (O. W.) — Pode a industria dirigir-se a si mesma? — capítulo X — O contingentamento na França Pág. 382
Willcox (O. W.) — Pode a industria dirigir-se a si mesma? — capítulo XI — O contingentamento na Espanha . . .. Pág. 510
Wilson (Charles Morrow) — Cuba, o açucareiro do mundo . . .. Pág. 414

—Y—

Yuen (Q. H.) — Análise da folha da cana e adubação — (resumo) ..... Pág. 58

EXPERIENCIAS NA LUISIANA

Como se sabe, a industria açucareira da Luisiana tem sido, nos últimos anos, seriamente prejudicada pela incidencia de molestias nos seus campos canavieiros e o meio a que ali se recorreu para combater as pragas foi a substituição das variedades cultivadas. O primeiro esforço nesse sentido — informa "The International Sugar Journal" — se orientou para a descoberta, entre as canas importadas, de uma que fosse capaz de resistir às mais perniciosas doenças que então devastavam os canaviais e ao mesmo tempo se adaptasse às condições do meio local. As canas POJ primeiro e as variedades Co depois satisfizeram as exigencias dos plantadores. Esse foi, todavia, um primeiro passo. As condições do meio nos Estados Unidos diferem notavelmente das de Java, especialmente no que se refere às temperaturas durante as estações, ao passo que as da India, embora menos divergentes a esse respeito, acusam tambem marcadas diferenças. Os técnicos norte-americanos convenceram-se diante disso que seria mais proveitoso praticar a hibridação "in-loco" e os resultados que vêm obtendo, a partir de 1936, demonstram a justeza desse ponto de vista. As variedades POJ anteriormente cultivadas, não podem, em quaisquer condições, competir com as mais recentes introduções das series CP, o mesmo acontecendo com as variedades Co.

Outras informações sobre o assunto encontram-se — diz a aludidade revista — numa circular do Ministerio da Agricultura dos Estados Unidos, na qual se registram os resultados obtidos com as duas variedades remanescentes das series Co, a saber, Co 281 e Co 290, que foram os primeiros elementos constitutivos das series CP, CP 807, CP 28/11 e CP 28/19 e com estes são comparados os mais recentes seedlings CP 29/116 e 29/320. Como indicação da complexidade da origem de varios dos mais recentes seedlings, que estão sendo cultivados em escala comercial, é de interesse fixar a origem daquelas a que nos referimos acima. CP 29/320 contem no seu "pedigree" três canas nobres: Ashy Mauritius, Black Cheribon e D 74, e mais Chunnee (S. Barberi) e uma forma indiana de S. spontaneum. CP 29/116 tem uma origem ainda mais complexa, contendo nada menos de cinco canas nobres — Lahaina, Fiji, Bandjarmasin Hitam, Loethers e Black Cheribon, Chunnee e duas variedades de S. spontaneum, uma javanesa e outra indiana.

Das experiencias feitas, segundo a referida circular, verificou-se que o cultivo da variedade Co 281 importa em sacrificio do rendimento de açucar por acre. Co 290 continuou a apresentar os mais altos rendimentos; não se aconselha todavia o seu cultivo em larga escala, por ser suscetivel à geada e ainda porque amadurece rapidamente. CP 28/19 amadurece satisfatoriamente, mas o seu rendimento acusa um declinio progressivo em relação a Co 281. CP 29/320 é um pouco inferior a CP 28/19 em rendimento, de açucar por tonelada de cana, mas ultrapassou esta última variedade por mais de 650 libras de açucar por acre; amadurece cedo e pode ser considerada como uma possivel substituta para CP 28/19, a despeito de não ser muito resistente à ação do vento. CP 29/116 é superior a Co 290 em rendimento de cana, mas sempre inferior quando comparada na base do rendimento de açucar por acre.

Entre as variedades mais novas, CP 29/99 e CP 29/131 ultrapassaram Co 281 em rendimento de cana e de açucar por acre, mas foram inferiores em rendimento de açucar por tonelada de cana. Essas variedades não foram submetidas a experiencias severas, de sorte que não é possivel determinar o seu justo valor.

Tinta para caneta tinteiro?

Só "SARDINHA"!!!

A única que não entope as canetas

Fabricantes:

J. A. Sardinha, Sucs.

Rua do Senado, 218

Rio de Janeiro

A defesa da produção açucareira

(2ª edição)

pelo

dr. Leonardo Truda

Preço	**12$000**
Pelo Correio	**12$700**

A venda no Instituto do Açucar e do Alcool

Historia contemporanea do açucar no Brasil

Preço	**10$000**
Pelo Correio	**10$600**

Aspectos açucareiros de Pernambuco

Preço	**8$000**
Pelo Correio	**8$600**

por Gileno Dé Carli

A venda no Instituto do Açucar e do Alcool

BRASIL AÇUCAREIRO

ORGÃO OFICIAL DO INSTITUTO DO AÇUCAR E DO ALCOOL

Registrado com o n.º 7.626, em 17-10-934, no 3.º Oficio do Registro de Títulos e Documentos

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA GENERAL CAMARA N. 19 7.º AND. - S. 12

TELEFONE: 23-6252 — CAIXA POSTAL, 420

OFICINAS — RUA MAYRINK VEIGA, 22 — TELEFONE 23-3990

DIRETOR — **Miguel Costa Filho**
Redator principal — **Joaquim de Melo**
Redatores — **Gileno Dé Carli, Teodoro Cabral, José Leite e Renato Vieira de Melo**

Assinatura (anual), para o Brasil	**25$000**
Assinatura (anual), para o exterior	**35$000**
Número avulso.....	**3$000**

Acham-se esgotados, para venda avulsa, os números de março, abril e maio de 1934, abril e junho de 1935 e janeiro e março de 1936.

Vendem-se, porém, coleções desde o 3.º volume, solidamente encadernadas, por semestres.

As remessas de valores, vales postais, etc., devem ser feitas ao Instituto do Açucar e do Alcool e não a BRASIL AÇUCAREIRO ou nomes individuais.

ANUNCIOS:

1 Página.....	**400$000**
1/2 "	**200$000**
1/4 "	**100$000**

Os anuncios com colocação determinada pagarão mais 20%.
Os recibos só serão válidos quando assinados pelo diretor.
Agentes de publicidade : Pernambuco — **Otavio de Morais ;**
Porto Alegre — **Heitor Porto & Cia**.

Representante para as Repúblicas Argentina e do Uruguai :
Gaston T. G. DE MOL — Caixa Postal 793 - BUENOS AIRES.

ANUARIO AÇUCAREIRO

DE 1935, 1936, 1937, 1938, 1939 E 1940

PREÇO DO EXEMPLAR

brochura - 10$000

encadernado - 20$000

ANUNCIOS:

Página a cores. . . . . 1:000$000
Página de cor preta. . . . . 600$000

A' venda nas Delegacias Regionais do Instituto do Açucar e do Alcool nos Estados da Paraíba, Pernambuco, Alagôas, Sergipe, Baía, Rio de Janeiro (Campos), São Paulo, Minas Gerais e na sede :

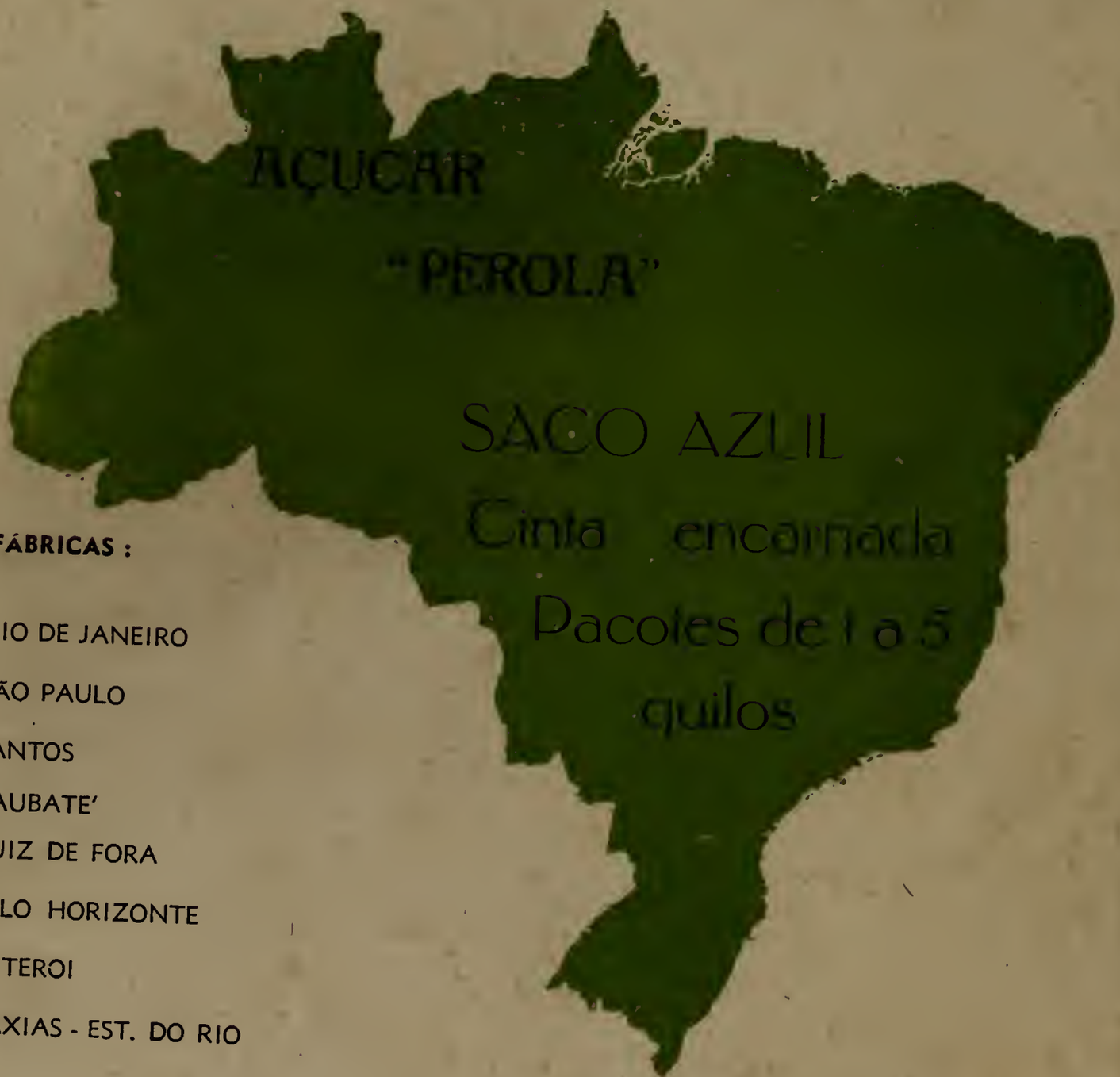
Secção de Publicidade

RUA GENERAL CAMARA, 19-7.º and.—s. 12

Tel. 23-6252 — Caixa Postal 420

DISTRITO FEDERAL

Companhia Usinas Nacionais



FÁBRICAS :

RIO DE JANEIRO

SÃO PAULO

SANTOS

TAUBATE'

JUIZ DE FORA

BELO HORIZONTE

NITEROI

CAXIAS - EST. DO RIO

SEDE:

RUA PEDRO ALVES, 319
TELEGRAMAS "USINAS"
TELEFONE 43-4830
RIO DE JANEIRO

Esta Revista foi composta e impressa na Gráfica Rio-Arte — S/A J. Lucena — Rua Mayrink Veiga, 22 — Rio de Janeiro